

**ALINE CERUTTI PEREIRA**

**REPRESENTAÇÕES FRANCISCANAS:  
O Padroeiro Reformador na Paróquia São Francisco de Assis  
em Campo Grande- Mato Grosso do Sul (1950 a 1980)**

**ALINE CERUTTI PEREIRA**

**REPRESENTAÇÕES FRANCISCANAS:  
O Padroeiro Reformador na Paróquia São Francisco de Assis  
em Campo Grande- Mato Grosso do Sul (1950 a 1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade Federal da Grande Dourados,  
para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Damião Duque de Farias

Dourados – 2006

**255.309817125**

**P 436 r**

**Pereira, Aline Cerutti**

Representações Franciscanas: O Padroeiro Reformador na Paróquia São Francisco de Assis em Campo Grande - Mato Grosso do Sul (1950 a 1980) / Aline Cerutti Pereira. – Dourados: UFGD, 2006

p.165

Orientador: Prof. Dr. Damião Duque de Farias

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Representações franciscanas – Mato Grosso do Sul – Modernidade. 2 Catolicismo – Renovações e tradições - Identidades e alteridades. 3. Paróquia de São Francisco de Assis – Campo Grande, MS – História. I. Título.

**ALINE CERUTTI PEREIRA**

**REPRESENTAÇÕES FRANCISCANAS: O  
Padroeiro Reformador na Paróquia São  
Francisco de Assis em Campo Grande- MS  
(1950-1980)**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador \_\_\_\_\_

2º Examinador \_\_\_\_\_

3º Examinador \_\_\_\_\_

Dourados, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**DADOS CURRICULARES**  
**ALINE CERUTTI PEREIRA**

NASCIMENTO	23/03/1963 - PORTO ALEGRE/RS
FILIAÇÃO	João Carlos Cerutti Silvia Sesti Cerutti
1985	Curso de Graduação em Educação Artística, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS
2003	Curso de Pós Graduação em Arte e Novas Tecnologias na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre as representações franciscanas na Paróquia São Francisco de Assis, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O objetivo é compreender como as representações franciscanas foram ressignificadas, ao longo do período de renovação católica (1950 a 1980), permeadas pelo contexto histórico, promovendo a edificação e perpetuação da Igreja Católica, justificando a vinda e permanência da Missão Franciscana no novo campo de missão religiosa. Mostram como as representações franciscanas, a partir da construção de identidades e diferenças, vão fortalecendo os vínculos sociais, possibilitando a criação, permanência e renovação de grupos comunitários na paróquia. Os franciscanos passam a ressignificar o seu trabalho contam, para isto, com a participação dos leigos na Igreja, que formam a “família paroquial”, atendendo as novas diretivas da Igreja Católica pós Concílio Vaticano II (1962-1965). Novas propostas como os Neocatecumenais, renovam as comunidades franciscanas, discursos que privilegiam a espiritualidade e o carisma a partir do Santo, em detrimento da preocupação social transformadora, outrora proposta pela Teologia da Libertação. Dessa forma, comunidades e franciscanos buscam ressignificar, reinventar as tradições e produzir as representações.

**Palavras-chave: representação - ressignificação – igreja –identidades - diferenças**

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a study about the Franciscan representations in the Parish San Francisco of Assis, in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. The objective is to understand as the Franciscan representations they were resignification, along the period of Catholic renewal (1950 to 1980), permeated by the historical context, promoting the edification and perpetuate of the Catholic Church, justifying the coming and permanence of the Franciscan Mission in the new field of religious mission. They show as the Franciscan representations, starting from the construction of identities and “diferences”, they are going strengthening the social entails, making possible the creation, permanence and renewal of community groups in the parish. The Franciscans pass to resignify your work they count, for this, with the participation of the lay ones in the Church, that it form the “parochial family”, assisting the new ones directing of the Church Catholic powders The Second Ecumenical Council of the Vatican (1962-1965). New proposals like Neocatecumenais, renew the Franciscan communities, speeches that privilege the spirituality and the charisma starting from Saint, in detriment of the concern social transformer, formerly proposed by the Theology of the Liberation. In that way, communities and Franciscans look for to resignify, to reinvent the traditions and to produce the representations.

**Key words: representation – resignification – church – identities - diferences**

*Ao meu pai João Carlos e  
a minha mãe Silvia,  
meu porto seguro,  
exemplo de trabalho e amor.*

*Aos meus amores  
Carina, Danilo, Douglas e Juliana,  
deles, nasce sempre a força  
para vencer os desafios.*



## AGRADECIMENTOS

Neste momento, penso com carinho em tantas pessoas que, muitas vezes, deixaram seus afazeres e, atenciosamente, compartilharam desse momento comigo, em especial, os amigos Ricardo, Miriam, Mirta, Marta, Rodrigo, Amauri, e os demais colegas que dividiram comigo as angústias e o prazer do mestrado em História.

Agradeço a todas as pessoas que ao longo desta pesquisa foram fundamentais para que pudesse recolher os dados e encontrar as fontes necessárias para a pesquisa, em especial, à Maria Reis, bibliotecária da Arquidiocese de Campo Grande, ao Sr. José de Almeida, do Caminho Neocatecumenato, aos freis franciscanos, em especial ao Frei Miguel Löffler, Frei Márcio e o Pároco Frei Anaclecio, também, à secretária Jane que gentilmente sempre me atenderam na Igreja – Conventual de São Francisco de Assis.

Agradeço às minhas amigas muito especiais à Joelma B. Nascimento, por ter fotografado as imagens da igreja São Francisco, Andréia Maria. F. Q. Alves e Maria Cristina R. Benito, Camila Aita e Claudia Ollé, pela partilha de um tempo precioso de nossas vidas, que jamais esquecerei, e serei sempre grata pelo carinho e amizade recebidos. Aos professores do mestrado, meu muito obrigada pela gentileza e atenção, mas, principalmente, por que me possibilitarem adquirir conhecimento em História, que estão sendo extremamente úteis ao meu trabalho em Artes, com meus alunos.

Meus agradecimentos a Márcia e Solange pelo apoio na revisão do texto.

Agradeço, também, aos amigos e colegas da Secretaria de Estado de Educação e do Centro Universitário da Grande Dourados, pelo apoio e compreensão ao longo do tempo, em que o trabalho e a pesquisa foram arduamente compartilhados.

Não seria possível agradecer nesta página a todos que gentilmente me auxiliaram ao longo desta jornada. Mas saibam o quanto os estimo e serei sempre grata a eles.

## AGRADECIMENTO MUITO ESPECIAL

Ao meu orientador, prof<sup>o</sup> Dr. Damião Duque de Farias, que gentil e pacientemente proporcionou-me estímulos, apontando os caminhos para minha pesquisa, provocando-me em momentos de dúvidas e atendendo-me com o profissionalismo de um grande mestre. Sinto-me honrada por ter sido sua aluna e orientanda.

## *O Interior da Alma*

*O olho do espírito em parte nenhuma pode encontrar mais  
deslumbramentos, nem mais trevas, do que no homem, nem fixar-se  
em coisa nenhuma, que seja mais temível, complicada, misteriosa e  
infinita.*

*Há um espetáculo mais solene do que o mar, é o céu; e há outro mais  
solene do que o céu, é o interior da alma.*

*Fazer o poema da consciência humana, mas que não fosse senão a  
respeito de um só homem, e ainda nos homens o mais ínfimo, seria  
fundir todas as epopéias numa epopéia superior e definitiva.*

*A consciência é o caos das quimeras, das ambições e das tentativas, o  
cadinho dos sonhos, o antro das idéias vergonhosas: é o pandemônio  
dos sofismas, é o campo de batalha das paixões.*

*Penetrai, a certas horas, através da face lívida de um ser humano, e  
olhai por trás dela, olhai nessa alma, olhai nessa obscuridade.*

*Há ali, sob a superfície límpida do silêncio exterior, combates de  
gigante como em Homero, brigas de dragões e hidras, e nuvens de  
fantasmas, como em Milton, espirais visionárias como em Dante.*

*Sombria coisa esse infinito que todo o homem em si abarca, e pelo  
qual ele regula desesperado as vontades do seu cérebro e as ações da  
sua vida!*

*Victor Hugo, in 'Os Miseráveis'*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VI</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>XIII</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. AS REPRESENTAÇÕES FRANCISCANAS: vestindo o Santo, construindo uma fraternidade em outras terras, em outra gente.....</b>	<b>22</b>
<b>1.1. A consagração de um leigo em santo, propriedade do catolicismo     produzindo o franciscanismo.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2. Francisco, o leigo que se tornou santo, produzindo representações     identitárias com Jesus Cristo Crucificado.....</b>	<b>29</b>
<b>1.3. História e memória franciscana: construindo uma fraternidade no     antigo sul de Mato Grosso.....</b>	<b>42</b>
<b>-1.4. Os primeiros missionários, as primeiras representações: ora, o pobre     no meio dos pobres, ora o herói salvando almas e civilizando a barbárie.....</b>	<b>43</b>
<b>2 ENTRE REPRESENTAÇÕES, TRADIÇÕES E RENOVAÇÕES: consolidando o Franciscanismo no antigo sul de Mato Grosso.....</b>	<b>56</b>
<b>2.1 Edificando as Representações Franciscanas: ação e desenvolvimento     nos anos 50 do século XX.....</b>	<b>60</b>
<b>2.1.1. A Igreja–Conventual de São Francisco de Assis: tornando a Missão         franciscana visivelmente concreta em Campo Grande .....</b>	<b>63</b>
<b>2.1.2. Sagração do território da Paróquia São Francisco de Assis e a disputa         com outras religiões no campo do sagrado.....</b>	<b>78</b>
<b>2.2. Renovando as representações franciscanas: o Santo bom e pai dos     pobres, nos anos 60 do século XX.....</b>	<b>83</b>
<b>2.2.1. Renovando as práticas tradicionalistas católicas: formando a família         paroquial.....</b>	<b>88</b>
<b>2.2.2. O Franciscanismo bebe na fonte, produz representações e         identificações: o Santo como o bom e o pai dos pobres.....</b>	<b>94</b>
<b>2.3. As representações Franciscanas, formando comunidades, nos anos 70 e     80 do século XX.....</b>	<b>99</b>

<b>2.3.1. Diocese de Campo Grande e paróquias união em prol do discurso renovador.....</b>	<b>103</b>
<b>2.3.2. Produzindo laços comunitários na fraternidade e paróquia São Francisco de Assis a partir das relações de identidades e alteridades.....</b>	<b>105</b>
<b><u>3. A FRATERNIDADE FRANCISCANA E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE: resignificando as representações, plantando o carisma entre identidades e alteridades.....</u></b>	<b>114</b>
<b>3.1. Fraternidade e Comunidades, construindo novas relações sociais, impostas pelo contexto da modernização da cidade.....</b>	<b>121</b>
<b>3.1.1 Os primeiros movimentos na Paróquia Franciscana identidades e alteridades, conflitos e unidade nas CEBs.....</b>	<b>125</b>
<b>3.1.2. Os franciscanos e a comunidade Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito: a disputa pelo espaço do sagrado.....</b>	<b>133</b>
<b>3.1.3. Os Franciscanos e a Comunidade Palomeras: renovando o caminho da conversão espiritual com velhas representações.....</b>	<b>138</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....</b>	<b>152</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS O Santo Padroeiro Reformador: tradições e renovações nas comunidades.....</b>	<b>159</b>

## LISTA DE FIGURAS

1. O CRUCIFIXO DE SÃO DAMIÃO .....	30
2. IMAGEM QUE REPRESENTA O TAU.....	35
3.DETALHE DO PAINEL DE PORTINARI NA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA PAMPULHA, BELO HORIZONTE, MINAS GERAL. ....	42
4.FOTOGRAFIA DOS 4 PRIMEIROS MISSIONÁRIOS .....	48
5.IGREJINHA DE ENTRE RIOS ( 1906), ENCONTRADA PELOS FRANCISCANOS EM 1938.....	49
6. IGREJA PAROQUIAL DE ENTRE RIOS CONSTRUÍDA EM 1945 PELO FREI LEANDRO SCHNABEL .....	48
7. FREI FRANCISCO BRUGGER O.F.M EM UMA VIAGEM DE DESOBRIGA EM 1960 .....	51
8. ANTIGA FÁBRICA DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ -.....	66
9. BAIRRO DO CASCUDO .....	66
10.FOTO AÉREA DO BAIRRO SÃO FRANCISCO (ANO 2004), AO CENTRO ENCONTRAMOS A IGREJA CONVENTUAL.....	67
11. IGREJA – DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM MINAS GERAIS (1947).....	68
12. ESCOLA ESTADUAL CAMPO GRANDENSE.....	69
13. IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM CAMPO GRANDE .....	69
14. DETALHE DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM CAMPO GRANDE (1955) .....	70
15. FOTOGRAFIA DA PARTE INTERNA DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS .....	71
16. DETALHE DO VITRAL NO ALTAR DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS .....	72
17. FOTOGRAFIA DO ALTAR DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS .....	73
18. DETALHE DO ALTAR DA IGREJA.....	74
19. DETALHE DA ESTÁTUA DE SÃO FRANCISCO NO ALTAR .....	74
20. VITRAL DA IGREJA – CONVERSÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS .....	76
21. VITRAL DA IGREJA – SÃO FRANCISCO DE ASSIS RECEBE A MISSÃO DE RECONTRUIR A IGREJA .....	76
22. VITRAL DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS: FRANCISCO RECEBE A CAPA DO BISPO QUE LHE COBRE A NUDEZ .....	77
23 – VITRAL DA IGREJA SÃO FRANCISCO – FRANCISCO COM A NATUREZA, ENTRE LOBOS E CORDEIROS.....	77
24. JARDIM INTERNO DO CONVENTO ANOS 50 DO SÉC. XX.....	78

<b>25. A HORTA FEITA NA PARÓQUIA PELOS FREIS.....</b>	<b>78</b>
<b>26. PROCISSÃO NA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS NOS ANOS 50.....</b>	<b>80</b>
<b>27. PROCISSÃO NA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS NOS ANOS 50.....</b>	<b>80</b>
<b>28. FREI ENGELBERT E FREI CIPRIANO COM O AUTOMÓVEL.....</b>	<b>81</b>
<b>29. IRMÃ FELICIANA BETO, IRMÃ AMÁLIA CRSITOFCLINI E IRMÃ CAROLINI ISTRINGARI</b>	<b>93</b>
<b>30 FREI OSVALDO BRAUN OFM .....</b>	<b>95</b>
<b>31. IMAGEM DE JOÃO PAULO II, UTILIZADO PARA PUBLICIDADE DE UMA MARCA DE ROUPAS.....</b>	<b>118</b>
<b>32.SÍMBOLO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL .....</b>	<b>140</b>
<b>33- SR. JOSÉ DE ALMEIDA ORGANIZANDO A MESA PARA CERIMÔNIA-.....</b>	<b>145</b>
<b>34. NA FOTOGRAFIA O PÁROCO CONSAGRA O PÃO (HÓSTIA) QUE ESTÁ EM SUAS MÃOS.....</b>	<b>146</b>
<b>35.GRUPO DA COMUNIDADE RESPONSÁVEL PELOS CÂNTICOS .....</b>	<b>146</b>
<b>36. A COMUNIDADE PALOMERAS EM VOLTA DA MESA EM MOMENTO DE ORAÇÃO.....</b>	<b>147</b>

## INTRODUÇÃO

*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.  
F. Pessoa*

Estudar, aprender e trabalhar tem sido um trilhar constante na minha vida. Talvez, esses aspectos tenham se tornado mais importantes do que viver outros fatos, nesses, últimos anos de pesquisa, no Mestrado em História.

Penso que tenho aprendido e gostado da vida assim, só saberei ao certo depois de cumprida esta etapa e retomada a vida rotineira do dia a dia.

Só sei que já não sou mais a mesma. O professor Jérri Roberto Marin, com as leituras sobre Maffesoli (1996) nos ensinou que a identidade está em constante reconstrução, produz novas personalidades, vida pessoal e profissional, no meu caso, principalmente, a partir de 2003, quando iniciei a jornada como aluna especial no Mestrado em História, na Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, em Mato Grosso do Sul.

Na disciplina de Historiografia Brasileira, ministrada pelo professor Damião Duque de Farias, realizei as primeiras leituras para minha aprendizagem, concluindo em 2004, as outras disciplinas estabelecidas pelo programa. Nessa caminhada pude reformular velhos conceitos e adquirir novos conhecimentos.

Como sou da área da educação, habilitada em Artes Plásticas, meu interesse por História se deve à paixão pela História da Arte<sup>1</sup>, e por necessitar adquirir conhecimentos que me oportunizassem refletir e compreender melhor o contexto histórico<sup>2</sup> onde a obra foi produzida.

Ao longo do curso, compreendi que a História deve ser concebida como ciência, porém, não se organiza como as outras ciências, nem pode ser produzida como experimentos em laboratório.

---

<sup>1</sup> História da Arte é uma temática que faz parte dos domínios do Campo Histórico (BARROS, 2004, p. 19).

<sup>2</sup> Segundo Barros “Todo texto é produzido em um lugar que é definido não apenas por um autor, pelo seu estilo e pela história de vida deste autor, mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor, e através dele no texto” (BARROS, 2004, p. 137).



O ponto de partida e as conclusões são diferentes das outras ciências, não nascem de hipóteses, mas de fatos, produzem representações localizadas em lugar e data próprios. A conclusão é permeada de conhecimentos adquiridos ao longo do processo, argumentados a partir dos fatos levantados, inferindo a resolução para o problema (COLLINGWOOD, 1972, p. 308 - 9).

Na História, pode-se realizar um amplo estudo de questões com diferentes abordagens. Por meio de debates de textos estudados e de questões levantadas nas aulas, optei pela temática religiosa, motivada por algumas pesquisas que estavam sendo realizadas por colegas, na universidade. Tive, ainda, a oportunidade de ouvir o prof<sup>o</sup> Dr. Damião Duque de Farias, discorrendo sobre sua tese de Doutorado<sup>3</sup>, o que despertou ainda mais o meu interesse. Em seu relato, enfatizou o processo de renovação católica na modernidade, período em que a Igreja passou a assumir um projeto político popular, sem esquecer o passado e as tradições. Segundo Farias (2002, p. 324), a Igreja enfrentou os desafios impostos pela modernidade capitalista, utilizou-se de estratégias e de reformas para se fortalecer frente às outras instituições, e garantir a sobrevivência no mercado de bens simbólicos no Brasil.

A religião católica teve um papel marcante no projeto de nacionalização e de modernização no país. Ela expandiu e afirmou suas tradições em lugares considerados distantes, como no antigo sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Região marcada por fortes contrastes culturais e práticas religiosas diversas, graças ao movimento imigratório, principalmente dos fronteiriços como do Paraguai e Bolívia.

Após a leitura completa da tese do professor Farias, bem como de outras teses e dissertações sobre o assunto, especialmente as voltadas à realidade do antigo sul de Mato Grosso, o que permitiu definir melhor o meu objeto de pesquisa.

A temática no campo da religião veio ao encontro dos meus interesses, possibilitando a reflexão sobre o vivido, pois vinha observando as renovações nos rituais católicos, nas paróquias de Campo Grande, percebendo suas inovações e tradições.

Para a compreensão das transformações da Igreja católica, foram necessários conhecer o contexto dos anos 50 a 80, do século XX, e estabelecer relação do antigo Mato Grosso com o Brasil e o mundo, pois, para elaboração do discurso histórico, busca-se, no conhecimento do passado, as marcas e depois a representação mental resultante dessa análise (MATOSO, 1988, p. 16).

---

<sup>3</sup> FARIAS, Damião Duque de. Crise e Renovação Católica na Cidade de São Paulo: impasses do progressismo e permanências do conservadorismo (1945 -1975). FFLCH-USP. São Paulo, 2002.

Várias questões surgiram no início e ao longo da pesquisa, como por exemplo: Que paróquia escolher e por quê?

A escolha não foi muito lógica, ou seja, a decisão não foi pela paróquia, a que teria mais acesso às informações, mas, sim, a que suscitava mais questões para pesquisa. A escolha se deu naquela que mistura tradição e modernidade, a que me encantou pela iconografia, pela arquitetura colonial, uma igreja-conventual, com vitrais que falam sobre o seu padroeiro.

O Santo que pouco conhecia, sabia apenas que São Francisco de Assis viveu para pregar o amor fraterno, especialmente, entre os pobres e os animais.

As representações construídas em torno do Santo, e que eu conhecia, eram as mesmas contadas em *fábulas* quando criança na catequese, e pelos escritos e ilustrações.

Aos poucos, outras informações foram desvelando todo um universo de questões e representações<sup>4</sup> sobre este tema, refletido, principalmente, por meio das referências bibliográficas de Le Goff (2001) e de Spoto (2003).

Entre histórias e representações, conheci mais sobre o Santo. Concordo, no entanto, com Le Goff (2001, p.12), quando diz que o que conseguimos a esse respeito é a aproximação do “verdadeiro São Francisco ou ainda, uma vez que meu esforço de autenticidade objetiva não se livra de uma interpretação pessoal, meu São Francisco”.

O primeiro contato com as representações franciscanas e São Francisco de Assis foi através de artigo da revista *Veja*<sup>5</sup>, falando sobre o lançamento do livro *O Santo Relutante*. Mais tarde, entrei em contato com a biografia do Santo, por meio da obra *São Francisco de Assis*, escrito por Le Goff (2001).

A partir disso, intensifiquei minhas visitas à igreja São Francisco, em Campo Grande/MS, acompanhando os eventos, as homenagens ao Santo, ouvindo os discursos litúrgicos, conversando com as pessoas da paróquia, lendo as imagens, buscando informações na Internet, nas dissertações e teses publicadas com essa temática.

Um universo de questões foi surgindo, definindo melhor o objeto de pesquisa - compreender como as representações franciscanas foram produzidas e resignificadas, a partir da vida e obra do padroeiro reformador, São Francisco de Assis, no contexto de

---

<sup>4</sup>O termo representação vem do latim *repraesentate*, que significa fazer presente ou apresentar de novo, alguém ou alguma coisa, ausente. Nos tempos modernos ganha novas acepções, representar aprendendo o real verdadeiro, para além da presença sensorial, é conhecer. Na teoria do simbólico, aparece como representações sociais, com formas e funções simbólicas, onde o objeto ausente é reapresentado e expresso em materialidade, por intermédio de uma imagem, símbolos, sinais e emblemas (FALCON IN: CARDOSO, C.F, 2000, p.45) .

<sup>5</sup>SPOTO, D. *Francisco, o Santo Relutante*. *Veja*, São Paulo, p. 104 – 108, 18 jun. 2003.

renovação católica (1950 a 1980), na Paróquia São Francisco de Assis, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

As reflexões e a escrita deste trabalho de pesquisa foram obtidas por meio da leitura bibliográfica e análise documental de fontes primárias e secundárias, encontradas, principalmente, na arquidiocese de Campo Grande e na paróquia São Francisco, seguindo os procedimentos da pesquisa histórica, em uma abordagem qualitativa.

Dessa forma, fontes diversas orais, escritas e imagéticas foram analisadas, como exemplo, o Livro Tombo da Paróquia, o livro *Crônicas da Missão Franciscana*, os registros fotográficos, os livros de memórias dos franciscanos, e outras documentações. A pesquisa, também se deu por meio de interlocuções com os leigos participantes nas comunidades de Palomeras e São Benedito, paróquia São Francisco de Assis, e com os freis franciscanos, no convento. Por meio dessas fontes, foram percebidos os silêncios e as ênfases.

Os percalços desta pesquisa ocorreram quanto aos registros de 1971 e até 1984, pois, muitos documentos foram destruídos. Nesse sentido, Barros (2004, p.140), faz o seguinte alerta que, para abriremos as portas secretas da decifração, precisamos perguntar: “Com quem falas? Do que falas? Mas, também, sobre o que silencias”.

A análise das fontes imagéticas<sup>6</sup> (fotografias, estátuas, organização do altar da igreja, signos como o Tal, os vitrais, a arquitetura e outras) junto a outras fontes foram importantes na pesquisa para compreensão da História do passado. As imagens formam um “corpus”, juntamente com o documento escrito e oral, elas são “(...) expressão de um olhar coletivo oblíquo, por isso revelador tanto do que se vê como o que não se vê: os silêncios da iconografia são tão significativos quanto à ênfase posta em certos temas” (VOLVELLE, 1997, p. 22).

O foco imagético principal foi a leitura iconográfica e iconológica realizada sobre as imagens na igreja São Francisco de Assis, em Campo Grande/MS. Estudando as imagens e os registros nos livros produzidos pelos franciscanos, começa-se a perceber, no discurso, o que falam deles mesmos e o que queriam projetar para o futuro como memória.

---

<sup>6</sup>Devemos tratar a fotografia ou imagem (vital), segundo Kossoy, como um fragmento do real, pois contém em si um inventário de informações multidisciplinares à cerca de um momento passado, porém, não é uma expressão fidedigna da realidade, é um recorte, que sofre manipulação (encomenda, clima, realçar detalhes, receptor com diferentes interpretações). A fotografia ou uma imagem é um documento/monumento, revelando a vida material de um tempo passado, (a arquitetura, escultura, indumentária), ultrapassando a mera ilustração fotográfica, pois representa o que a sociedade quer perenizar de si mesma para o futuro, impõe dessa forma ao historiador uma avaliação que ultrapassa o âmbito descritivo, “passando do iconográfico para o iconológico” (KOSSOY, 2001, p.103).

Dessa forma, é necessário se compreender melhor a memória e a história.

Meneses diz ser imprópria qualquer coincidência entre memória e História:

(...) a memória, uma construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória ao invés, é operação ideológica, processo psíquico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para intercâmbio social. (...) a memória precisa ser tratada como objeto da História (MENESES, 1999, p.22).

As memórias são fontes importantes para este estudo, pois, permitem compreender melhor as representações franciscanas produzidas e resignificadas ao longo do contexto estudado.

As memórias franciscanas foram publicadas em livros, deixando gravadas as suas reflexões a respeito do povo, da nova região da missão, a adaptação ao lugar, e as dificuldades em formar e estabelecer as identidades, perante as alteridades, fortalecendo as relações na comunidade.

Da bibliografia estudada, dois autores foram importantes para o estudo das representações: Lefebvre (1998)<sup>7</sup>, e Moscovici<sup>8</sup> (2003).

O universo das representações são produzidas em um conjunto discursivo e teórico relativizado, que pode ser verdadeiro ou falso, devendo, portanto, ser questionadas, interpretadas e desveladas pela reflexão. O desconhecimento impede a apropriação da realidade, as representações são, pois, efetivadas no intuito de propiciar a permanência do poder e criam necessidades e regras de conduta na sociedade. Sua revelação possibilita conhecimento, rupturas e o movimento da história.

A estrutura desta dissertação obedece a uma organização estabelecida em três grandes temáticas, relacionadas com o contexto histórico pesquisado:

O Capítulo 1 *As Representações Franciscanas: vestindo o santo, construindo uma fraternidade em outras terras, em outra gente.*

Há uma introdução às representações franciscanas, a partir da compreensão da construção e apropriação de São Francisco de Assis (século XIII) pela Igreja Católica ressaltando, ao longo do texto, pontos estratégicos da vida do Santo, que serviram para as resignificações das representações franciscanas no novo campo de ação, no antigo sul de Mato Grosso (século XX).

---

<sup>7</sup> O conceito de representação que permeia as discussões deste estudo fundamenta-se nas reflexões de Henri Lefebvre (1978).

<sup>8</sup> O conceito de *thema* ou *themata* pode ser encontrado no estudo de Moscovici (2003, p. 223).

As representações franciscanas foram produzidas desde a vinda dos primeiros franciscanos (XVIII), formadas por meio das relações de identificações e alteridades, resignificadas ao longo da ação missionária dos imigrantes franciscanos alemães, possibilitando o estabelecimento definitivo no estado, a partir dos anos 30, do século XX.

Nesse contexto (século XX), o franciscano foi o herói que enfrentou o árduo sertão, o pobre no meio dos pobres, identificando-se sempre com São Francisco e com o sertanejo. Também representou o imigrante alemão que possibilitou ao sertanejo o acesso à cultura, à educação e à catequese, necessárias para justificar, assim, a sua presença e perpetuar suas tradições na missão mato-grossense.

O Capítulo 2 *Entre Representações, Tradições e Renovações: consolidando o franciscanismo no sul do antigo Mato Grosso*.

Foram abordadas as representações franciscanas no contexto dos anos 50 a 80, do século XX, quando a Igreja Católica vive a modernidade, o conflito de renovar-se sem abdicar de suas tradições. Nesse processo, as representações franciscanas são resignificadas ao longo dos anos, adquirindo novos significados conforme o contexto.

Nos anos 50, a Igreja Católica consolida a aliança com o Estado, utilizando-se do discurso nacionalista sobre a necessidade de levar o desenvolvimento e o progresso às áreas mais longínquas do País. Os missionários franciscanos vão se tornando visivelmente importantes para o desenvolvimento da região, através das construções, visando a sua edificação e consolidação no antigo sul de Mato Grosso.

Nos anos 60 a 80, a Igreja Católica passa por uma reformulação do pensamento católico, a partir do embate entre as tradições e as renovações frente ao contexto histórico. Vive, contraditoriamente, alianças e rompimentos com o Estado, principalmente no período de Ditadura Militar (1964 - 1985), buscando alternativas de sobrevivência perante às outras religiões que ameaçam sua existência na modernidade.

Ela procura formar um discurso popular, dando voz aos excluídos, estimulando a participação dos leigos na Igreja, criando ministérios, pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base/ CEBS. Ação estimulada após o Concílio Vaticano II (1962 - 1965).

Os franciscanos desenvolvem a fraternidade e a união na Ordem, concentrando paróquias e intensificando o assento espiritual e o carisma franciscano, e, ainda, estimulam as virtudes pregadas por São Francisco de Assis. O carisma franciscano é estimulado e vivificado na paróquia no intuito de produzir identificações entre a comunidade e o clero.

O Santo passa a ser o “pai dos pobres”, por meio da “ecologia social” estabelece uma relação de paz e harmonia entre os povos e a terra, o ambiente vivido.

O Capítulo 3 - *A fraternidade franciscana e sua relação com a comunidade: resignificando as representações, plantando o carisma entre identidades e alteridades.*

Mostra-se a formação das comunidades, movimento voltado à ação social, intensificado na paróquia São Francisco de Assis, no final dos anos 70, com os movimentos cristãos e as Comunidades Eclesiais de Base.

Foi abordado, em especial, duas comunidades da paróquia, a de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, a primeira uma das mais antigas, nela, observa-se dificuldades de relacionamento enfrentadas entre os franciscanos e as famílias afro-descendentes de Tia Eva, na disputa pelo campo do sagrado; a segunda é uma comunidade Neocatecumenal, chamada Palomeras, organizada nos anos 80, que propôs novas formas de relacionamentos entre as pessoas da comunidade e os franciscanos, tendo como fonte de ação para este movimento, o padroeiro reformador São Francisco de Assis. É uma proposta de um retorno à ação social em uma linha espiritualista franciscana, com participação ativa nas relações entre o clero e os leigos na paróquia.

Nas considerações finais, faz-se o fechamento de todas as questões aqui levantadas e pesquisadas, esperando que as respostas tenham sido suficientes para aguçar a curiosidade e desejo de outros pesquisadores interessados no tema.

Neste sentido, esta pesquisa é importante contribuição para se pensar sobre o tema das representações franciscanas produzidas no âmbito da religião católica, porém, ela, certamente, suscitará novos questionamentos, os quais poderão servir de premissas a outras reflexões e pesquisas.

## **1 AS REPRESENTAÇÕES FRANCISCANAS: vestindo o santo, construindo uma fraternidade em outras terras, em outra gente.**

*Sempre fui fascinado por São Francisco, um dos mais impressionantes personagens do seu tempo e da História Medieval (...) Francisco foi muito cedo, aquele que, mais que qualquer outro, me inspirou o desejo de fazer dele um objeto da história total, exemplar para o passado e para o presente.  
Le Goff (2001)*

Neste capítulo, aborda-se as primeiras representações franciscanas construídas no campo religioso católico, a partir da apropriação de São Francisco de Assis (século XIII), pela Igreja Católica.

Ao longo do texto, mostra-se pontos estratégicos da vida do Santo, que foram ressignificados, produzindo novas representações no novo campo de ação no antigo sul de Mato Grosso<sup>9</sup> (século XX).

Faz-se reflexões sobre o estabelecimento da Missão Franciscana, no antigo sul de Mato Grosso, como se apropriam e produzem representações, estabelecendo identidades e alteridades nas relações com o povo da região.

Lefebvre mostra que, para compreender as representações, deve-se considerar quem as produziu, em que realidade e quais necessidades atendem:

El modo de existencia de las representaciones sólo se concibe tomando en cuenta las condiciones de existencia de tal o cual grupo, pueblo o clase. Proceden de una coyuntura o conjunción de fuerzas en una estructura social en que existen grupos, castas, classes, pero se dirigen a toda la sociedad; representan la figura, la imagen que un grupo da de sí, unas veces para los demás, otras veces para sí, sin que una cosa excluya la otra (LEFEBVRE, 1978, p. 60).

A análise do problema não recai no sujeito e sim no grupo, pois as representações são processos embainhados na comunicação e nas práticas sociais culturais por meio do diálogo, do discurso, dos rituais, do trabalho, da produção, da arte. Por isso, é necessário reconhecer e analisar o problema não no sujeito individual, mas no grupo e no contexto onde ele está inserido.

---

<sup>9</sup> A referência antigo sul de Mato Grosso ou SMT, elaborada por QUEIROZ (2000) é usada para designar a região que compreendia toda a extensão territorial de Mato Grosso, antes da divisão do estado, em 1977. Após este fato histórico, a parte sul daquele Estado passou a denominar-se Estado de Mato Grosso do Sul.

Tomando como próximas ou suas as idéias ou ideais produzidos pelas representações, as pessoas vão fortalecendo vínculos sociais nos grupos, na família, no trabalho, nas instituições, estabelecendo teias de relações. O fortalecimento das relações, nos grupos, por meio do processo de produção das identidades e alteridades, favorecem os vínculos sociais. Assim, seus membros adquirem um desejo de fusão, uma empatia – um viver orgânico no qual os indivíduos se fortalecem em conjunto, formando o corpo social, pelo prazer de pertencer e criar laços, dando-lhes um universo de sentido (MAFFESOLI, 1996, p. 326).

Observa-se isto nos grupos comunitários católicos, onde as identidades organizam estruturas sócio-culturais e as alteridades são, muitas vezes, compreendidas como uma falha, ou seja, o inimigo interno a ser combatido, como por exemplo, as diferenças de credo em uma comunidade, possibilitando, assim, o domínio do campo simbólico católico.

Embora as representações permeiem toda a estrutura construída pela sociedade, instituições, como a Igreja, apropriam-se e a produzem de forma especial, criam discursos para fortalecer as comunidades, projetando sua permanência e memória no tempo e espaço.

As representações são encontradas em diferentes fontes, não se resumem no objeto representado, perpassam produções simbólicas culturais, exploram a razão e emoção, produzem no imaginário coletivo o possível e o impossível, o bom e o mau, o certo e o errado, ressaltadas nos discursos orais, escritos e imagéticos, visivelmente vivificadas através da arte.

No âmbito do catolicismo, a visualidade se constituiu por uma variedade de linguagens técnico-artísticas, ressignificadas pelas diferentes culturas da Idade Média até nossos dias, como no caso de São Francisco de Assis, podendo ser admiradas e analisadas.

Os mosaicos, as pinturas, as gravuras, os vitrais, as esculturas e a arquitetura dominados pela estética simbólica de temática religiosa católica, por vezes, reproduziu e reinventou-se com a finalidade de divulgar o ideário da Igreja, geralmente, aliada ao poder do Estado.

Na Idade Média, por exemplo, o clero gozava de prestígio e influência, mas era subserviente ao imperador, que detinha o poder temporal e espiritual como o “vigário de Cristo”.



O teatro, também, foi uma linguagem utilizada pela Igreja, para catequizar os fiéis, como afirma Reverbel (1987, p. 23): “*na Idade Média o espaço cênico é a Igreja*”, cujos, temas das encenações eram retirados das Sagradas Escrituras.

O Clero condenava as manifestações licenciosas do teatro greco-romano, mas concordava com o poder pedagógico das encenações no espaço religioso da igreja, que ensinavam as normas morais e os milagres da fé. No drama sagrado, os atores eram os padres e o clérigo.

Segundo Durand (1994, p.18) “a estética da imagem santa” foi perpetuada pela arte bizantina através da mariolatria (culto da Virgem) e das hiperdulias (venerações insignes) dos santos – um culto pluralizado das virtudes da santidade divina, margeando a idolatria”

O Cristianismo propiciou a proliferação das representações e do representativo. Utilizou-se de entidades mediadoras entre Deus e os homens, imagens como os mensageiros divinos, os santos e o diabo. Valeu-se disso para construir sua imagem do mundo, uma construção fértil, especialmente na arte (LEFEBVRE, 1978, p. 229).

Nos séculos XII a XIV, da Cristandade Ocidental, houve um grandioso florescimento da iconodulia gótica, trazida, em grande parte, graças ao sucesso da jovem fraternidade de São Francisco de Assis (1226), no século XIII.

Os franciscanos, monges não enclausurados, foram os propagadores da nova sensibilidade religiosa, os criadores de numerosas imagens dos ministérios da fé (representações da figuração das quatorze estações do caminho da cruz, da devoção à manjedoura da natividade - do presépio vivo, da difusão das Bíblias moralizadoras ilustradas), perpetuadas pelo sucessor do Santo de Assis, o superior Geral da Ordem, São Boaventura (DURAND, 1994, p. 18).

A compreensão da formação das representações franciscanas, a partir de um resumo simplificado da história de São Francisco, é resultado de reflexão realizada a partir de referências bibliográficas, revelando alguns pontos-chave que foram ressignificados ao longo do tempo e, contribuíram para estabelecer a Ordem Franciscana no mundo, e, nesse caso, no antigo sul de Mato Grosso.

## 1.1 A consagração de um leigo em Santo, propriedade do catolicismo produzindo o franciscanismo.

Ao longo da história, as representações podem provocar bloqueios, produzir valores, teorias e, atender os interesses de grupos. Sua estrutura tem organização própria. As representações são construídas, a partir de alguns elementos mais significativos.

Assim, um *thema* (MOSCOVICI, 2003, p.223), mais forte, é responsável pela atribuição de sentido, dando relevância à representação e, por meio dela, as pessoas explicam o mundo, tornando-se uma verdade, presente como memória, a ser perpetuada pelas próximas gerações. Pode-se observar isso nas representações franciscanas, construídas a partir do *thema*: *vida e obra de São Francisco de Assis*, um dos santos mais populares do mundo, que marcou a Igreja e a história da sociedade do século XIII, época em que viveu.

O Santo Francisco deixou suas marcas no mundo todo, nomeou pessoas, cidades, bairros, igrejas e instituições, foi exaltado na literatura e na arte, como por exemplo, nos cantos da *Commedia*, de Dante, nos antigos afrescos de Cimabue e Giotto, nos filmes de Vittorio de Sica e Federico Fellini, na oração da paz<sup>10</sup>.

As representações franciscanas atravessaram as fronteiras européias, chegando, com os imigrantes europeus, até o Brasil e no antigo sul de Mato Grosso na primeira metade do século XX.

O *thema* do Santo franciscano constituiu um universo de representações e tradições inventadas e renovadas conforme as necessidades evocadas nos diferentes contextos históricos, revivendo sua história e sua memória.

Ao longo dos séculos e até nossos dias, muitos manuscritos, livros e artigos foram escritos sobre São Francisco de Assis, aproximadamente 1.575 obras. A primeira biografia foi escrita por São Tomás de Celano (1229), mas a escrita feita sob encomenda e oficializada pela Igreja, foi realizada por São Boaventura (1263).

Além desses, outros autores ficaram conhecidos pela produção de biografias sobre São Francisco, os Fioretti<sup>11</sup> (XIV), Bartolomeu de Pisa (no século XIV), os Sabatier

---

<sup>10</sup> A oração de São Francisco: “Senhor fazei de mim um instrumento de Vossa paz..”, foi composta por um católico francês, durante a Primeira Guerra Mundial, sua temática era apropriada para aquele período, para pregar a paz mundial.

<sup>11</sup> Os Fioretti (XIV) compuseram pequenas narrativas edificantes, em italiano, sobre São Francisco, feitas um século depois da morte do Santo. Foram contestadas, por terem as marcas dos Espirituais. Os franciscanos

(1894), Jorgensen (1912), Fortini (1959) e Engelbert (1965). As obras mais recentes são: *São Francisco de Assis*, de Le Goff (2001) e *Francisco de Assis, o Santo relutante*, de Spoto (2003).

Le Goff (2001) comenta o quanto foi difícil encontrar uma abordagem histórica, digna de total confiança, nascida, por exemplo, dos escritos de Francisco, pois, muito do pouco produzido por ele, foi destruído ao longo do tempo, devido às dissensões dentro da Ordem dos Frades Menores, no século XIII.

Dos poucos documentos escritos por Francisco, como algumas cartas, textos litúrgicos, os mais citados são *As duas Regras*, o *Testamento*<sup>12</sup> e os cânticos como *Cântico do irmão Sol* e *Cântico das Criaturas*.

Segundo o autor, as divisões na Ordem iniciaram com Francisco, ainda em vida e se acentuaram com a sua morte e o domínio da Ordem, por Frei Elias (1239), que construiu a suntuosa basílica de São Francisco.

A partir da segunda metade do século XIII, a Ordem passa a constituir-se através de duas tendências inimigas, ou seja, os Conventuali (conventuais) que seguiram a *Regra* interpretada e completada por bulas papais, que atenuaram a prática da pobreza, e os Espirituais, ou Fraticelli (Fradezinhas) impregnados pelas idéias de Gioacchino da Fiore (Joaquim de Fiore).

Os Espirituais foram considerados austeros e hostis a Roma, reduzidos à posições heréticas, os quais resistiram até o século XIX, em Portugal, sob o nome de *Observantes*, extirpados definitivamente pelo papa João XXII, em 1322, pela bula *Cum internonnullos*, que decidiu contrariamente à pobreza absoluta e às tendências espirituais (LE GOFF, 2001, p. 49-50).

Esses dois grupos produziram uma vasta bibliografia sobre a vida do Santo, conforme suas posições, mas a Igreja proibiu aos frades, em 1266, a leitura de qualquer outra biografia do santo, se não a oficial, escrita por São Boaventura, além de ordenar a destruição de todas as biografias anteriores.

---

"espirituais" foram condenados pelo papa João XXIII, no dia 30 de dezembro de 1317. O grande problema era sua maneira de explicar a pobreza franciscana. Para eles, os franciscanos só eram pobres quando levavam uma vida verdadeiramente pobre. Do outro lado, os frades da "comunidade" aceitavam considerar pobres se não fossem os donos legais de nenhuma propriedade. PROVÍNCIA DOS CAPUCHINHOS DE SÃO PAULO. I Fioretti di San Francesco. In: *Fontes Franciscanas*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.procasp.org.br>>. Acesso em: 10 mar 2006.

<sup>12</sup> As duas Regras e o Testamento, foram escritas por São Francisco, porém as duas Regras sofreram na sua elaboração, interferências da Igreja, e Testamento revela uma influência dos companheiros extremistas de Francisco, possuindo uma tendência "espiritual".

A produção de São Boaventura, porém, pode ser considerada tendenciosa e fantasiosa, porque silenciou sobre o desvio da ordem franciscana em alguns pontos importantes para Francisco, em relação, por exemplo, à ciência, ao ensino, ao trabalho manual, às visitas a leprosos e à pobreza das igrejas e conventos.

O teólogo Spoto (2003) escreveu a biografia mais recente, intitulada *Francisco de Assis, o santo relutante*, e comenta que é muito difícil realizar esse tipo de trabalho, pois exige do pesquisador análise das documentações históricas, compreendendo Francisco no contexto histórico da Idade Média.

Tornou-se necessário compreender as limitações, quanto à veracidade dos registros, pois os testemunhos organizados sobre as narrativas dos santos na época, tinham o objetivo de realizar a sua edificação e autenticar a santidade, estimulando a devoção, muitas delas, pareciam mais com “(...) lendas baseadas em idéias românticas sobre a era dos castelos, cavaleiros andantes, adequadas a filmes de Hollywood” (SPOTO, 2003, p. 16).

Ao se ler algumas biografias sobre o Santo, percebe-se contradições construídas ao longo do tempo, hoje, ainda, encontram histórias que enfatizam determinados fatos em relação a outros, ou distorcem a realidade, produzindo representações conforme a intenção. São facilmente encontradas nos endereços eletrônicos, nos livros, em discursos orais e imagéticos, história que pode ser observada, por exemplo, nas igrejas, como nos vitrais<sup>13</sup> da igreja São Francisco de Assis, em Campo Grande.

A construção de São Francisco, ao longo dos séculos, propiciou, dessa forma, diferentes narrativas, ora enfatizando-o como o mito do Santo que *conversava com pássaros e domesticava lobos selvagens, ora a figura do homem convertido e humilde, que optou por viver em extrema pobreza*, convivendo com aqueles que a sociedade havia rejeitado, *sem a menor intenção de fazer do seu apostolado uma ordem religiosa*. Outras vezes, percebe-se o Santo *pregando e vivendo intensamente o evangelho*, reconstruindo a Igreja e *identificando-se com Jesus Cristo Crucificado, a ponto de receber os estigmas da paixão*.

Le Goff (2001), também, acena para o problema da reconstrução da vida e obra de São Francisco, afirmando a necessidade de compreendê-lo vinculado ao cenário da Idade Média. Época de muita miséria e epidemias provocadas pelas guerras – as Cruzadas<sup>14</sup>, quando poucos homens ultrapassavam os 30 anos de idade, e, assim, a dor e a

<sup>13</sup> Vitrais são aberturas feitas de armações de metal, que contornam desenhos com temáticas religiosas, complementadas com pedacinhos de vidro coloridos. Criados na Idade Média, produzem a idéia da luz divina que irradia sobre as imagens sagradas, causando admiração nos fiéis que os observam.

<sup>14</sup> As Cruzadas constituíam-se em uma missão religiosa, iludindo seus participantes com promessas de recompensas espirituais. Na verdade, faziam parte de uma campanha impiedosa e cruel da Igreja, aliança

morte eram vistas com naturalidade, a fé possuía importância capital na Europa medieval, para enfrentar a rudeza da realidade diária.

Segundo Le Goff (2001), houve, a partir do século XII, um processo intenso de crescimento e desenvolvimento econômico e demográfico. Era preciso alimentar material e espiritualmente toda população.

O campo era uma riqueza muito importante, onde os espaços começam a ser cultivados com novas culturas, havendo um domínio na produção de pastos artificiais, que impulsionava a criação. Na agricultura, os moinhos se multiplicaram, proporcionando o início da mecanização. Começou um grande movimento de urbanização, como consequência da imigração da população do campo para as aldeias, com a formação dos burgos, em torno do castelo, que se tornaram verdadeiros núcleos econômicos, políticos e culturais.

A cidade, algumas vezes, tornava-se o centro do poder, contrariando o poder tradicional dos bispos e do senhor. Os burgueses passaram a conquistar privilégios, a partir da formação de seu patrimônio, das posses urbanas e do solo.

Sentindo o novo contexto, a Igreja precisou propor a reforma gregoriana<sup>15</sup> para tentar reorganizar seus domínios. Funda novas ordens, na tentativa de acabar com os grupos heréticos<sup>16</sup>, aceita a diversidade das regras entre clérigos e religiosos, buscando equilíbrio entre a vida ativa e a contemplativa, o cuidado das almas e a vida comunitária. Incentiva a prática da pobreza e do trabalho manual (as ordens foram grandes agriculturas). A santidade encontra-se mais ligada à cidade, aceitava os santos leigos, burgueses e frades mendicantes, recusava, porém, os santos eremitas.

A maioria da população era analfabeta e as iconografias (os vitrais, pinturas e ilustrações de cenas bíblicas em murais e livros<sup>17</sup>) eram compreendidas como verdades, ou mimeses do real, possibilitando à Igreja a divulgação dos ensinamentos religiosos, com intuito de catequizar.

---

entre o papa e o imperador, para obter poder político, através da atividade bélica, atendendo a ganância de controlar o comércio com o Oriente.

<sup>15</sup> A Reforma gregoriana, ou a institucionalização da Igreja, acontece no pontificado de Gregório VII (1073-1085), foi considerado um progresso moral e espiritual da Santa Sé, libertando-a das amarras do poder imperial. Mais tarde, essas mudanças resultam na volta dos concílios ecumênicos: Latrão I (1123), Latrão II (1139), Latrão III (1179) e Latrão IV (1215), concluindo a reforma gregoriana. Apesar dessas reformas, a Igreja continuou a apresentar-se atrasada e prisioneira do fardo feudal (le goff, 2003, p. 33).

<sup>16</sup> Heréticos – eram os grupos que viviam à margem da Igreja, produzindo suas próprias regras de conduta em grupo. Foram muito perseguidos pela Igreja alguns foram enviados para a Santa Inquisição.

<sup>17</sup> A bíblia medieval era o texto escrito básico para a alfabetização e instrução nas universidades e escolas paroquiais, pois se acreditava que continha todo o conhecimento necessário para a vida.

Afinal, ensinar por meio de imagens pode ser considerado um excelente recurso utilizado até nossos dias, por diversas instituições, inclusive, a Igreja católica.

## **1.2. Francisco, o leigo que se tornou santo, produzindo representações identitárias com Jesus Cristo Crucificado**

É importante refletir sobre as representações construídas a partir da figura do homem, - Francisco Bernadone (1182 - 1226), que viveu no século XIII, filho de comerciantes de tecidos em Assis (Itália). Jovem<sup>18</sup> burguês, que refletia na sua vivência os ideais do seu grupo social, cujos interesses estavam nos jogos, nas canções, nas festas e, principalmente, na glória militar nas cavalaria.

A descrição de Francisco, por Tomás de Celano, mostra um jovem que estava sempre rodeado de amigos alegres tinha reputação de um excelente festeiro. Considerava, também, a juventude de Francisco muito problemática, diz que o rapaz não teve uma boa educação, aprendeu coisas vergonhosas e detestáveis, ferveu nos pecados da luxúria<sup>19</sup> e da esbórnica.

Celano, atendendo a interesses da Igreja, contou a história do jovem Francisco, sem a intenção de humanizá-lo. Igualando-o aos jovens de sua época, somente para criticá-lo severamente. Sua humanidade só passa a ser relevante e ressaltada, como um contraposto, no momento de sua conversão espiritual, tornando-se, então, um exemplo a ser seguido pelos jovens de todas as épocas.

A conversão de Francisco, nas obras produzidas por Celano, a *Vita Prima e Vita Segunda*, segundo Le Goff (2001, p. 63-65), apresentam contradições. A primeira descreve a situação em uma perspectiva espiritual ou psicológica e a segunda é descrita de forma religiosa ou mística.

O autor enfatiza que a conversão de Francisco não aconteceu de forma iluminada e repentina, como alguns dizem, pois, segundo ele, envolveram muitos episódios da vida de Francisco percorridos por mais ou menos 5 anos.

---

<sup>18</sup> Francisco foi um jovem de estatura mediana (um metro e sessenta e um centímetros de altura), o rosto delgado, olhos e cabelos negros e barba escura e rala, nariz estreito, pele alva, lábios finos, boa dentadura, dedos longos e expressivos. Possuía a voz musical e atraente, era bem humorado, vaidoso e indisciplinado.

<sup>19</sup> A luxúria era considerada um dos pecados capitais, na Idade Média, também a avareza, e a soberba (orgulho) que eram vícios em excelência no sistema feudal, ligados ao problema da economia monetária.

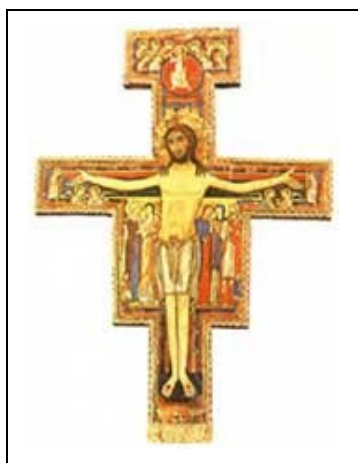
A conversão de Francisco inicia-se com sua passagem na III Cruzada, em 1202, onde não encontrou a glória na cavalaria, ao contrário, foi ferido e definhou durante um ano, em uma fria e úmida ruína etrusca. Quando retornou a sua cidade, estava franzino e doente de malária, sofria tremores de febre, delírios e alucinações (que lhe faziam ouvir vozes), convalescendo por um longo período na casa dos pais.

A doença deixou-lhe seqüelas por toda vida, atacando-lhe, principalmente, os olhos e o sistema digestivo. Problemas de saúde agravados, mais tarde, pelas longas viagens para pregar o evangelho e a falta de cuidados com o próprio corpo, o qual era tratado de forma ambígua, pois, ao mesmo tempo em que acreditava ser uma obra divina, também o considerava instrumento do pecado, devendo *ser mortificado e pô-lo como alma a serviço de Deus*, aceitou as doenças como necessárias para purificá-lo.

Francisco tornou-se, então, um homem de 20 anos, fraco de físico, espiritualmente deprimido e sem objetivos, incapaz de visualizar um futuro nas Cruzadas, que lhe permitisse se destacar na sociedade e adquirir o *status* de nobreza.

Dessa forma, a vida dedicada à Igreja, talvez tenha se tornado o caminho possível para realização de um ideal de vida.

Outro passo importante para conversão de Francisco ocorreu, na velha Igrejinha de São Damiano, ao sensibilizar-se com o Crucifixo de São Damião, símbolo que realmente impressiona pelo tamanho (dois metros e dez centímetros de altura), mas, principalmente, pelos detalhes das figuras na imagem.



As figuras ao fundo narram a vida de Jesus Cristo. Na frente, o Cristo está ereto sobre a cruz e não pregado nela.

A imagem faz parte da tradição da iconografia do século XII, pintado por um desconhecido artista da Úmbria (Itália). O estilo romântico, sob a influência oriental, mostra os pés de Cristo pregados separadamente.

#### **1.O Crucifixo de São Damião**

Fonte: < <http://www.franciscanos.org.br>>

A pintura é feita sobre uma tela de linho estendida em uma moldura de madeira de nogueira, de influência Síria, com os olhos abertos e serenos do Cristo fitando diretamente o observador.

Olhando fixamente para a imponente imagem, na velha igreja em ruínas, Francisco constrói uma nova identidade, espelhando-se na imagem de Jesus Crucificado, alinhava o elo de ligação com Cristo, que irá compor todo o cenário de sua vida, a partir do momento em que acreditando ouvir a *revelação*<sup>20</sup> da missão divina, imposta a ele, ou seja, o dever de reconstruir a Igreja.

Francisco, ao ouvir as vozes, interpretou-as como uma mensagem de Deus, para reconstruir literalmente, as igrejas pois estava em um lugar prestes a ruir. Imediatamente, buscou formas de cumprir a ordem recebida e, sem perceber, estava tecendo os primeiros laços com a Igreja, possibilitando a sua reconstrução não só física, mas, quanto instituição religiosa.

Tomás de Celano descreveu a experiência de Francisco, antes e depois da revelação como algo “misterioso”, como se ele tivesse recebido de Deus um objetivo de vida e, por apresentar-se como um mistério, não careceu de explicação, pois é divino e não humano, basta crer. Ressalta que o mais importante no ocorrido é o fato de que Francisco teria *renascido*, Deus foi, então, seu Criador e Redentor, possibilidade aberta para todos que ouvem e obedecem ao seu chamado divino.

Terreno que passa a ser fértil, para a produção das representações a partir da imitação da vida de Francisco, que serão resignificadas pela Igreja, que marcou esses acontecimentos como uma passagem de homem perdido no caos da sua vivência humana, conforme o contexto da época (privilégios, riqueza, status social, nobreza, glória), para uma nova vida com objetivo, a revelação de sua palavra mostrando o caminho que deveria seguir.

A partir da revelação, Francisco distancia-se da sua família, rejeita toda riqueza material, imita a vida de Jesus Cristo, abraça a causa da pobreza, vive o amor fraterno a todas as criaturas, principalmente para com os excluídos (os pobres, os leprosos, os doentes) viu no povo e na figura dos leprosos, o corpo do Senhor ferido.

Outros episódios mostram a aproximação de Francisco com o ideal da pobreza, como por exemplo, ao doar sua capa para um pobre cavaleiro em andrajos que voltava da guerra, ou mais tarde, quando vendeu tecidos e um cavalo do seu pai para reconstruir as igrejas.

---

<sup>20</sup> Os sonhos, as visões e milagres eram comuns nas narrativas medievais, com relação a São Francisco, há inclusive um Tratado dos Milagres, referidos ao Santo, escrito por Celano, uma volta aos milagres cristológicos, como a multiplicação dos pães e outros.



A pobreza passa a ser uma virtude na vida do Santo, como ideal de vida. Torna-se uma das representações resignificadas ao longo da constituição e estabelecimento da Ordem Franciscana no mundo, ao longo dos séculos.

Para Francisco, a grande fonte de formação e informação não é o Antigo Testamento, que é mais realista, mas o Novo Testamento, ou o evangelho de Cristo, que faz referência à vida de Jesus Cristo, é também mais espiritual e menos realista, mesmo nas narrativas, utilizando-se de parábolas, para ensinar o povo.

O Evangelho passa a ser não só sua fonte de verdade, respostas para as suas perguntas, mas a vivê-lo na prática diária, radicalmente, buscando uma perfeita identificação teórica e prática com a vida de Jesus.

Essa identificação é importante, retomada várias vezes nas biografias escritas do Santo e, possivelmente, ser a chave-mestre das representações, porque o próprio Francisco escolheu-a, identificando-se e de certa forma interpretando a vida de Jesus Cristo, recriou os passos do nazareno, permeados de situações semelhantes, como se pode na sua biografia.

A *Primeira Regra* escrita para legitimar a Ordem dos Frades Menores, inicialmente, trazia apenas citações do Evangelho. Esta *chave-mestre*, com certeza, serviu muito bem aos interesses da Igreja, abrindo várias *portas* pelo mundo.

A nova identidade de Francisco foi forjada, conforme as experiências que atravessava naquele momento, acrescentada a outras características pessoais, anteriormente, construídas, assim:

A cultura e a sensibilidade de cavalaria, que adquiriu antes da conversão, Francisco carregou com ele em seu novo ideal religioso: a Pobreza é sua Senhora, Senhora Pobreza, as Santas Virtudes são de modo semelhante heroínas da corte, o santo é um cavaleiro de Deus, dublê de trovador, de jogral. (LE GOFF, 2001, p. 109).

Francisco, que era um leigo sobre religião, passou a renegar a própria sorte, de ter uma vida com alguns privilégios econômicos e sociais; escolheu viver as misérias humanas, obedecendo ao chamado de Deus. Atitude concebida pela sua família e sociedade como radical, beirando à loucura, ou capricho, vindo de uma pessoa irreverente. Fora repreendido, desacreditado, perseguido, chegando a ser julgado em público, pela Igreja, acusado por seu pai de usar dinheiro que não lhe pertencia, com os pobres e com a Igreja.

Impasse que necessitou da intervenção e do julgamento do Bispo Guido, da Diocese de Assis, que presenciar Francisco despojar-se de tudo que possuía, inclusive das

vestes, ficando nu (em pêlo), diante de todas as pessoas que estavam na praça da cidade, assumiu publicamente seu compromisso como filho de Deus, a quem passaria a servir, daquele momento em diante.

Toda a cena do julgamento e os recursos utilizados por Francisco em sua defesa, principalmente, o momento em que se despiu, pode ser considerado um artifício chamado de *ars concionandi*, ou seja, a capacidade e habilidade da oratória, um método medieval, de argumentação e persuasão usado nas assembléias públicas. Essa técnica pretendia convencer não só pelo discurso oral, racional, mas também *de* “(...) maneira dramática, mediante ações físicas e gestos” que atraíssem a atenção do público. Chama a atenção, ainda, para o fato de que “(...) Francisco poderia estar pensando na nudez do Cristo na cruz”, quando apareceu nu diante do povo (SPOTO, 2003, p. 96).

O discurso da nudez de Francisco traz à tona, novamente, a comparação com o Cristo crucificado. O significado da nudez, pela piedade medieval como um símbolo do *estar sem posses*.

Spoto (2003, p. 126) trazendo o discurso da pobreza – “despojar-se de tudo” para a contemporaneidade, explica que, hoje em dia, significa “desprezar tudo o que é supérfluo na vida de cada um” e, no caso de Francisco, representava romper completamente com a família e sua estrutura. O julgamento e a nudez de Francisco, de forma teatral, representava a Cristo julgado e preso seminu na cruz, simbolizando a liberdade da vida mundana, para renascer e viver com os pobres e excluídos, junto à natureza.

Os discursos realizados tendem a ressignificar as ações do Santo, por meio de interpretações pessoais, produzindo novas representações, com o propósito de orientar uma nova conduta na sociedade. A pobreza também é uma categoria muito questionada, ela muda de significação conforme os interesses, desde a Idade Média e ao longo das décadas que se desenrolam na modernidade, atendendo aos diferentes contextos.

Na Idade Média, o martírio vivido pela pobreza radical era considerado por Francisco como o ideal de perfeição<sup>21</sup>, como uma legítima aspiração espiritual.

Após a morte do Santo, a pobreza foi tomada de forma severa e radical pelos *Espirituais*, mas foi amenizada pelos *Conventuali*.

No contexto da Idade Média, o discurso pregado pela Igreja era diferente de sua própria prática, com relação à pobreza. Proclamava que o mundo material era o oposto do

---

<sup>21</sup> A partir do momento em que Constantino oficializou o cristianismo, no Império Romano (século IV), o martírio deixou de ser a suprema demonstração de fidelidade a Cristo. O voto de castidade e a dedicação à pobreza tomaram o seu lugar.

mundo de Deus, assim, os cristãos deveriam viver com o mínimo de contato com ele. Dessa forma, vai se estabelecer, na Idade Média, a relação da bondade com a pobreza.

A população incorporou esta idéia, ao observar que os membros da Igreja eram ricos e não muito bons, diferentes, então, de Cristo, “(...) a bondade encarnada, presumiam que Cristo deveria ter sido deliberadamente pobre, então, o pobre tornou-se equiparado a bom e a pobreza absoluta à perfeição como a de Cristo” (SPOTO, 2003, p.126-127).

Nesse momento, entram em jogo os valores espirituais (pobre e bom), que vão sendo convencionados pelas representações que estabelecem formas definitivas aos objetos, pessoas ou acontecimentos, localizando-os em determinada categoria e, gradualmente, fornecem modelos de tipo distinto, para serem compartilhados por um grupo de pessoas.

Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e sintetizam nele. Segundo Moscovici:

(...) Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, para tornar-se idêntica aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado (MOSCOVICI, 2003, p. 35).

Nesse caso, as representações produzem a idéia de que ser pobre é natural, pois torna as pessoas boas, impedindo a compreensão de que ser pobre não necessariamente implica em ser bom e vice-versa.

Idealizar o pobre como bom, pode ser uma forma de dominar as massas, mantendo-as compassivas, submissas e complacentes ao poder e ao sistema vigente, produzindo na idéia das pessoas, que a pobreza possibilita o elo com o divino e, como canta Gilberto Gil, a fé ajuda a viver, sublimando as dores.

Outra representação importante para se refletir, nasce dos relatos dispensados a Francisco, da sua relação fraterna com a natureza, principalmente com os animais, sejam eles selvagens ou não, chamava-os de irmãos e irmãs. Assim, o Santo teria estabelecido uma espécie de Paraíso, onde o homem sem pecado viveria em harmonia fraternal com os animais, idéia outrora pregada pelos eremitas no deserto.

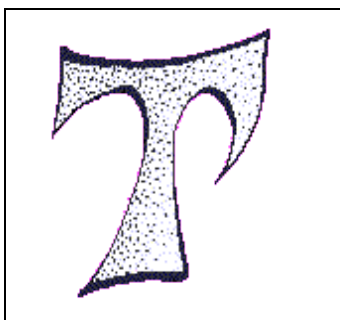
Essa construção pode ser percebida na iconografia medieval, onde os pássaros (pombos, corvos e gralhas), tornaram-se representantes daqueles que trabalhavam, bem como de Francisco que só aceitava o que vinha do esforço do trabalho.

No universo das relações cristianismo-representações, a contemplação e a representação da natureza passaram a ser compreendidas como um ato de ver, na Criação, toda bondade do Criador.

Conforme o estudo de Durand (2003, p.19), as virtudes da alma humana seriam representadas pela imagem (imago), concedida por Deus, pela semelhança (similitude) com sua própria imagem.

Através dos graus de representações imagéticas–vestígio, imagem propriamente dita e semelhante – é que a alma criada seria reconduzida ao Deus Criador. Esta doutrina propiciou a emergência de muitas receitas da imitação de Cristo e o florescimento do culto aos santos, como São Francisco de Assis, relacionado à natureza, aos animais, às plantas e a Cristo, reforçada por Roma Pontifical que fez entrar a Senhora Natureza nas imagens sagradas.

As representações franciscanas são ressignificadas a partir de Francisco, cuja vida é espelhada no Evangelho, na vida de Jesus Cristo, reforçando laços identitários, a partir do momento em que Francisco esboçou a sua cruz, ao tomar o *Tau* como símbolo de uma nova vida.



A letra hebraica *TAU* é um dos mais famosos símbolos franciscanos, a mais antiga grafia em forma de cruz, com as duas linhas: Céu e Terra! Horizontalidade e verticalidade. Segundo os franciscanos é *selo de Deus*, usado na Bíblia como ato de assinalar, de marcar o que significa ser reconhecido e estar sob a proteção do Senhor.

## 2.Imagem que representa o Tau.

Fonte: < <http://www.franciscanos.org.br>>

São Francisco não criou o *Tau*. O símbolo foi encontrado em vários locais, em diferentes tempos, como nos objetos do Faraó Achenaton, no antigo Egito. Segundo os franciscanos, foi herdado e ressignificado como um *símbolo de busca do Divino e Salvação Universal*, Francisco atualizou-o e imortalizou-o.

A construção de São Francisco de Assis foi realizada em torno de situações, características e ações que foram se sucedendo em sua vida, misturadas às idéias, ilusões, credos e até símbolos, atendendo os interesses do contexto vivido, produzindo, renovando-se e perpetuando-se em representações.

Na história do Santo, atos encenados reproduzem os passos realizados pelo Cristo que, além de serem explicitados nas biografias, estão registrados de forma muito

interessante pelos *Espirituais*, no Esquema das “Florinhas de São Francisco<sup>22</sup>” escritas e organizadas em seis partes:

- Parte 1 - Francisco, como Cristo, escolheu doze discípulos (1-6)
- Parte 2 - Francisco, como Cristo, era humilde (7-12)
- Parte 3 - Francisco, como Cristo, envia os frades sem nada (13-24)
- Parte 4 - Francisco, como Cristo, cura interiormente (25-30)
- Parte 5 - Francisco, como Cristo bom pastor, conhece os seus (31-40)
- Parte 6 - Histórias de frades santos de Ancona (41-53)

Para exemplificar melhor, é importante observar a formação do grupo de 12 fiéis companheiros, que foram sendo escolhidos e seguiram Francisco, tal como aconteceu com Cristo, era um grupo heterogêneo. Havia entre eles, Bernardo, um rico comerciante, Pedro, que tinha experiência como advogado canônico e João da Capella que foi considerado pelos irmãos, o traidor dos ideais de Francisco, um “Judas”.

Assim como os apóstolos de Cristo, os seguidores de Francisco, eram jovens contemporâneos que foram se aproximando, identificaram-se com seu modo de viver. Cuidavam dos doentes, faziam orações, pregações e trabalhos voluntários, viviam à margem da Igreja, sem o reconhecimento oficial, mas cresciam no conceito e na admiração da população.

O crescimento da fraternidade começou a incomodar a Igreja, fazendo surgir um discurso, que os confundiam com os hereges. Foram, então, convocados pelo Papa a legitimar a Ordem e autorizados, verbalmente, somente para pregar estimulando a virtude, a necessidade da penitência, desencorajando os vícios, não podiam, porém, pronunciar sermões formais sobre a matéria doutrinária.

Le Goff comenta que, certamente, Francisco esteve à beira da tentação herética, vários elementos poderiam tê-lo conduzido a isto, como:

A intransigente vontade de praticar um Evangelho integral despojado de toda a contribuição da história da Igreja, a desconfiança a respeito da cúria romana, o desejo de fazer reinar entre os Menores uma igualdade quase absoluta e de prever o dever da desobediência, a paixão da miséria levada até à manifestação exterior do nudismo que Francisco e seus irmãos praticaram à semelhança dos adamitas, o lugar dado aos leigos, tudo isso parecia perigoso, quase suspeito, à cúria romana (LE GOFF, 2001, p. 111).

---

<sup>22</sup> As "Florinhas de São Francisco" podem ser chamadas pelo nome italiano *I Fioretti*. com significado-ramalhetes de flores, é uma tradução livre e modificada do “Actus”, escrito entre os anos 1331 e 1337, por Frei Hugolino de Montegiorgio, um dos franciscanos chamados "espirituais", que aproveitou muitas histórias contadas por outros frades que tinham conhecido Francisco, Clara e outros irmãos dos primeiros tempos PROVÍNCIA DOS CAPUCHINHOS DE SÃO PAULO. *I Fioretti di San Francesco*. In: *Fontes Franciscanas*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.procasp.org.br>>. Acesso em: 12 mai.2006.

Segundo o autor, Francisco não se tornou herético, porque quis preservar a unidade de sua fraternidade, pela extrema necessidade e respeito aos sacramentos, principalmente a eucaristia, que só podiam ser ministrados pela Igreja. A fraternidade de Francisco era diferente das heresias medievais, contrárias aos sacramentos. Para recebê-los Francisco perdoava até os clérigos mais indignos.

Inocêncio III, de forma astuciosa, soube articular a situação da fraternidade com os interesses da Igreja, procurou não criar problemas, tratando de fortalecer a lealdade de Francisco à Igreja, e ele, apesar da atitude de repudiar o poder da Igreja, estava dessa forma formalizando sua aliança com a Igreja, passando, inclusive, pelo ritual de tonsura<sup>23</sup> e que, de certa forma, “salvou a Igreja ameaçada de ruína pela heresia e por sua decadência interna, Francisco realizou o sonho de Inocêncio III” (LE GOFF, 2001, p. 120).

Designou a fraternidade como *Frades Minores*<sup>24</sup>, ou seja, os Irmãos Menores, não referenciando a classe existente na época, mas por serem os servos mais humildes entre todos.

Mais tarde, foram denominados a *Ordem dos Irmãos Menores*. A intenção de Francisco era de estabelecer uma comunidade como uma família, onde reinasse amor fraterno entre os leigos e o clero unidos pelo espírito conhecido como *caritas*, podendo conviver e partilhar experiências religiosas.

A ação franciscana promoveu os leigos no cristianismo, introduziu mudança na condição dos conversos ou irmãos leigos na estrutura eclesiástica, criando as três Ordens, onde mulheres e os leigos constituem a Ordem Terceira.

O modo de vida de Francisco influenciou a criação de outras fraternidades, como a Ordem das Freiras Clarissas, considerada a segunda Ordem Franciscana.

A relação entre Francisco e Clara é vista pela Igreja, como a de um pai espiritual em relação à sua filha, negando qualquer envolvimento romântico ou afetivo, destino diferente de Abelardo e Heloisa.

Na biografia autorizada de Francisco, foi negado o envolvimento sentimental, romântico, ou amor platônico, entre ele e Clara, diferente das histórias contadas em algumas iconografias e filmes realizados, como *Irmão sol e irmã lua*. A biografia de Francisco nega a sua humanidade, algo que não fazia mais parte mais da vida do *homem convertido, vivendo sob domínio da Igreja*.

---

<sup>23</sup> Corte cerimonial de cabelos no topo da cabeça, como sinal de admissão e lealdade à Instituição.

<sup>24</sup> Em 1182, os cidadãos de Assis eram classificados em três grupos: *os maiores* (os de condição superior-nobres), *os mediani* (de importância média) e *os minores* (de categoria inferior) que se revoltaram, na tentativa de conseguirem melhores condições de vida.

Francisco, na sua evangelização, utilizava um discurso de pregação alegre e diferente da Igreja, onde o Deus vingativo (usando a narrativa do juízo final) transforma-se no Deus de infinita paciência, fidelidade e amor para com todas as criaturas.

Não esperava que as pessoas viessem até ele, pois estava sempre caminhando ao encontro do povo, pregando o evangelho. Isto possibilitou o crescimento da fraternidade, que no século XIII, reunia mais de três mil irmãos, pregando e agindo por meio de discurso missionário do amor fraterno e da paz, tão importante nos tempos de guerras, vivido na Idade Média.

Francisco comprometeu o modo como era realizada a pregação no cristianismo, pois tomou como modelo o próprio Cristo, não os apóstolos, a imitação do Deus – Homem, conforme os humanistas propunham a paz e o amor à natureza e, enfim, a todas as criaturas, com alegria, diferente de um cristianismo masoquista pregado pela Igreja medieval.

Com um método novo, pregava fora da igreja, em espaços públicos, como as praças. Despachou seus membros de dois em dois pelas estradas e cidades, cruzando as fronteiras e estabelecendo-se em muitos lugares diferentes da Europa, da Ásia e mais tarde das Américas. Com isto, ganhou a representação de promotor do diálogo transcultural, dialogando, inclusive, com os mulçumanos na quinta cruzada<sup>25</sup>.

O franciscanismo, apesar de inovar em várias questões, foi considerado contraditoriamente, tradicional e reacionário, pois, no século das universidades e do florescer da economia, recusou a ciência, os livros e as moedas. Ele não pretendia estender sua ordem a toda humanidade, queria apenas formar um pequeno grupo, queria ser *fermento no mundo*, pregando pela palavra e pelo exemplo. (LE GOFF, 2001, p.112-115).

Com o crescimento, a fraternidade enfrentou muitos problemas, tanto com a Igreja que exigiu a elaboração final da Regra, para a oficialização da Ordem, como com as novas exigências das facções existentes dentro da própria comunidade.

Porém, o problema mais grave, estava relacionado ao voto de viver a pobreza radical, considerada uma utopia, porque a fraternidade havia crescido e necessitava de uma nova estrutura, atendendo a um mínimo de condições materiais para sua sobrevivência, não podendo mais viver só de esmolas e de pequenos trabalhos, porque os frades-sacerdotes precisavam de livros e instrumentos clericais. Estudiosos como Tomás de

---

<sup>25</sup> Na Quinta Cruzada, o papa Honório III convoca energicamente clérigos, monges, abades e leigos Francisco atende prontamente o chamado, mesmo contra muitos do seu grupo.

Celano e Antonio de Pádua não aceitavam afastar-se do trabalho intelectual e acadêmico em função do trabalho braçal.

A autoridade de Francisco já não era tão respeitada, viviam arbitrariamente, pois onde ele não estava, outros assumiam o poder com austeridade e castigos severos, condicionados à hierarquia e unidade da Igreja.

Esses fundamentos não atendiam aos interesses da Igreja, nem a maioria dos integrantes da fraternidade. A saída para a crise na fraternidade, foi a escrita final da Regra, com a interferência da Igreja.

A situação tornou-se crítica. A atitude de Francisco foi considerada um tanto idealista e fanática. Várias vezes, ele foi ignorado e criticado ofensivamente pelos irmãos, acabou renunciando à liderança da fraternidade que fundara e guiara por mais de uma década, pretendia que, com sua renúncia, acabasse com a cisão e a luta pelo poder entre os frades. Pedro Catanio assumiu a liderança da fraternidade.

Francisco redigiu a Primeira Regra para a Ordem que, no entanto, foi rejeitada pela fraternidade, foi considerada, pelos irmãos, muito vaga e sem regulamentos específicos para segurança da Ordem.

A fraternidade estava dividida. Os progressistas triunfaram em 1220, com a Segunda Regra. Esta elaborada a partir da primeira, com interferências do cardeal Ugolino, foi considerada, pelo grupo, mais polida, com princípios, lei e regulamentos jurídicos aceita e submetida a Roma, com aprovação do papa Honório III, em 1223, passando a ser uma Ordem formal dentro da Igreja: a Ordem dos Frades Menores.

O papa Honório III, percebendo na Ordem um poderoso instrumento para efetuar reformas, interveio para que crescesse atendendo aos objetivos da Igreja.

Francisco, aos 42 anos, encontrava-se cada vez mais isolado e decepcionado com o rumo escolhido pela fraternidade. Sofria dores intensas, febre alta, vômitos biliares, diarreia e dor, em consequência das chagas espalhadas pelo corpo, resultado dos sérios problemas de saúde e da vida rude e sofrida, dedicada aos excluídos e rejeitados pela sociedade.

As chagas no corpo doente de Francisco foram identificadas com os *sagrados estigmas*<sup>26</sup> da paixão de Cristo, produziu representações, que se tornaram literalmente a sua marca, com a intenção de reforçar a identificação do Santo – pois assim já era conhecido –

---

<sup>26</sup> Estigma ou a perfuração miraculosa das mãos, pés e flanco de Francisco, como se fossem produzidos por pregos, repetindo as feridas de Jesus crucificado.



com Jesus Cristo Crucificado, por mais que ele mesmo tenha negado a existência dos estigmas.

Segundo pesquisas realizadas por Spoto (2003), as testemunhas do processo de canonização nunca afirmaram ter visto as chagas no corpo do Santo. As marcas seriam, então, sinais de uma doença como a lepra “(...) até mesmo seu bom amigo Ugolino, que se tornou o papa Gregório IX (1227), só mais tarde, mencionou os estigmas. Sua mudança de idéia, entretanto, se deveu a considerações políticas, e não religiosas” (SPOTO, 2003, p 282).

A presença dos estigmas, por meio dos discursos, tornou-se uma representação, ou seja, a prova física da graça obtida de Jesus Cristo Crucificado, utilizada pela Igreja, que afirmou como verdade o alegado milagre, assegurando lealdade, prestígio e apoio dos franciscanos na reforma da Igreja, além de auxiliar Gregório IX a acabar com a rivalidade entre os franciscanos e dominicanos.

Nos últimos dias de vida, Francisco, muito doente, foi levado para dentro das muralhas do palácio episcopal, embora quisesse ir para sua cidade natal. Frei Elias desejava que o Santo morresse em Assis, o berço do franciscanismo.

Criou-se em torno de Francisco moribundo uma vigília, pois, naquela época, as pessoas roubavam os corpos das pessoas consideradas famosas ou santas, para guardar as relíquias.

Por fim, consegue ser enviado para Porciúncula, onde é guardado por frades e homens armados. No último momento, junto a seus amigos mais fiéis, imitando a Cristo, mais uma última vez, reproduz a última ceia, benzendo o pão, parte e o distribui entre seus irmãos.

Francisco morreu no dia 03 de outubro de 1226, com 44 anos. Obedecendo a suas últimas instruções, colocaram-no despido sobre o chão da cela, cobriram-lhe com uma túnica, despediu-se com a frase: “Fiz o que me cabia, que Cristo vos ensine o que vos cabe”. Volta à cena a nudez, representando sua entrega a Deus e a pobreza, realização de toda sua vida (SPOTO, 2003, p 314).

Dois anos após sua morte foi proclamado Santo. A canonização foi decretada, pelo Papa Gregório IX. Essa atitude da Igreja pode ser considerada uma forma de apropriar-se de pessoas notáveis, transformando-as em propriedade do catolicismo oficial (SPOTO, 2003, p. 19).

São Francisco, como uma figura simbólica de sua época, deve ser visto na relação dialética entre suas idéias e suas ações. Ao mesmo tempo em que produziu uma doutrina baseada no evangelho de amor fraterno, de pobreza, de obediência e de

submissão, sua ação pode ser considerada revolucionária, inflexível e dominante, criou um estilo de vida para o leigo e formou uma fraternidade, que mesmo sem grau feudal nem eclesiástico, pode ser equiparada às mesmas.

O franciscanismo nascido de Francisco de Assis, inserido em diferentes contextos ao longo do tempo, sofreu mudanças. Os Irmãos Menores tornaram-se uma Ordem Clerical, instalados em residências urbanas, com deveres sacerdotais, onde a observância à pobreza foi cada vez mais relaxada pela instituição.

As representações franciscanas foram sendo modificadas, recriadas, ou perpetuadas ao longo dos anos, para atender às novas necessidades surgidas na sociedade. Permanecem, no entanto, nos discursos, o estímulo à prática da fraternidade, da bondade e do carisma franciscano.

Até nossos dias, a grande maioria das imagens e iconografias de São Francisco de Assis, inclusive na paróquia onde foi realizada esta pesquisa, encontra-se a história do Santo, que produziu representações mística, do Santo com os estigmas, dando prosseguimento à biografia autorizada pela Ordem, escrita por São Boaventura, que fez paralelos da vida do Santo com a de Jesus Cristo.

Essa forma de representar também foi produzida pelos artistas na arte religiosa medieval. Berlinghieri e Giotto, na Idade Média, utilizaram-se da *mimese*, enaltecendo a piedade e o milagre, igualando a realidade à arte, como se esta fosse a forma “mais verdadeira” para nos referirmos ao Santo, utilizando a *stigmata*.

Em muitas biografias sobre o Santo, autores como Spoto (2003) afirmam que essa seria a única forma de representação (pintura), contradizendo-se, pois afirma que as “marcas” não são o verdadeiro significado do estigma, e sim a representação de toda uma vida de dedicação, doação, bondade, vivência literal do evangelho.

Pode-se elaborar e interpretar a figura do Santo (forma/estilo e conteúdo/temática) atendendo a diferentes representações, dependendo das intenções. A exemplificação pode ser feita observando-se um detalhe do Painel da Pampulha, criado por Cândido Portinari com o tema sobre São Francisco de Assis.



virtudes do ascetismo, do cuidado  
ca dos estigmas, como se observa  
nde as formas não têm a intenção

**3.Detalhe do Painel de Portinari na Igreja de São Francisco de Assis na Pampulha, Belo Horizonte, Minas Geral (1947).**

Fonte:<<http://www.arquidiocese-bh.org.br/diversos/pampulha>>

Estas inovações, na arte religiosa, tanto na forma quanto no conteúdo, foram muito criticadas, na modernidade, pela Igreja. O papa Pio XII (1939-1958), por exemplo, considerava que a arte inspirada na fé, difundia as verdades da fé, “Bíblia dos iletrados”, porém deveria ser realizada pelo artista cristão, pois “quando o artista vive a religião tanto melhor se encontra preparado para falar a linguagem da arte. “(...) o artista cristão é, em certo sentido um eleito, porque é próprio dos eleitos contemplar, gozar e exprimir as perfeições divinas” (BAPTISTA, A. P. 2002, p.58).

As representações franciscanas nascidas a partir da história do Santo resignificaram-se indefinidamente pelo tempo, chegando ao Brasil e ao antigo sul de Mato Grosso (1938), trazidas pela Missão Franciscana, onde se estabeleceram.

**1.3. História e memória franciscana: construindo uma fraternidade no sul do antigo sul de Mato Grosso**

Mato Grosso do Sul, no cenário brasileiro, vem se estabelecendo e, caracterizando-se por sua riqueza e diversidade cultural. Configura-se como uma região<sup>27</sup> fronteiriça, formada pela contribuição dos diversos povos que aqui vivem e os que vieram de outros lugares, particularmente pela população do Paraguai e da Bolívia, produzindo, assim, manifestações culturais diversas e um pluralismo religioso.

---

<sup>27</sup> O conceito de região não é natural, é ambíguo e deve ser compreendido como representação, pois sua definição depende do jogo de interesses, das manipulações, das disputas, do tempo e da história, do contexto e não do espaço físico (QUEIROZ, P. R. C, 1993).

A Igreja Católica enfrentou diferentes problemas, ao expandir seus domínios no antigo sul de Mato Grosso, alguns dos quais serão mostrados ao longo deste texto, com o propósito de compreender no contexto histórico, como as representações franciscanas começam a constituir-se a partir de um universo complexo de ações, fortalecidas por meio das relações entre os primeiros missionários franciscanos e o povo da região .

As representações franciscanas, formadas pela história e pela memória, foram construídas com a presença e atuação da Missão Franciscana, tecida na relação entre os missionários e a comunidade, promovendo processos constituídos de identidades e alteridades, a partir da idéia de dar prosseguimento à obra de São Francisco de Assis, legitimando, assim, a sua presença no novo campo de trabalho missionário.

Embora a esta pesquisa se desenvolva a partir do estabelecimento dos missionários franciscanos alemães, no antigo sul de Mato Grosso (1938), no século XX, faz-se um breve relato sobre os primeiros missionários franciscanos, que chegaram ao Brasil colonial<sup>28</sup>, no antigo sul de Mato Grosso. Dessa forma, é possível perceber como as representações franciscanas vão adquirindo novos significados ao longo do tempo.

Os franciscanos beberam nas fontes do passado, para produzir suas memórias, Frei Knob (1988), por exemplo, no livro *Missão Franciscana*, faz inúmeros registros, histórias e *proezas* realizadas pelos missionários, reconhecendo as dificuldades no contexto épico vivido, utilizando-as para vivificar o seu legado na memória dos que aqui vivem.

#### **1.4. Os primeiros missionários, as primeiras representações: ora, o pobre no meio dos pobres, ora o herói salvando almas e civilizando a barbárie**

Os primeiros franciscanos estiveram nas terras mato-grossenses, vindos do Paraguai. A Missão Franciscana, no Paraguai, começou em 1.575, com 22 frades, entre eles, Frei San Buenaventura e Frei Luís de Bolamos. Na época, “(...) diversos missionários franciscanos palmilharam as terras mato-grossenses, especialmente ao sul, procurando aldear os índios e convertê-los ao cristianismo” (KNOB, 1988, p.17).

---

<sup>28</sup>Embora os movimentos migratórios na região, tenham sido intensificados no século XVII, o lugar não vivia em completo isolamento, essa tese foi abandonada, gerando mais mitos do que fatos (BORGES, F.T.2001).

No processo, atendeu aos interesses da expansão mercantil europeia (séculos XVI a XVIII), contou com o apoio das congregações religiosas que, na América espanhola,<sup>29</sup> estava entregue aos franciscanos e aos sacerdotes seculares.

Em 1593, os espanhóis vieram ao antigo Mato Grosso e fundaram Santiago de Xerez. Sem recursos para a colonização e necessitando de mão de obra escrava indígena para a agricultura colonial, aceitaram a iniciativa da Igreja Católica de ceder os missionários da Companhia de Jesus para catequizar os nativos, utilizando-se da educação religiosa com a intenção de torná-los súditos do rei e protetores da fronteira.

A frente missionária, no século XVII, fundou núcleos entre o rio Apa e o Taquari, nos territórios do Guairá, no Tapes e no Itatim, iniciando o aldeamento dos indígenas. Nessas reduções, os padres enfrentaram dificuldades, como a adaptação ao clima e a falta de alimentação, resistiram até as missões serem totalmente destruídas no período de 1632 e 1648, pelos bandeirantes paulistas. Com o ataque dos portugueses, a escravização dos indígenas e os surtos de epidemias morreram milhares de índios guaranis. Vivem hoje: os Terena, Kadiwéu, Guató, Guarani/Nandeva, Guarani/Caiuá e Ofaié Xavante.

O trânsito de portugueses na região oeste do antigo Mato Grosso intensificou-se devido à exploração do ouro, às margens do rio Coxipó (1719). Na segunda metade do século XVIII, expandiram-se para o sul.

A Coroa Portuguesa necessitava legitimar a posse efetiva das terras a oeste e ao sul, perante a Espanha, como estratégia mercantilista, visando controlar a região, foi criada a Capitania de Mato Grosso (1748), desmembrada de São Paulo e fundada a Vila Bela da Santíssima Trindade, sede da Capitania (1752)<sup>30</sup>.

Vários núcleos populacionais foram criados, dando origem a vilas e cidades, pelos militares, com a construção de fortes e postos de suprimento, bem como os missionários religiosos, entre eles os franciscanos que vieram de outros países, com o intuito de auxiliar no processo de ocupação, povoamento e desenvolvimento.

No ano de 1718, instalaram-se, em Coxipó-Mirim, os primeiros missionários e, dentre eles, estava o franciscano Frei Pacífico dos Anjos, cujo irmão Jacinto Barbosa Lopes construiu a igreja matriz denominada - Igreja do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Esse

---

<sup>29</sup> A região de Mato Grosso ficava sob o domínio da Coroa da Espanha, através do acordo realizado pelo Tratado de Tordesilhas de 1494. Os espanhóis empenhados em descobrir uma rota para chegar às Índias, em busca de especiarias, encontraram o estuário do Prata, os sobreviventes da caravela de Aleixo Garcia, encontraram metais preciosos, estabelecendo-se na região andina. A partir desse fato, a corte portuguesa, liderada por Martins Afonso de Souza, foi em busca dos metais, fundando São Vicente e Piratininga, ponto de acesso ao Paraguai e às minas do Peru, acelerando a ocupação platina pelos espanhóis.

<sup>30</sup> CORRÊA, L. S. *História e Fronteira: o sul de Mato Grosso 1870 - 1920*. Campo Grande: ed. UCDB. 1999.

fato marcou o início da presença franciscana no antigo Mato Grosso, como uma *missão divina* com o objetivo de salvar as almas e civilizá-las, como se observa nas palavras de Knob (1988, p.18-21), “quis a Divina Providência que a primeira missa no primeiro templo de Cuiabá fosse celebrada por um filho de São Francisco”.

O autor enfatiza que muitos franciscanos acompanharam as monções<sup>31</sup> como capelães. Fazendo reverência à memória franciscana, ao padre frei Antônio Nascentes, conhecido pela alcunha de *Tigre*, devido “*sua extraordinária força e intrepidez*” enfrentando nas monções os índios Paiaguá.

Outro *grande missionário* citado foi o Frei Antônio do Extremo, em sua primeira missão percorreu a distância a pé, entre Goiás e Cuiabá, durante treze dias, onde enfrentou, porcos bravos, segundo ele, com a reza o Si Quaeris Miracula a Sto. Antônio.

Sua coragem e fé foram ressaltadas como representante do verdadeiro *carisma franciscano*, por isso o povo estimava-o tanto que, quando ele passava, cortavam-lhe pedaços do seu manto .

A sociedade no antigo sul de Mato Grosso, no século XIX<sup>32</sup>, segundo Marin (2000, p.30) tornou-se marcadamente militarizada, latifundiária e pastoril, onde o poder e prestígio dos proprietários rurais, pelas relações de mando e violência, defendendo os interesses do Estado, apropriavam-se de terras devolutas gerando conflitos com indígenas, posseiros e paraguaios.

Os franciscanos foram exaltados por sua bravura, coragem e atitude heróica prestada aos soldados brasileiros, no período da guerra entre Brasil e Paraguai. Os freis italianos Ângelo de Caramânico e Mariano de Bagnaia chegaram a ser presos e levados para Assunção. Frei Ângelo foi açoitado e decapitado e Frei Mariano conseguiu fugir, sendo salvo pelas tropas brasileiras e homenageado com o título de Major do Exército Brasileiro.

Desta forma, a história/memória dos missionários franciscanos, nascida do mito fundador *São Francisco de Assis* e da *Ordem dos Irmãos Menores*, vieram da Europa, e iniciaram a sua trajetória no antigo Mato Grosso, onde foram inicialmente projetados como heróis, que enfrentavam o sertão bravo.

---

<sup>31</sup> As monções eram expedições fluviais que constituíam uma corrente regular de comunicação e comércio.

<sup>32</sup> As disputas territoriais entre o Império brasileiro e as Repúblicas fronteiriças persistiram mesmo depois da independência das colônias espanholas, da formação de Repúblicas independentes (1816 e 1828) e da Independência do Brasil (1822). Um bom exemplo disto é a guerra do Paraguai (1864-1870), desfecho inevitável das lutas travadas durante quase dois séculos entre Portugal, Espanha e Brasil e as repúblicas hispano-americanas pela hegemonia na região do Prata.

No período da proclamação da República (1889), com o rompimento entre Estado e Igreja, esta passa a buscar novos rumos para sobreviver sem os privilégios do Estado, tendo, portanto, que se estrutura estabelecendo novos elos com as massas.

D. Macedo Costa (1890), arcebispo da Bahia, redigiu um documento dividido em nove capítulos, propondo reformas do episcopado brasileiro<sup>33</sup>, entre elas, estava a proposta de criar seminários, difundir as missões populares, buscar a unidade do clero com o Papa, zelar pelos imigrantes, aumentar o número de dioceses e trazer as ordens eclesíásticas da Europa, para dirigir e fundar escolas católicas no Brasil.

As divisões e criações das dioceses e arquidioceses são realizadas por todo o país. No antigo Mato Grosso (1910), quando só havia a Diocese de Cuiabá, sufragânea da Província Eclesiástica de São Paulo, o Papa Pio X criou a Província Eclesiástica de Cuiabá<sup>34</sup>, desmembrando de seu território as novas dioceses de São Luis de Cáceres, ao norte e de Corumbá<sup>35</sup>, ao sul.

Os domínios da Igreja Católica, a expansão ao sul do antigo Mato Grosso, propiciaram ainda mais, a necessidade de ampliar o quadro de religiosos, para dar prosseguimento à missão católica, terreno fértil para a vinda dos imigrantes religiosos, os franciscanos alemães que chegariam aos anos 30, do século XX.

Em 1934, com a nova constituição, Igreja e o Estado firmaram um novo pacto de colaboração. São atendidas as reivindicações católicas, ou seja, assistência religiosa às Forças Armadas, o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, a proibição do divórcio e outras medidas.

---

<sup>33</sup>Essa reforma proposta, no final do século XIX, percorreu parte do século XX, no processo de romanização (centrado no modelo romano) e clerização do catolicismo brasileiro.

<sup>34</sup>Ocuparam o sólio episcopal de Cuiabá, Dom José Antonio dos Reis (1833-1876); Dom Carlos Luís d'Amour (1879-1921) e Dom Francisco de Aquino Correa (1921-1956).

<sup>35</sup>Corumbá (1871) foi um importante pólo comercial, superando a capital, com instituições financeiras e casas comerciais. A maior parte da população era formada pelos comerciantes estrangeiros, importadores, exportadores e funcionários públicos. A Diocese de Corumbá era distante e extensa, teve como bispos, D. Vicente Maria Priante (1933-1944) e D. Orlando Chaves (1948). Em 1957, foram criadas as Dioceses de Campo Grande, com o Bispo D. Antonio Barbosa e a Diocese de Dourados, cujo bispo nomeado foi D. José de Aquino Pereira.

O incentivo às missões católicas foi uma das propostas do governo de Getúlio Vargas<sup>36</sup> para integrar e nacionalizar, promovendo a ocupação do território brasileiro e a homogeneização cultural, principalmente na fronteira oeste (MARIN, 2000, p. 65).

As representações franciscanas são intensificadas com o discurso a respeito do desenvolvimento, fortalecido com a implementação das melhorias realizadas na região, nas linhas telegráficas, no setor de transportes e, em especial, com a criação da Ferrovia Noroeste do Brasil /NOB.

O processo de ocupação foi intensificado, no século XX, principalmente no antigo sul de Mato Grosso, com a chegada de imigrantes. A região foi povoada por muitos estrangeiros como: paraguaios, japoneses, sírios, alemães, polacos, espanhóis e outros, além destes, também encontravam-se ao sul, (...) “50 mil filhos de outros estados”, alguns vieram por razões políticas, outros, pelas terras fartas e férteis (BITTAR, 1999, p.74).

Esse fato ficou conhecido como *a marcha para o Oeste*, apoiado por Vargas, com o objetivo de formar Colônias Agrícolas Federais, Municipais e Estaduais (1943), como por exemplo, a Colônia Agrícola de Dourados (CAND)<sup>37</sup> criada em 1943.

As imigrações foram estimuladas, principalmente de pessoas da Europa, que vinham fugidas da guerra. Esse contexto histórico atendeu às necessidades da Província Franciscana de Santa Izabel da Turíngia, na Alemanha. As dificuldades financeiras da Província eram grandes, havia também um excedente de missionários, o governo nazista não permitia novas edificações religiosas no país. Além disso, as congregações católicas alemães sofriam perseguições e necessitavam de um lugar de refúgio, para continuarem existindo. Além disso, muitos dos missionários solicitavam participação nas missões, em outras províncias franciscanas, levando o Governo Providencial da Alemanha, representante de uma Ordem missionária, a procurar e assumir um novo campo de trabalho.

Várias negociações foram realizadas com o Bispo Dom Aquino Corrêa<sup>38</sup>, até chegarem a um consenso sobre o local de estabelecimento da Ordem, considerado, porém,

---

<sup>36</sup>Getúlio Vargas esteve à frente do Governo do Brasil nos seguintes períodos: de 1930 a 1934; de 1934 a 1937; de 1937 a 1945; de 1951 a 1954. Iniciou o governo do país com aproximadamente 37 milhões de habitantes, dos quais 70% viviam na área rural. Ao longo de quinze anos de governo, o Brasil teve duas constituições federais (em 1934, com características liberais, e a segunda, em 1937, comprometida com o pensamento autoritário). Foram implementadas reformas administrativas, promulgadas leis trabalhistas e criados departamentos e ministérios específicos para educação, saúde, pública, agricultura e outros. O Governo fortaleceu o nacionalismo no País e a grandeza do Estado Novo, através de manifestações educativas, cívicas e culturais, com desfiles monumentais nas datas cívicas.

<sup>37</sup> Através da CAND foram distribuídos, gratuitamente, lotes de terra, para população.

<sup>38</sup> D. Aquino Corrêa era cuiabano, bispo muito carismático e respeitado, assumiu as lideranças políticas na presidência do estado de 1918 a 1922, com o intuito de pôr fim às disputas políticas entre legalistas e coronéis.



muito carente, Frei Eucário citando as palavras de D. Aquino Corrêa concluiu que, a precariedade do local designado à missão franciscana, seria um “campo grato para exercer a pobreza franciscana” (KNOB, 1988, p. 49).



Vieram, inicialmente, da Alemanha quatro jovens padres (da esquerda para direita na fotografia): Freis Eucário Schmitt, Antonino Scwenger, Wolfram Passmann, Francisco Brugger, e dois irmãos, Freis Modesto Rabold e Valfrido Stähle.

#### 4. Fotografia dos 4 primeiros missionários

Fonte: KNOB, 1988, p. 46

Observa-se que na época o hábito franciscano era usado frequentemente. Essa indumentária, criada por São Francisco de Assis (XIII), era composta por uma túnica de pano com cores sóbrias, capuz e uma corda amarrada na cintura. Mais tarde os franciscanos optaram pela cor no capuz e na indumentária que lembrava o café misturado com leite fervente. (...) A palavra *cappuccino* deriva desses frades capuchinhos e seu capuz. Na época não consistia em um uniforme, o Santo apenas pretendia vestir-se como: (...) um homem muito pobre. A simplicidade de Francisco representava uma reprovação implícita ao luxo e privilégio que definia grade parte da vida eclesiástica (SPOTO, 2003, p.115).

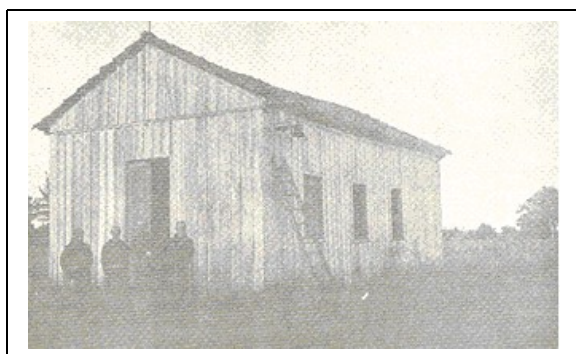
Os freis usavam o hábito franciscano no dia a dia, inclusive, nas tarefas diárias como horta, jardinagem e outros afazeres. A indumentária franciscana, segundo relatos dos mesmos, produziu no povo simples do sertão, muita curiosidade, respeito e reverência.

A tradição do hábito perdurou até o século XX, quando, aos poucos, foi sendo substituída de forma geral, por roupas comuns, porém, alguns religiosos ainda as usam no dia a dia. Os franciscanos fundaram, em 1938, duas casas religiosas distantes uma da outra mais de 1.000 quilômetros. Ao norte, na arquidiocese de Cuiabá, assumiram uma paróquia, no município de *Rosário Oeste*, onde encontraram uma igreja bem simples, feita de pedra e a outra em *Entre Rios*<sup>39</sup>, ao sul, pertencente à diocese de Corumbá, onde encontraram uma velha capela de madeira construída em 1906<sup>40</sup>.

<sup>39</sup> A região de Entre Rios, posteriormente passou, a ser nomeada de Rio Brilhante.

As fotografias abaixo representam a transformações físicas realizadas no campo religioso. A imagem nº5 mostra a igrejinha encontrada em Entre Rios, pelos franciscanos alemães, segundo os mesmos, era pequena e encontrava-se prestes a cair.

A imagem nº 6 mostra a segunda igreja erigida pelos franciscanos, no lugar desta, exemplificando o investimento vultoso realizado nas construções, principalmente nos anos 50, como símbolo do desenvolvimento, como se observa mais adiante, no texto.



5. Igrejinha de Entre Rios (1906), encontrada pelos franciscanos em 1938. Fonte: KNOB, 1988, p. 225



6. Igreja paroquial de Entre Rios construída em 1945 pelo Frei Leandro Schnabel. Fonte: KNOB, 1988, p. 226

Todas as paróquias assumidas ao longo dos anos 30 e 40 do século passado, foram encontradas em situação precária, havia muito para fazer em termos de construção, além do trabalho pastoral, que era árduo e solitário, pois os franciscanos se distanciaram um dos outros, impedindo que se fortalecessem quanto fraternidade, auxiliando-se no trabalho missionário.

Nos relatos das viagens de desobriga<sup>41</sup>, foram, então, produzidas representações com pretensão de projetar, na história mato-grossense, os missionários franciscanos como corajosos heróis enfrentando a barbárie, como:

(...) missionários movidos pelo espírito evangélico que lhes dava força e coragem para enfrentar o calor, o lombo dos burros, os insetos, os trilheiros, a fome, a água não potável, dificuldades lingüísticas, diferenças culturais e religiosa (KNOB, 1988, p. 189).

Nas histórias contadas, percebe-se a formação e o fortalecimento do corpo identitário e das representações franciscanas formadas, a princípio, pelos primeiros missionários na América, caracterizando-os como mito ou heróis desbravadores dos sertões. Eram protegidos pela força divina, para enfrentar uma região de perigos, *a*

<sup>40</sup> Os franciscanos substituíram esta igrejinha por outra em 1945, e mais tarde em 1972, construíram a matriz que permanece até hoje.

<sup>41</sup> As viagens de desobriga eram as visitas dos sacerdotes aos sítios na região do sertão. Duravam até 10 semanas, eram realizadas a cavalo, mulas ou canoas, os primeiros foram os freis franciscanos da Ordem Terceira Regular/ TOR na Diocese de Cuiabá, perdurando até os anos 60, do século XX, com os franciscanos alemães, que passaram a utilizar outros transportes como o automóvel.

selvageria e o inimigo - a falta de civilidade. Revelando-se como *um mito fundador*, representante do cristianismo e das verdades da fé:

(...) aquele que não cessa de encontrar meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a expressão de si mesmo. (...) O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-se para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente (CHAUI, 2000, p. 9 - 10).

A marca do caráter identitário dos primeiros anos de vida dos franciscanos no antigo Mato Grosso foi elaborado com a evocação do mito fundador, São Francisco de Assis, assim, “(...) o missionário realizava o ideal franciscano não só na vida, mas também dava um caráter franciscano ao seu trabalho pastoral, promovia a devoção franciscana”. A maioria do povo era pobre e o “(...) o missionário levava uma vida pobre no meio dos pobres” (KNOB, 1988, p. 115 a 116).

A Missão Franciscana, no período da Segunda Guerra Mundial<sup>42</sup>, estava ainda se estabelecendo na região, enfrentou uma situação financeira difícil, pois ficou separada totalmente da *Província-mãe* e da Pátria. Segundo os freis, eles não puderam mais contar com a vinda de novos missionários da Alemanha e nem com o auxílio material, tão importantes para o trabalho missionário no novo campo.

Sofreram, também, alguns incidentes em Coxim, Dourados, Ponta Porã, Cuiabá, Três Lagoas e Campo Grande devido à situação vivida, em consequência da Segunda Grande Guerra. Alguns freis em suas viagens, chegaram a ser presos, ou detidos nos limites da cidade onde moravam:

Às duas horas da tarde houve uma busca na nossa casa paroquial, prendendo-se o rádio das Irmãs Franciscanas e uns livros. Depois de uns dias, durante os quais foram ouvidas as testemunhas, no dia 26 de março, fomos levados ao Quartel de Três Lagoas. (...) A nossa estada na prisão levou 6 semanas e nós fomos postos em liberdade no dia 3 de maio, sendo que não se pode apurar nada contra nós. Boatos correram por aí à vontade: Frei Antonio de Aparecida do Taboado é aviador alemão, Frei Valfrido é oficial do Exército alemão; Frei Pedro é capitão da Marinha etc. Disseram que nós tínhamos uma rádio emissora para a Alemanha, um subterrâneo que abrigava uma companhia inteira, um esconderijo com metralhadoras etc, que nós tínhamos tomado cerveja festejando o afundamento de navios brasileiros (KNOB, 1988, p.76).

---

<sup>42</sup> O apoio do Brasil (1939) aos aliados na Segunda Guerra Mundial, em troca da ajuda norte-americana, rompeu ligações diplomáticas com a Alemanha (nação do eixo: Alemanha, Itália e Japão).

Mesmo impedidos de deixarem seu país, em 1939, outros missionários alemães vieram para o antigo sul de Mato Grosso. Dessa vez, foram os Freis Luís Kunkel, Liberato Ketterer, Quirino Franz e Nidgar Krätzschar e, por fim, com a expulsão de mais trinta frades da Província de Turíngia, na Alemanha, dezenove deles vieram para o Brasil, assumiram paróquias já prontas e outras, onde havia apenas núcleos e comunidades que, com o passar dos anos, transformaram-se em paróquias.

As dificuldades encontradas foram muitas, desde os primeiros tempos, devido às longas viagens de desobriga, a situação de abandono em que se encontravam as construções religiosas e, principalmente, as diferenças culturais.



Observamos na imagem uma viagem de desobriga realizada na Chapada dos Guimarães, pelo Frei Francisco Brugger O. F. M. chamado de “o incansável cavaleiro de Cristo”,

#### **7. Frei Brugger O. F. M. em uma viagem de desobriga em 1960.**

**Fonte: KNOB, 1988, p. 263**

Outra dificuldade por que passaram os missionários, foi caracterizada pela dispersão espacial no antigo Mato Grosso. Os missionários reclamavam das distâncias a que se encontravam uns dos outros, promovendo a perda do caráter comunitário e da vida fraterna com os demais freis, levando-os ao isolamento. O desenvolvimento do caráter individualista e o contraste cultural existente entre eles e o povo mato-grossense dificultaram a adaptação de muitos franciscanos, alguns retornaram à sua terra natal, após entregarem as paróquias que haviam assumido.

Segundo Elsing (1988, p. 162 - 163) havia um “abismo cultural” entre os missionários nascidos e criados na Alemanha “supercivilizada” e as pessoas que, em parte, “viviam na idade da pedra”, impossibilitando um “diálogo valioso com alguém do mesmo nível intelectual” isto provocaria a “perda de seus ideais de cultura e definir seus próprios valores humanos”. O próprio arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Corrêa (1936), reforça a situação da região como precária, informando aos franciscanos que eles teriam “um trabalho imenso”, pois, a população local “era mais ou menos civilizada e vegetavam na pobreza corporal e espiritual, além de quase todos serem analfabetos”

Nesse momento, observa-se a ênfase nas diferenças culturais entre os freis e o povo da região que construíram representações por meio das alteridades, justificando a missão franciscana, importante pelo compromisso de propiciarem ao povo, a verdadeira cultura da civilização européia, e os fundamentos do catolicismo.

Tanto no norte como no sul do antigo Mato Grosso, esta situação se revelava, pois segundo Marin (2000, p. 65) havia um preconceito com relação aos paraguaios e aos mato-grossenses da fronteira, que teriam perdido sua identidade, tornando-se fronteiriço. A fronteira era considerada um Brasil exótico e deformado, um local de decomposição moral e dos costumes, da promiscuidade, da corrupção e da violência. “(...) A heterogeneidade cultural, o multilingüismo e a multinacionalidade da população teriam desnacionalizado o sul de Mato Grosso”. Deste modo, faltava à população o nacionalismo que (deveria) constituir o sonho e preocupação do brasileiro.

Essas questões refletiam o modelo de desenvolvimento econômico e sócio-cultural implantado na América Latina, em função da colonização, os quais obedeciam ao ideário e pressupostos ocidentalistas elaborados sobre os países colonizados.

Observando isto, os setores significativos das elites de Mato Grosso configuram o povo como atrasado e com baixo grau de civilização e inferioridade racial de suas populações (GALETTI, 2000, p.20).

A elite intelectual e as famílias tradicionais abastadas do antigo Mato Grosso, lideradas pelo bispo Dom Aquino, empenharam-se em promover a *preservação da memória* na história do estado, contrariando o discurso da barbárie.

Para tanto, desenvolveram o projeto da criação do Instituto Histórico Local, com o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso/ IHGMT, cujos referenciais identitários exaltam a união entre os mato-grossenses, revelam riquezas naturais e *os heróis* como Rondon, desbravador dos sertões.

Para a construção e desenvolvimento da nação investiram em empreendimentos civilizadores, como a construção de estradas e ferrovias, realizaram o povoamento através da imigração estrangeira, habitando os sertões da pátria, visto “(...) como fronteira entre civilização e barbárie dentro do próprio território nacional” (GALETTI, 2000, p.24).

A invenção da barbárie é percebida no discurso, construída pelo olhar do estrangeiro, e de alguns representantes da elite, que qualificou a região como:

(...) abundante de recursos naturais, seu imenso território quase vazio, dominado por indígenas e por uma população mestiça, indolente e sem espírito empreendedor, seu progresso só seria possível com a introdução do imigrante e capital europeus (GALETTI, 2000, p. 25 -27).

As diferenças culturais são relatadas pelos missionários franciscanos, desde a chegada no antigo Mato Grosso. A transformação desse discurso vai ocorrer somente mais tarde à medida que outros imigrantes passam a compor o cenário das paróquias, como veremos mais a diante, no segundo capítulo deste texto.

Dessa forma, as representações franciscanas ao mesmo tempo em que construíam grandes diferenças sócio-culturais com relação ao sertanejo, também precisavam ressignificar construções identitárias com o povo. Assim, ora o missionário era o pobre no meio dos pobres, ora era o herói que enfrenta todos os perigos e selvageria da barbárie da região possibilitando o desenvolvimento cultural e a educação do povo.

Os missionários franciscanos exprimiam o contentamento de observar que o *povo brasileiro* era todo religioso e todo católico, pois usavam diariamente a expressão: “graças a Deus”, segundo eles, porque o sertanejo confiava na providência divina. Observaram, no entanto, que lhes faltavam os fundamentos, reconhecendo, assim, o campo ideal para catequização.

Sentiam-se também responsáveis pela substituição da religiosidade popular, pela difusão do catolicismo romano, o que aumentava o poder do clero sobre as práticas religiosas.

Segundo Knob (1988, p. 46) nas casas havia santos de barro deformados, justificando que a devoção aos santos era “puro serviço de amuletos”, embora fossem homenageados nas festas, não sabiam direito o nome deles. O ritual era com reza cantada, jantar com carne de boi ou porco, e canto acompanhado de viola e dança cururu ou catira e pinga. Considerado pelos franciscanos o “único divertimento do povo do sertão e a expressão de vida social”, oportunidade de reunir os parentes e amigos.

A cultura multifacetada e a religiosidade do povo mato-grossense, cujas fronteiras do sagrado e do profano encontravam-se fluídas, permeadas de crenças e práticas não convencionais católicas, eram consideradas muito profanas pela Igreja. Estas práticas favoreciam o surgimento de uma “espiritualidade sincrética e plural, e espaço de resistência e de autonomia ante uma pastoral romanizante que objetivava subtrair para o controle clerical a condução dos assuntos religiosos” (MARIN, 2000, p. 80).

Desconsideravam-se, então, a riqueza intercultural dessa diversidade, que propiciava a participação efetiva da comunidade, gerando um espaço de *solidariedade, de convivência e trocas de experiências*, fortalecendo as relações sociais.

A permanência ou não, das características dessas representações construídas pela comunidade, ou a sua ressignificação deveria depender de suas escolhas e necessidades, pois, são tradições inventadas que se modificam ao longo do tempo.

Como exemplo disso, podemos citar a dança catira, que permanece até hoje na região de Camapuã, dançada tradicionalmente por homens, ao som da viola, com sapateados e palmeadas, sendo que, algumas vezes, ocorrem participações femininas.

Os franciscanos justificando as diferenças religiosas comparam o povo mato-grossense com as crianças, pela sua inocência ou ignorância a respeito do pecado, apresentando dificuldades de compreender as verdades da fé e dos sacramentos.

Criticando os sertanejos pela falta dos fundamentos da fé, acreditando que o pecado era “somente roubar ou matar”, teriam, então, que ser ensinados com muita “paciência e dedicação, sem muito exigir, pois não lhes foi oportunizado o conhecimento necessário para esse entendimento” (LIVRO CRÔNICA DOS FRADES MENORES DE CHAPADA IN ARQUIVO CUSTODIAL, C G. p.13 13 v).

Segundo Marin (2000, p. 231- 432), os missionários estrangeiros acreditavam no seu propósito de uma missão salvadora catequética e civilizada, a qual possibilitaria conduzir o antigo Mato Grosso ao progresso e à modernidade. “Esses ideais, vistos como símbolos da modernidade européia, deveriam espalhar-se pelos continentes, de forma a atingir tudo e a todos”.

Pelos relatos, podemos observa-se as representações construídas nesse contexto a respeito do povo e dos franciscanos. O olhar estrangeiro dos franciscanos alemães produziu a representação do povo da região, como pobres, carentes de cultura, de civilidade e de desenvolvimento, nessa fórmula, o missionário tornou-se o herói civilizador, desbravador do sertão bravo.

As representações franciscanas fortaleciam a idéia dos franciscanos como representantes “oficiais” de São Francisco de Assis, nesta outra formulação, os freis, como missionários, passam a ser os pobres no sertão, produzindo identidades com os sertanejos e com o Santo “pobre” de Assis que, como ele, atravessaram fronteiras levando o evangelho, os fundamentos da fé, a todos os povos, nesse caso, os sertanejos do antigo Mato Grosso.

Dessa forma, os franciscanos foram se estabelecendo na região. A Missão Franciscana da Primeira Ordem de São Francisco, no antigo Mato Grosso, foi registrada, a princípio (1940), como pessoa jurídica em Cuiabá, mais tarde passou a ser chamada de *Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora* (1967), permanecendo com esse nome até hoje.

Após a guerra (1945), os franciscanos receberam novos incentivos financeiros da Alemanha, o que propiciou a melhoria e o desenvolvimento físico nas instalações. Novos frades vieram, principalmente, para a missão no antigo sul de Mato Grosso, como os confrades da Missão do Japão, os Freis Drossler, Schimitt e Braun, instalando-se em 1942, na Rua Antonio Maria Coelho, 804, em Campo Grande.

O local tornou-se a sede do Comissariado de Mato Grosso<sup>43</sup> e o centro da missão japonesa, atendendo a essa colônia de imigrantes japoneses, estabelecidos na cidade, porém, pelas dificuldades da época, logo foi desfeita a missão.

Estabelecendo-se definitivamente no sul, os franciscanos entregaram as paróquias do norte, que foram assumidas por outras missões católicas. Começam a passar por grandes transformações, onde as tradições e renovações vão ser ressignificadas e novas representações serão produzidas.

O próximo capítulo mostra que as transformações na missão franciscana foram necessárias para atender ao processo de renovação católica, realizada no contexto da modernidade, na segunda metade do século XX.

---

<sup>43</sup> O Comissariado de Mato Grosso encontrava-se anteriormente em Rosário do Sul (1928), depois foi para Ladário (1942) e nos anos 1950, instalado definitivamente em Campo Grande.



## **2 ENTRE REPRESENTAÇÕES, TRADIÇÕES E RENOVAÇÕES: consolidando o franciscanismo no antigo sul de Mato Grosso**

*No presente da leitura, a lembrança física de seu traçado conduz o leitor, em reminiscências, para o mundo sem traços das palavras invisíveis, de onde ele volta outro mesmo para a folha dos sinais gráficos, sinais para sempre em seu corpo recordados.*  
*Milton José de Almeida*

Neste capítulo, faremos uma reflexão sobre as representações franciscanas permeadas pelo processo histórico da modernidade, onde a Igreja Católica vive o conflito entre perpetuar as tradições e a necessidade da renovação.

Estaremos compreendendo as ressignificações das representações, a partir do estudo das representações franciscanas produzidas no universo dos signos pertencentes à paróquia São Francisco de Assis, em Campo Grande, antigo sul de Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul, no período de 1950 a 1987. Observa-se que as representações franciscanas, da paróquia, foram ressignificadas, a princípio, com a intenção de produzir e perpetuar tradições franciscanas, através da construção da Igreja Conventual no estilo arquitetônico colonial, retomando o Santo padroeiro, São Francisco de Assis, com os estigmas de Cristo.

Os franciscanos produzem identidades do Santo europeu com a comunidade. Até então, São Francisco de Assis era desconhecido para a maioria das pessoas no bairro, onde estabelecem a paróquia, para torná-lo conhecido, utilizam vários recursos como às imagens dos vitrais na igreja, onde narram a vida religiosa do Santo, como exemplo a ser seguido pelos fiéis, ressaltando sua entrega a “Dama Pobreza” e a Igreja Católica.

As representações são produzidas com o intuito de perpetuar tradições, elas também promovem mudanças para atender à renovação católica no contexto dos anos 50 a 80, do século XX. A modernidade impõe aos franciscanos a ressignificação do Santo que passa a ser reformador, construtor e reconstrutor de Igrejas, de escolas, hospitais, observa-se isto por todo o Estado por onde os freis passaram. Este fato justifica a presença dos franciscanos e consolida a Missão como fundamental para o desenvolvimento do sul da região.

Ao longo dos anos 60 a 80, com o nascimento de igrejas com bases populares e em luta pela Libertação, as representações franciscanas ganham novos significados, onde os franciscanos passam a buscar o carisma, nas origens do mito fundador (CHAUI, 2000, p.9), não mais como o Reformador de igrejas, mas como o “Pai dos pobres” (BOFF, 1994, p.88) e o “inventor das comunidades, que se harmonizava com a natureza” (FARIAS, 2002, p.382), inventando a ecologia-social, onde todos os homens e a natureza viveriam o carisma, no exercício da solidariedade e da paz.

A partir da reflexão sobre o santo padroeiro reformador, compreendemos que vão brotando novas representações, relacionadas com temas diversos produzidos no contexto histórico vivido, estabelecendo-se novas diretivas à ação franciscana nas relações com a comunidade na paróquia.

As representações nascem e renascem a cada momento, segundo Lefebvre:

Las representaciones nacen perpetuamente. En cada momento, a partir de un fondo (ni sustancia ni instancia) sin fundamento asegurado – mi cuerpo, mi cerebro, mis nervios, mi memoria, las palabras de que dispongo – se engendra el proceso que va de la energía elemental y burda de las “pulsiones” a las proposiciones sutiles, de los afectos a las representaciones sofisticadas. Recorro todos os niveles, toda la escalas, todos os registros de las representaciones. Los tema generales – la naturaleza, la muerte, el sexo, el espíritu, los poderes, el trabajo, el dinero- resumen las orientaciones que pueden tomar en cada momento esos brotes, orientaciones confusamente sugeridas por tal objeto, pero distintas de él, constitutivas de una subjetividad que no tiene nada de una esencia determinada de antemano, y tampoco nada de una existencia autónoma. (LEFEBVRE, 1978, p. 95).

Ao longo do texto, estaremos observando como as representações franciscanas foram se constituindo engendradas em um “espaço de ordem” na memória, na história, na linguagem, na relação do objeto com o sujeito e com o mundo em que vive produzindo um sentido real ao que foi elaborado (LEFEBVRE, 1978, p. 98).

A Igreja Católica no período de renovação esteve permeada de tensões e contradições, buscando formular um pensamento progressista católico, e, para tanto, necessitava realizar alianças com vários setores da sociedade, inclusive com os movimentos sociais, sobrevivendo a uma relação ora amistosa ora conflituosa com o Estado, marcada pelas dificuldades impostas pela repressão nos anos de ditadura militar (1964-1985).

Observaremos, então, que apesar do discurso e das representações produzidas, no intuito de promover identidades, os franciscanos enfrentaram dificuldades, neste período (anos 50 a 80), para se estabelecerem como Fraternidade e Missão no antigo sul de Mato

Grosso, viveram os conflitos nas relações sociais tanto entre eles mesmos e com os leigos atuantes nas comunidades da paróquia, engendrados pelo contexto histórico.

As renovações no campo católico estão diretamente relacionadas ao contexto da América Latina e do Brasil (1950 - 1960). Período de expansão do capitalismo monopolista incentivado pelo lema da ação e desenvolvimento nacional, quando a Igreja Católica procurou “colaborar” construindo igrejas, escolas, hospitais, centros comunitários, em toda parte do País, contando para isso com o envolvimento pessoal e principalmente financeiro de ordens religiosas estrangeiras e das comunidades de leigos cristãos brasileiros.

Nesse período a indústria cultural de massa é veiculada através da mídia (rádio, jornais e televisão). Esses veículos são, também, utilizados como de difusão de ideologias como o comunismo, os movimentos culturais de liberação sexual e outros.

A Igreja Católica toma um posicionamento tradicional defensivo com relação a certas ideologias, mas se utiliza amplamente da mídia, como meio ideal de difusão das mercadorias religiosas, intensificando ainda mais a disputa entre as diferentes religiões (catolicismo, protestantismo, espiritismo) no campo do sagrado.

O processo de modernização das práticas católicas iniciadas com o Papa João XXIII, nos anos 60, embora não constituíssem uma força hegemônica, estiveram presentes por todo catolicismo brasileiro, marcando a aproximação com as massas, principalmente, com os pobres.

O movimento de aproximação com o povo da periferia e dos menos favorecidos pelo capital, como, por exemplo, os imigrantes e os migrantes vindos de outras regiões, para “tentar a sorte” na cidade grande, como São Paulo, foi incentivado pela renovação das orientações pastorais do Concílio Vaticano II (1962- 1965) e também da Conferência Episcopal, de Medellin (1968), fomentando, ainda, a participação ativa dos leigos nos movimentos sociais populares promovidos pela Igreja.

A reorientação pastoral da Igreja nos anos 70, no Brasil, está articulada à luta pelos direitos humanos e à participação nos movimentos sociais, resistência à repressão imposta pela ditadura militar e pela crise econômica que provocou a degradação das condições de vida do trabalhador.

Dessa forma, os representantes mais progressistas da Igreja Católica e alguns leigos formularam uma proposta de Igreja Popular.

Segundo Farias (2002, p. 12) a ética católica estava assentada em três eixos fundamentais: a dignidade da pessoa humana, a justiça social e o comunitarismo,

características ajustadas à renovação da igreja, sem, porém, correr o risco de perder sua identidade católica.

A igreja progressista brasileira contava com a participação ativa dos grupos de jovens católicos envolvidos nos movimentos sociais.

Principalmente nos anos 80, ocorrem o fortalecimento e a ampliação das Comunidades Eclesiais de Base/ CEBs nas paróquias católicas, ativamente relacionadas aos movimentos populares e sindicatos, com o intuito de promover a luta pelas transformações sociais no País.

Ao mesmo tempo em que essas comunidades se tornam uma força vital nos processos de participação ativa nas ações sociais e nas renovações cristãs, também, são visíveis enquanto grupos de leigos organizados, a partir de processos identitários que, juntamente com o clero dentro da Igreja, fortalecem e ressignificam as representações religiosas, objetivando fortalecer e perpetuar o poder católico.

Novos movimentos religiosos, com foco mais espiritualistas do que sociais dentro do catolicismo são recriados, como os Carismáticos, os Neopentecostais, os Neocatecumenais e outros com o intuito de renovar, incentivar e fortalecer os laços comunitários com a Igreja.

Nas paróquias, como a São Francisco de Assis, estes movimentos contam com um grande eixo renovador e incentivador das ações na comunidade paroquial o assento espiritual, na aliança com a fé e na vivência do carisma, como um fim para alcançar os meios de uma vida social mais digna.

Retomaremos a seguir as questões mais importantes ocorridas durante o processo da tradição versus renovação católica, articulando-as às representações franciscanas, produzidas no contexto local da paróquia São Francisco de Assis, no antigo sul de Mato Grosso/ Mato Grosso do Sul (anos 1950 a 1980).

## **2.1 Edificando as Representações Franciscanas: ação e desenvolvimento nos anos 50 do século XX**

A Igreja Católica, no final dos anos 40 e ao longo dos anos 50, do século XX, ora esteve aliada, ora se distanciou do Estado. Investiu em ações sociais desenvolvimentistas, construiu prédios, como igrejas, espaços comunitários, escolas e hospitais, interveio nas áreas da saúde, da educação, da moradia e da alimentação.

Procurou concretizar o projeto idealizado de nacionalização, desenvolvimento e integração da nação brasileira, principalmente nas regiões consideradas distantes do progresso do País, dentre elas, a Amazônia e o antigo Mato Grosso.

A Igreja Católica estabeleceu e afirmou as tradições católicas, promovidas nas relações de identidades e alteridade, produziu representações que a tornaram conhecida e necessária na região, justificando sua presença nesses espaços.

No governo de Getúlio Vargas (1930 -1945), a Igreja trabalhou em conjunto com o Estado, colaborou com o plano de integração e desenvolvimento nacional, intervindo no meio operariado, na tentativa de controlar o campo do sagrado, a disciplina e a ordem, legitimando e fortalecendo o poder perante as classes dominantes, promovendo um embate frente às questões ideológicas presentes na sociedade. O Conservadorismo Católico defendia o Estado como uma autoridade, contribuindo com os setores dominantes da sociedade, para manter a ordem e combater às idéias sociais revolucionárias.

Nesse período, o catolicismo de forma autoritária interveio em setores da sociedade, em especial no meio operariado, pregando a “Nova Cristandade” e orientando o desenvolvimento de uma nova civilização “evada na moral cristã”, onde a participação dos leigos foi considerada fundamental, desde que subordinados e disciplinados pela hierarquia católica. A Igreja aliada ao Estado brasileiro na Era Vargas combateu, também outras ideologias presentes na sociedade, como o comunismo (FARIAS, 2002, p. 23).

O catolicismo, internalizado através das noções e valores assumidos pelos cristãos, produziu movimentos corporativos e autoritários, como os Círculos Operários Cristãos, por todo o país, principalmente em São Paulo, auxiliando o Estado no controle do operariado.

No final do Governo Vargas (1945), durante o mandato de Dutra (1946-1950) e, novamente, no último mandato de Vargas (1951 a 1954)<sup>44</sup>, a relação de cooperação entre Estado e Igreja tornou-se conflituosa, ocorrendo um distanciamento e, logo após, um rompimento. A Igreja passa a criticar a posição ditatorial e a crise política-administrativa que havia aumentado a inflação, o que provocou o desabastecimento do País.

A Igreja mobilizou o clero brasileiro, realizou o Encontro dos Bispos do Vale do São Francisco, no qual o tema central da reforma agrária provocou estudos e debates em torno do assunto. O clero considerou que os direitos trabalhistas criados por Vargas não beneficiaram os trabalhadores rurais.

Esse encontro dos Bispos pode ser considerado um ensaio para a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / CNBB em 1952.

A criação da CNBB foi uma das primeiras iniciativas reformistas do Catolicismo, na modernidade brasileira, produziu um canal de mediação entre a Igreja e o Estado. Esse fato propiciou maior articulação do clero nacional, que passou a controlar e centralizar as decisões do episcopado.

No Governo de Juscelino Kubitschek<sup>45</sup>, a Igreja aliada novamente ao Estado, possibilitou a relação de colaboração nas questões para a integração nacional e crescimento econômico do país, possibilitando melhores condições de vida para a população. O processo de colaboração permitiu a todas as regiões, o predomínio do catolicismo sobre as demais religiões do campo do sagrado.

---

<sup>44</sup> Getúlio Vargas (1950 - 1954) foi reeleito presidente, governou um país que contava com 53 milhões de habitantes. Caracterizou-se por uma política econômica com a participação do Estado, dos setores privados nacionais no processo de industrialização, estimulou, também, a entrada de capital estrangeiro. O país enfrentava inflação alta, pelo endividamento com as importações, decorrentes da crise internacional, e dificuldades no setor industrial, com a estrutura precária de energia e transportes. Foram criados o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), a Petrobrás, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (que se transformaria na Sudam), o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) e outros. Em 1954, o plano econômico de estabilização mostrava-se ineficaz, desequilibrando as alianças com os trabalhadores e a elite, enfrentou a oposição da União Democrática Nacional (UDN), e da estrutura burocrática. Vargas, encontrando-se politicamente só, suicidou-se no mesmo ano.

<sup>45</sup> O Governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956 a 1961) foi marcado pelo Plano de Metas, cujo lema era "cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo", desta forma, a produção do setor cresceu 80%, destacando-se as indústrias de aço, mecânicas, elétricas e de comunicações, e de equipamentos de transportes. O projeto nacional-desenvolvimentista contou com incentivo financeiro do exterior e um amplo mercado interno, pela capacidade de produção de ferro e de aço.

A política econômica de expansão industrial gerou contradições, como a concentração de capital, com a entrada de empresas multinacionais no país. Deixando poucas oportunidades para o pequeno capital e as importações, que visavam suprir a escassez interna de insumos, aprofundaram a dependência externa da economia brasileira, elevando desequilíbrio financeiro e o déficit da balança de pagamentos, o que influiu decisivamente para o retorno do processo inflacionário. Do ponto de vista dos trabalhadores, verificou-se que o aumento de produtividade decorrente do aprimoramento tecnológico não foi transferido nem para os preços nem para os salários.

Nesse período, o setor progressista da Igreja buscou alternativas para possibilitar a renovação católica, com o intuito de obter uma maior participação dos fiéis. A promoção humana e o dinamismo das atividades pastorais foram motivados pelo “Movimento para um Mundo Melhor” (MMM). Com base nesse novo debate, são realizadas reorientações da estrutura de atuação católica, no II Conselho do Episcopado Latino Americano (1958), com promoção de um plano de ação e execução, que contou com a colaboração de todos (FARIAS, 2001, p. 229).

Segundo Chauí (2000, p. 39) o desenvolvimento do país, nos anos 50, estava articulado com a intenção política da “mudança da ordem dentro da ordem”, ou seja, o país “diminuindo o poder e o atraso do latifúndio e da burguesia mercantil (parasitas e alienados)” e “neutralizando os perigos trazidos pela classe operária (massa popular atrasada e alienada)” se tornaria um igual no “concerto das nações”.

A política de interiorização priorizou o Centro-Oeste, ganhou vulto com a construção de Brasília e com incentivos aos grandes projetos agropecuários e de extrativismo, além dos investimentos em infra-estrutura como as estradas e outros.

Com esses recursos, o estado do antigo Mato Grosso prosperou e atraiu milhares de migrantes e imigrantes. A população salta de 430 mil para 1,6 milhões de habitantes, entre 1940 e 1970.

O Governo Federal alegando dificuldades para desenvolver a região devido à grande extensão e diversidade, decretou a divisão<sup>46</sup> do estado em 1977. O norte é o estado de Mato Grosso e, ao sul, foi criado o Estado de Mato Grosso do Sul<sup>47</sup>.

Como observamos no Capítulo I, a Igreja Católica, promoveu a vinda de ordens religiosas de outros lugares do mundo, para várias regiões do Brasil e no antigo Mato Grosso. Os missionários franciscanos alemães instalaram-se inicialmente, (1938) ao norte, na arquidiocese de Cuiabá, assumiram uma paróquia, no município de *Rosário Oeste* e ao sul, em *Entre Rios*, pertencente a diocese de Corumbá.

---

<sup>46</sup> Os interesses políticos nos anos 30 dividiam o estado em nortistas e sulistas. Em Cuiabá, ficava o centro administrativo, enquanto que o sul considerava-se bem resolvido economicamente e culturalmente, justificando sua superioridade dizendo que o Estado vivia do que rende o Sul. Defendiam seus direitos através da Liga Sul-mato-grossense, entidade social (1932), de universitários que residiam no sul de Mato Grosso, e tinham por fim: pleitear a divisão do Estado promovendo a união, realizando os levantamentos materiais, intelectuais e moral do Estado (BITTAR, 1999, p. 73).

<sup>47</sup> Foram muitos os governadores no período dos anos 50 a 80 no antigo Mato Grosso e depois da divisão em 1977, no Mato Grosso do Sul. Entre eles podemos citar: Fernando Correa da Costa (1951 -1956); Pedro Celestino (1961 a 1966); Pedro Pedrossian (1966 -1971) e (1980 -1983). José Manoel F. Frageli (1971 -1975); Harry Amorin Costa (01.01.1979 - 12. 06.1979); Wilson Barbosa Martins (1983 - 1986).

Em 1942, a sede do Comissariado Franciscano do antigo MT, juntamente com os frades vindos do Japão instalaram em Campo Grande, que se tornou nos anos 50 um importante pólo econômico, ao sul do antigo Mato Grosso.

### **2.1.1. A Igreja–Conventual de São Francisco de Assis: tornando a Missão franciscana visivelmente concreta em Campo Grande**

A organização espacial de Campo Grande<sup>48</sup>, construída como outras cidades, no contexto brasileiro do século XIX e século XX, não privilegiou o espaço do sagrado, pois, segundo Gardin (1999), a preocupação da época estava na reordenação urbanística capitalista, atendendo às necessidades emergentes de aglomeração e circulação de pessoas e mercadorias, necessitava de praças e ruas amplas.

Muitas praças foram construídas com fins sociais, como, por exemplo, a praça Dois de Novembro (atual Ari Coelho) e da República (conhecida como Praça do Rádio) ligada ao clube, todas as áreas com vasta arborização, enriquecidas por jardins.

O crescimento urbano da cidade de Campo Grande ocorreu rapidamente, tornando-se bem estruturada na primeira metade do século XX. Contabilizava, nesse período, 567 prédios, 22 ruas, 2 avenidas, 5 praças, 121 estabelecimentos comerciais, 43 fabris, 10 olarias, 4 serrarias, além de fábricas de bebidas e ladrilhos e 27 engenhos de abastecimento de água e distribuição de energia elétrica, proporcionando maior conforto aos seus habitantes nos anos 50.

A população era composta de 53.695 brasileiros natos, 56 naturalizados e 3.281 estrangeiros. Os imigrantes, com descendentes engrossavam o caldo cultural intercultural regional, decorrente da atuação das diferentes culturas interagindo e sendo construídas no dia a dia, por meio da articulação dos sujeitos, das classes, atendendo aos diferentes interesses, disputas e a união no contexto das transformações históricas, formando culturas híbridas (BHABHA, 1990), nas identidades das colônias.

A Igreja Católica aliada ao Estado, impulsionada pelo discurso do desenvolvimento no Brasil, intensifica as construções religiosas por todo o país,

---

<sup>48</sup> O lugar em 1872, foi nomeado de Santo Antônio de Campo Grande de Vacaria (em homenagem ao santo padroeiro e também às terras de Vacarias, boas para criação de gado), pela comitiva de mineiros vindos com José Antonio Pereira (CASTILHO, 1997). Em 1899, foi enquadrada na categoria de Município, ganhando uma administração pública e o código de postura, reformado em 1906, pela Câmara Municipal, instituindo uma nova planificação urbana, denominando ruas e praças.



movimento conhecido em São Paulo, conforme as palavras de Dom Motta<sup>49</sup> com o lema: *uma igreja em cada bairro*.

A volta ao cenário nas cidades das edificações religiosas, principalmente nos bairros, ocorreu promovendo a representação de que com a criação da paróquia, o espaço social e o território legitimados pelo sagrado passariam a ter um sentido, dignidade e privilégios (FARIAS, 2002, p. 175).

Percebemos nos registros da Arquidiocese de Campo Grande<sup>50</sup>, o grande esforço dos fiéis junto à Igreja, na construção de capelas e igrejas, onde, por exemplo, o Bispo Diocesano, D. Antonio Barbosa, registra visita à casa de D. Lídia Baís, para tratar do assunto da doação do terreno para feitura da Igreja e obras sociais (LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE/ADCG, 1961, p.147).

Dessa forma, embora muitos proprietários tenham doado seus terrenos para a Diocese, em cujo espaço construiria as igrejas, capelas, centros comunitários; outros não quiseram realizar a doação, assim, a Igreja não realizou benfeitorias, considerando-os terrenos particulares. Observaremos mais adiante no Capítulo 3, o quanto isto produziu muitas dificuldades de relacionamento e estabelecimento das paróquias em determinados lugares, como a paróquia São Francisco de Assis, na Comunidade São Benedito, motivados pelas questões de doação de terrenos para Igreja.

As construções religiosas representavam o poder hierárquico e autoritário da Instituição católica, definido, *a priori*, pelo poder divino, que adquiriu o controle dos fiéis, através dos registros de batizados, óbitos e outros.

O efetivo de construções e reconstruções realizadas em prol do desenvolvimento da região tornou-se a marca do discurso e do reconhecimento exemplar da missão franciscana, como podemos observar no discurso proferido pelo Arcebispo Dom Orlando (1962) na comemoração das bodas de prata da Missão Franciscana Alemã, no antigo Mato Grosso.

Na homenagem à Missão foi enfatizado o “caráter heróico das construções”, contabilizando inúmeras paróquias, escolas e casas paroquiais, “(...) muitas destas construções feitas com auxílio do generoso povo católico alemão e muitas vezes, com

---

<sup>49</sup> Dom Carlos Vasconcelos Motta foi cardeal em São Paulo. Apoiou o Movimento por um Mundo Melhor (MMM), ligado ao Vaticano, oficializado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no Plano de Emergência, em 1961. O MMM, mais que a Ação Católica, direcionou-se para renovar a Igreja com o comunitarismo e os leigos na ação pastoral, sob influência dos sacerdotes. (FARIAS, 2002).

<sup>50</sup> A diocese de Campo Grande foi criada pelo Papa XII, pela *Bula Inter Gravissima* no, dia 15 de junho de 1957, jurisdicionada à Arquidiocese de Cuiabá, tendo como Bispo Dom Antônio Barbosa. Entre suas ações priorizou a construção do Seminário Maior, incentivo às ordens a criar escolas e desenvolverem uma prática missionária para com o povo do sertão e principalmente com os indígenas.

heróicas economias dos Franciscanos e de suas próprias famílias” (LIVRO CRÔNICAS DA MISSÃO, 1963, p.83).

Percebemos que um número expressivo de paróquias<sup>51</sup> foram assumidas, muitas construídas ou reformadas pelos franciscanos no antigo Mato Grosso. As representações franciscanas produzidas naquele período enfatizam, então, a importância da missão através das edificações (igrejas, escolas, hospitais e outras) realizadas como um grande serviço em prol do desenvolvimento do país, da sagração da nação, estabelecendo relações com o padroeiro reformador de igrejas, Santo São Francisco de Assis.

Em 1949, o Pe. Provincial, Frei George Roth, aceitou a formação da paróquia e a construção da Igreja - conventual São Francisco de Assis, em Campo Grande. Dom Orlando Chaves, Bispo de Corumbá, em 1951, criou a Paróquia de São Francisco de Assis em Campo Grande no sul do antigo Mato Grosso, delimitou-a com uma superfície de uns 11.150 km<sup>2</sup>, desmembrada da Paróquia de São João Bosco.

A paróquia franciscana abrangia uma região bem vasta, ou seja, uma parte da cidade de Campo Grande partindo da rua Pernambuco com a rua 13 de maio, atingindo um raio de 2km ao redor da igreja matriz. Além disso, seguia a direção norte até o córrego Imbirussú e o Anhanduí, seguindo até o limite do município de Rio Brilhante, rumo a oeste até o município de Maracajú, seguindo ao município de Aquidauana e o distrito de Terenos. Passava por dentro de muitas fazendas e chácaras até chegar ao ponto de partida na rua 13 de maio (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO, DE ASSIS, 1951, p. 5-6).

---

<sup>51</sup> Paróquia Santa Ana da Chapada dos Guimarães (1939 -1969), Paróquia N. Sra. Aparecida, em Maracajú (1938 - 1956), Paróquia Imaculada Conceição, em Dourados (1938 - hoje), Paróquia São José- Coxim (1938 -1956), Paróquia N. Sra. dos Remédios- Ladário (1939 -1969), Paróquia N. Sra. da Boa Morte- Cuiabá (1940 - hoje), Quase-Paróquia N. Sra. de Guadalupe – Cuiabá (1986 - hoje), Paróquia Coração de Jesus- Porto Murtinho (1940-1963), Paróquia Santana – Paranaíba (1940 -1963), Paróquia N. Sra. Aparecida – Aparecida do Taboado (1941 - 1955), Paróquia Sto. Antônio- Sto. Antônio de Leverger (1941 - hoje), Paróquia Convento e Paróquia S. Francisco - Campo Grande (1942-hoje), Paróquia Estação Missionária N. Sra. de Fátima – Fátima de S. Lourenço (1947-1958), Paróquia Sto. Antônio – Terenos (1956 - 1974), Paróquia São José – Itaporã (1956 - hoje) Paróquia São José – Cassilândia (1956 -1963) Paróquia Senhor Bom Jesus – Caarapó (1964 -1982) , Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Rondonópolis (1959-hoje), Paróquia N. Sra. do Carmo – Itiquira (1959 - 1975), Paróquia S. Pedro Apóstolo – Pedra Preta (1965-hoje), Capelania Hospital S. Julião – Campo Grande (1968 - hoje), Paróquia S. Sebastião – Nobres (1978 - hoje), Paróquia S. Pedro e Douradina- Colônia Federal e fazendas entre os rios Panambi, Brilhante e Dourados (1954- 1985), Paróquia S. José Operário – Dourados (1974 - hoje), Paróquia Sagrado Coração de Jesus – Nova Canaã (1984 - hoje), Papa João XXIII- Colider (1985 - hoje) (KNOB, 1988, p. 223 a 417).



Enquanto realizavam a construção definitiva da Igreja - conventual, instalaram-se provisoriamente em uma antiga fábrica de beneficiamento de arroz, em uma chácara comprada no bairro do Cascudo, em 1950.

**8. Antiga fábrica de beneficiamento de arroz –  
Fonte: acervo fotográfico da paróquia**



O bairro Cascudo era um lugar considerado periférico na cidade. Nele iniciaram a construção da sede definitiva, a bela e imponente Igreja – conventual de São Francisco de Assis, terminada em 1955.

**9. Bairro do Cascudo  
Fonte: acervo fotográfico da paróquia**

Segundo Paulo Coelho Machado (1987, p.8), o bairro tinha o nome de Cascudo porque:

Lá havia um valhacouto, onde se refugiavam velhos bandidos. O proprietário da casa improvisava as refeições, servidas a qualquer hora, aos exigentes hóspedes. Um dos pratos mais freqüentes era o peixe ‘cascudo’, com farinha de mandioca, pescado no córrego Segredo nas imediações. Daí todo o local ficou com nome de peixe (KNOB, 1988, p 347).

Observamos a força das representações do sagrado sobre o território na paróquia São Francisco de Assis, pois com a criação da paróquia, no local chamado Cascudo, passou a ser nomeado de bairro São Francisco de Assis. O espaço físico ganha, desta forma, status e se dignifica com a presença da Igreja Católica.

Esse fato pode ser observado em 1956, na ata da paróquia, onde já aparece a mudança, no nome do bairro, devido à presença da paróquia de São Francisco de Assis, “outrora Cascudo, e na presença das autoridades, do povo, (...) foi solenemente assentada a pedra final desta construção na torre da igreja pelo construtor mestre Frei Walfrido Stäle O.F.M” (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1956, p.7).

A cidade cresceu muito rapidamente. O bairro que antes era periférico, com poucas residências, tornou-se um bairro nobre da cidade de Campo Grande, considerado central. Nele, continua instalada a Igreja - Conventual<sup>52</sup>, a matriz da paróquia São Francisco de Assis. Tornou-se, também, a sede franciscana da Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora e da Missão Franciscana do Mato Grosso do Sul/MIFRA, que desenvolve suas atividades através das suas unidades (Fraternidades, Paróquias e Casas de formação) no estado de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.



Igreja-Conventual de São Francisco de Assis /Campo Grande/MS.  
Vista aérea do bairro São Francisco de Assis - ano de 2004.

**10. Foto Aérea do Bairro São Francisco (ano 2004), ao centro encontramos a Igreja Conventual.**  
Fonte: <http://maps.google.com> Acesso em: 10 jun 2006

A presença Franciscana, em Campo Grande, tornou-se visivelmente mais concreta após a imponente construção da igreja-conventual de São Francisco de Assis (1955), no estilo colonial.

Com o desenvolvimento dos anos 50, século XX, a arquitetura brasileira passou por um momento ímpar, os novos materiais e os estilos modernos eram comumente usados nas novas construções, como marca do progresso e da modernidade.

Os novos estilos arquitetônicos invadiam calçadas, casas, prédios, escolas e igrejas por todas as regiões do país, inclusive no antigo Mato Grosso, substituindo antigas

<sup>52</sup> A Igreja Conventual de São Francisco de Assis situa-se na rua, 14 de Julho, 4213. CEP: 79010 470, Campo Grande – MS.

formas estilísticas consideradas mais tradicionais, como observaremos nas imagens a seguir.

Em Minas Gerais, por exemplo, a Igreja São Francisco de Assis, no Complexo da Pampulha, projetada por Oscar Niemeyer, pode ser considerada um bom exemplo das construções com arquiteturas modernas, realizadas nos anos 40, no Brasil.



**11. Igreja de São Francisco de Assis em Minas Gerais (1947)**

Fonte:< [www.arquidiocese-bh.org.br/diversos/turismo/pampulha](http://www.arquidiocese-bh.org.br/diversos/turismo/pampulha)>

Acesso em:15 jun 2006

Observamos que a arquitetura da igreja possui características modernas, com formas arrojadas, sem a disposição tradicional das igrejas, com torres, cruz mestra. Seu estilo explora as formas mais geométricas, como se fosse um grande pavilhão, com a cobertura em forma de arcos.

No antigo sul de Mato Grosso, foi construída, em 1954, com formas modernas, também projetada por Oscar Niemeyer, a Escola Estadual Campograndense, depois renomeada de Escola Estadual Maria Constança de Barros Machado.

A escola segue a mesma arquitetura arrojada, permanecendo as linhas onduladas, o telhado em arcos e as formas geométricas.





## 12- Escola Estadual Campograndense

Fonte: *Campo Grande 100 anos de Construção*, 1999, p. 176.

Contrariando a modernização pela qual passavam os prédios e, inclusive, os templos religiosos em todas as partes do mundo, a Igreja - conventual de São Francisco de Assis (1955), em Campo Grande, foi projetada no estilo Colonial, representando a perpetuação da tradição arquitetônica da arte sacra.



A arquitetura da Igreja-conventual de São Francisco de Assis constitui-se em um conjunto no estilo Colonial brasileiro.

## 13. Igreja - conventual de São Francisco de Assis em Campo Grande

Fonte: acervo fotográfico da paróquia- 2003

O prédio da Igreja conventual de São Francisco de Assis, em pleno século XXI, encanta pela sua beleza e imponência, mas intriga pela escolha arquitetônica de um estilo tradicional Colonial, originado do Barroco<sup>53</sup>.

<sup>53</sup> O estilo Barroco surgiu na Europa, entre os séculos XVI e XVII, associado à Contra – reforma. No Brasil, desenvolveu-se a partir do século XVII, perdurando até o século XIX. O Barroco brasileiro associado à religião Católica pode ser considerado o testemunho da riqueza proveniente do “açúcar, fumo, madeiras e do ouro”. O estilo Barroco no Brasil passou por transformações tornando-se reconhecido como Colonial, perdurou, pelo século XIX e até a primeira metade do século XX, perpetuado pela tradição e gosto dos imigrantes que se estabeleciam no país, como no caso do antigo sul de Mato Grosso. Conforme a região do Brasil, ocorreu algumas diferenças nas formas de expressão do Barroco, pois foi se adaptando aos materiais de cada região e criando formas ressignificadas pela contribuição da riqueza intercultural do povo brasileiro. Eduardo Etzel, diz que em Mato Grosso e interior de São Paulo, os rebuscamentos na arquitetura são mais simples e acanhados, foram

A escolha do estilo tradicional colonial, para Igreja - conventual de São Francisco de Assis, teve o projeto feito por Frei Valfrido Stähle, com carteira de engenheiro-arquiteto, inspirado no Convento Franciscano de Pari, em São Paulo, a pedido do Pe. Provincial, Frei Schmit. A obra iniciada em 1950 foi erguida com o trabalho dos irmãos franciscanos, em 1955 os freis puderam mudar para a nova edificação que ainda não possuía acabamento (KNOB, 1998, p. 346).



**14. Detalhe da Igreja São Francisco de Assis em Campo Grande (1955)**

**Fonte: acervo fotográfico da paróquia**

Observamos na imagem, sobre a porta de entrada da igreja e nas janelas as linhas sinuosas no frondão. Ao alto da torre única, a cruz e os sinos. Detalhes característicos da tradição de estilo Colonial.

Segundo Oliveira (2004) os templos religiosos com estilos tradicionais como o Barroco, provocam no visitante a sensação de estar no reino do bem e do belo, um discurso espiritualizado que prega a conformação e o respeito às instituições. Dissimulando a verdade maior, que são as estratégias de poder, tornando-se uma maneira de controle social, no seu aspecto mais ortodoxo, ou seja, aquele que aplica o consenso “*às normas (...) e permite o restabelecimento [ou garantia] do equilíbrio social, ameaçado pelos comportamentos desviantes*” (BURKE, 1990, p. 55).

A Igreja Católica, por meio dos elementos arquitetônicos e decorativos dos templos produz uma dicotomia do universo entre o mundo laico e o sagrado, apontando para a diferenciação entre o profano/ selvagem e o sagrado/ civilizado, hierarquizando a vivência de cada um no mundo, dando-lhes uma lógica baseada em verdades e saberes pertinente à Instituição.

---

monumentos que serviram para catequese e conquista territorial, diferente de Minas Gerais e do Centro-Sul da mineração, que possuíam formas mais exageradas e virtuosas, tornando-se monumentos para glorificação da fé já católica.

Na Igreja - conventual de São Francisco de Assis, em Campo Grande, com sua arquitetura Colonial e iconografias que observamos ao adentrar o seu espaço interno, produzem a idéia de imponência e poder do sagrado sobre os leigos. Os freis religiosos protegidos pela Igreja, por estarem em uma posição intermediária entre o Santo e os seres humanos podem interceder a Deus, por todos.

O espaço interno da Igreja São Francisco de Assis, em Campo Grande, é sóbrio e monumental, marcado por elementos de estilo colonial, como o teto, o piso e as aberturas de madeira, os arcos internos e linhas sinuosas. Observamos na fotografia interna da igreja, o coro alto, suspenso sobre arcos.



Na imagem ao lado, observamos os detalhes.

Acima da porta de entrada (lado interno) existe uma sacada com um corredor de acesso interno do convento para Igreja, onde os franciscanos assistiam à missa, sem serem percebidos.

**15. Fotografia da parte interna da Igreja São Francisco de Assis (Fotografia realizada por Joelma B. Nascimento no ano de 2004)**

Observamos que, embora a tradição tenha sido perpetuada nas linhas gerais da arquitetura externa e interna do prédio, ao longo do tempo, o espaço interno da Igreja – conventual foi sendo modificado, principalmente na organização dos adornos no espaço, produzindo formas modernizantes adaptadas ao processo de renovação católica que, nos anos 60 do século XX, provocou mudanças na arte sacra dos templos religiosos. Cumprindo as diretivas do Concílio Vaticano II<sup>54</sup>, foi recomendada extrema economia e simplicidade das formas na arte sacra, dentro das Igrejas, passando a enfatizar alguns elementos visuais como a escala, a verticalidade, a cor, a luz enfatizando o “vazio” que tornaram-se requisitos básicos para atingir o efeito de sacralidade.

Segundo Le Corbusier o vazio, como categoria mística, reclama a presença do infinito; como categoria plástica, um espaço delimitado que expressa uma ausência e a necessidade de uma presença, o vazio é considerado mais expressivo do que o infinito (BATISTA, 2002, p. 22).

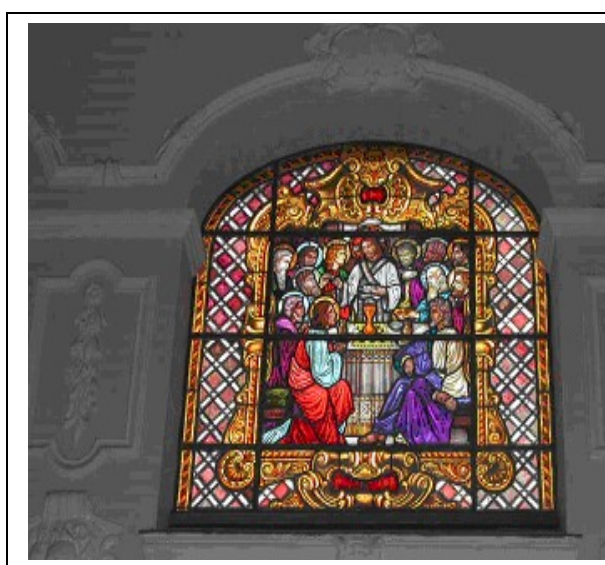
<sup>54</sup>Para atender os interesses da reestruturação litúrgica, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia de 1963, foi escrito um capítulo dedicado à arte sacra.



Esses elementos foram alvo de muitos debates e críticas pelo setor conservador católico, pelo excesso de abstração nas composições imagéticas em detrimento da figuração<sup>55</sup>.

A arquitetura no Brasil, bem como no mundo todo, principalmente por parte do clero, passou aos poucos, a uma maior aceitação das formas modernas, buscando não mais o Colonial, mas outros estilos, com a proposição de renovação das igrejas. Segundo Baptista (2002) a modernização dos templos no século XX, passou a evocar muito mais a tradição *Cisterciense* do que os modelos Gótico, Renascentista ou Barroco.

Reformulando os edifícios, multiplicou os planos ovais e circulares, com um interior focado em um único altar, aproximando-o da congregação.



O tema das imagens deveria enfatizar o mistério da Eucaristia, com o objetivo de transformar os fiéis, de acordo com as palavras do papa Pio XI: de observadores silenciosos em participantes ativos da oferenda. Como podemos observar no tema dos vitrais no altar da Igreja.

**16. Detalhe do vitral no altar da Igreja São Francisco de Assis**  
Fonte: Fotografia realizada por Joelma B. Nascimento no ano de 2004.

Para todos os cristãos e os clérigos, o tema da Eucaristia é considerado muito importante, principalmente pelo sentido representativo de união entre Cristo (o *Corpo* e o *Sangue* de Cristo) e os homens. Para os franciscanos, esta significação ganha uma importância fundamental, pois, para o Santo, os sacramentos e, principalmente, a Eucaristia foram fundamentais, a ponto de justificar a aliança com a Igreja, apesar das suas contradições, transformando a fraternidade em Ordem, não permitindo que se tornassem hereges, como explicamos no Capítulo 1.

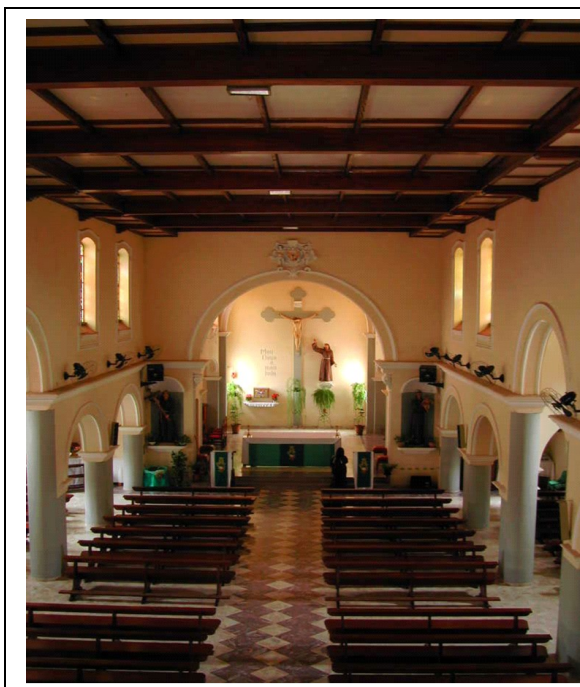
De acordo com as renovações, no ambiente interno das igrejas, as imagens (estátuas) devem estar dispostas no ambiente, respeitando a hierarquia entre os santos,

<sup>55</sup> As composições imagéticas em alguns murais nas Igrejas Católicas, por possuírem estilo cubista, foram criticadas, consideradas ofensivas, pois, não contemplavam o dom dado por Deus aos artistas na representação da criação divina na arte.

sendo que o crucifixo sobre o altar continua sendo a única imagem requerida explicitamente nos regulamentos canônicos.

Os altares das igrejas são importantes locais dos quais podemos compreender melhor as representações, adquirindo informações sobre a vida religiosa dessa comunidade, através da disposição de seus elementos iconográficos no espaço paroquial e da escolha da temática. No discurso visual, a Igreja conserva sua função de hospedar o protetor da comunidade, um Santo ligado ao território (VOLVELLE, 1997, p. 25 - 26).

Realizando a leitura iconográfica do altar, na Igreja São Francisco de Assis, em Campo Grande, percebemos a organização do espaço com *simplicidade e economia*. Há a ênfase na imagem de Jesus Cristo Crucificado diretamente relacionada ao Santo padroeiro protetor da comunidade, São Francisco de Assis.



O que une mestre e discípulo no altar são as representações construídas conforme as concepções franciscanas no contexto da época, ou seja, as imagens enfatizam os *estigmas* identificando Jesus Cristo Crucificado com São Francisco de Assis.

**17. Fotografia do altar da Igreja São Francisco de Assis**

**Fonte: Fotografia realizada por Joelma B. Nascimento no ano de 2003.**

Ambas as estátuas se relacionam pelo tamanho, dispostas igualmente no centro do altar consagrando o Santo tradicionalmente de forma mística. A imagem do Santo está com o rosto voltado para Jesus Cristo Crucificado na cruz, o braço direito estendido em sua direção (céu), a mão espalmada contendo os estigmas da paixão e o braço esquerdo abaixado voltado para o povo (o mundo), ressaltam a frase registrada ao lado: *Meu Deus e meu tudo*. Esse fato trás à tona significados da história de sua vida - o Santo que abdica da sua vida, vivendo somente para Deus em função da Igreja.

As iconografias do martírio de Jesus são comparadas às do Santo, desta forma Cristo apresenta os símbolos da Paixão como a coroa de espinhos, os cravos e, principalmente, os estigmas, que são enfatizados na imagem de São Francisco de Assis, representação que pode ser visualizada também no brasão da Ordem seráfica em cima do frontão na entrada do altar e nos vitrais da igreja.



18. Detalhe do altar da Igreja

Fonte: Fotografias realizadas por Joelma B. Nascimento no ano de 2004



19. Detalhe da estátua de São Francisco no altar

Dessa forma mística, procuram retomar as relações de identidades de Cristo Crucificado com São Francisco de Assis, por meio dos estigmas<sup>56</sup>, lembrando aos fiéis o sacrifício do filho de Deus, para salvar a todos os pecadores, cristalizado na figura do Santo como seu legítimo representante por ser exemplo de virtude, benevolência e fé cristã. São imagens que demonstram o quanto o sofrimento conduz a Deus, provocando, de certa forma, culpa e remorso ao homem simples perante a glória e onipotência de Deus e de seu Filho, que se entregou a sua cruz, dando sua própria vida pelos pecadores.

As imagens enfatizadas pela frase, “Meu Deus e meu tudo” retoma a história do Santo fortalecendo o carisma franciscano, ou seja, aquele que se despoja de tudo para seguir a Deus, e tornando-se pobre, junto aos pobres, encontra a *riqueza* divina.

<sup>56</sup> As chagas são identificadas no corpo de São Francisco, como os estigmas da paixão. Observa-se a construção da história do Santo presente no primeiro capítulo, desta dissertação.

Refletindo dessa forma, como a memória e a iconografia, traça-se paralelos da vida de São Francisco com a de Jesus Cristo Crucificado, permeada pelos *estigmas da paixão*, assim, estes continuam sendo vivificados pela Igreja, 800 anos após o ocorrido.

Há uma tentativa de perpetuar as tradições franciscanas, a partir, inclusive, da escolha arquitetônica Colonial para a Igreja-conventual, bem como da escolha da representação do Santo com os estigmas, símbolo de conversão, sacrifício e fé. Contrariando a própria história do Santo, o qual como já foi dito sobre o assunto no Capítulo I, demonstrando que não foram encontradas provas concretas da presença dos estigmas, apenas utilizados ao longo da história com propósitos definidos pela Igreja, para ganhar poder.

As tradições não são estanques no tempo, sempre são reinventadas, passam por adaptações atendendo ao contexto, possuem a finalidade de estabelecer ou simbolizar a coesão social, legitimando as instituições, como no caso da Igreja Católica, visando à socialização e a inculcação de idéias, valores e padrões de comportamento (HOBSBAWN, 1994).

Embora a fraternidade tenha promovido a perpetuação das tradições, na escolha do estilo arquitetônico Colonial da Igreja-conventual de São Francisco de Assis, bem como na representação do Santo, de forma mística, imputando sacrifício e fé, aos devotos do padroeiro e da instituição. As novas diretivas da própria Igreja Católica clamam e impõem a renovação dos templos e do próprio Santo, para atender as necessidades do contexto, como se observa ao longo do Capítulo II.

Assim, ora o mito místico convertido vai se tornando conhecido na paróquia, perpetuando-se ou renovando-se ao longo dos séculos, promovendo a aliança com o ideal missionário dos Franciscanos, com o intuito de erigir *sólidas edificações* no antigo sul de Mato Grosso.

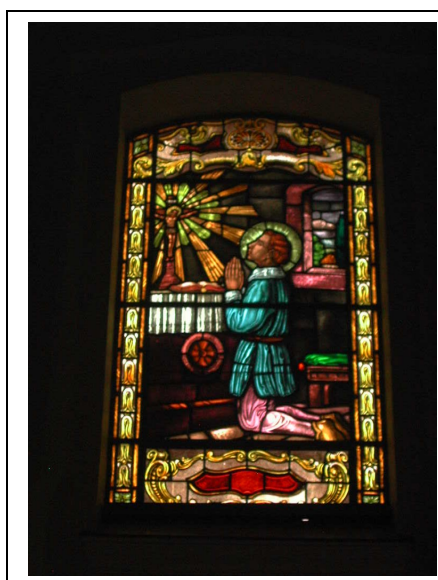
Os franciscanos, nos anos 50, não eram conhecidos em Campo Grande, principalmente, no bairro do Cascudo, por isso, produzir laços identitários com a população local, tornou-se fundamental para estabelecer e formar a comunidade na paróquia São Francisco de Assis.

Para construir identidades do Santo e dos franciscanos, com as comunidades do bairro, foi necessário desenvolver um trabalho intenso, com a publicação de representações franciscanas por meio de diferentes recursos como imagens, festas, discursos, rituais, livros de memória e outros.

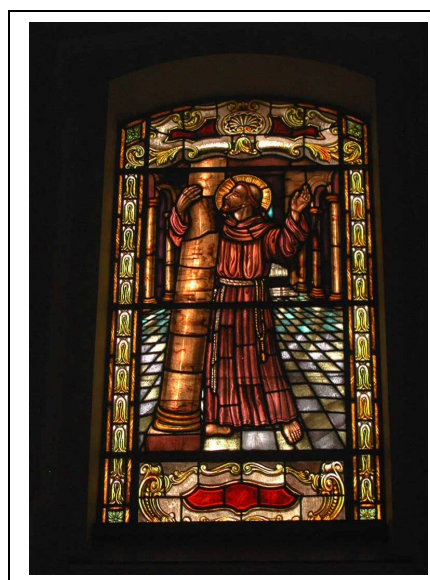


Os vitrais da Igreja-conventual de São Francisco de Assis, trazem, de forma narrativa, momento da vida do Santo, cuja interpretação permitiu desvelar as representações franciscanas, aproximando-nos do conhecimento, para compreender que apenas partes da vida do Santo foram intencionalmente vivificadas e até ressignificadas, marcando o legado do Santo como exemplo a ser seguido por todos na paróquia. Alguns vitrais exemplificam quais os momentos da vida do Santo foram selecionados e utilizados para enfatizar determinadas representações franciscanas.

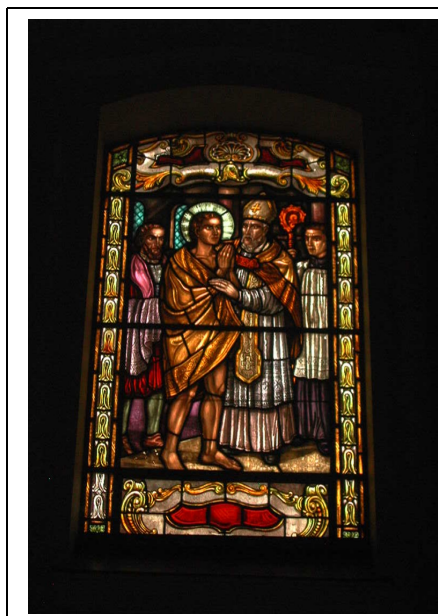
Os vitrais iniciam com a conversão de Francisco à religião católica, seguido do terceiro vitral, com uma missão divina de reconstruir a Igreja. O Santo das edificações é, também o Santo da Missão, que era a de levar, como os franciscanos, o evangelho ao mundo inteiro, o que só poderia ser realizado, conforme o segundo vitral, na seqüência exposta na Igreja, com a autorização e bênção do Pontífice.



20. Vitrail da Igreja São Francisco de Assis  
Conversão de São Francisco  
Fonte: Fotografia realizada por Joelma B. Nascimento no ano de 2004

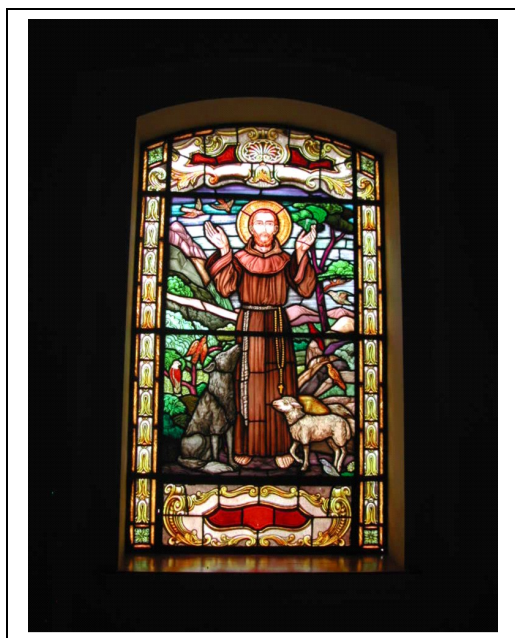


21. Vitrail da Igreja São Francisco de Assis  
São Francisco recebe a missão de reconstruir a Igreja  
Fonte: Fotografia realizada por Joelma B. Nascimento no ano de 2004



Na imagem, Francisco está sob a proteção da Igreja. Sua *nudez* representa a renúncia aos bens terrenos, à luxúria, aos desejos da carne, entregando-se à pobreza. O Pontífice o acolhe com a capa do herói, concedendo-lhe poderes mágicos e divinos, representando o reconhecimento e proteção da Igreja aos que se convertem e tornam-se carismáticos.

**22. Vitral da Igreja São Francisco de Assis**  
Francisco recebe a capa do Bispo que lhe cobre a nudez  
Fonte: Fotografia realizada por Joelma B. Nascimento no ano de 2004



Na imagem ao lado podemos observar as representações produzidas da relação entre o bem e o mau, onde o santo padroeiro é colocado no centro entre o lobo e o carneiro, pregando a paz e o amor fraterno entre todas as criaturas. Nos anos 80, novas ressignificações da imagem do santo, promoveu-lhe a representação do santo ecologista.

**23. Vitral da Igreja São Francisco**  
Francisco com a natureza, entre lobos e cordeiros  
Fonte: fotografia feita por Joelma B. Nascimento – 2004.

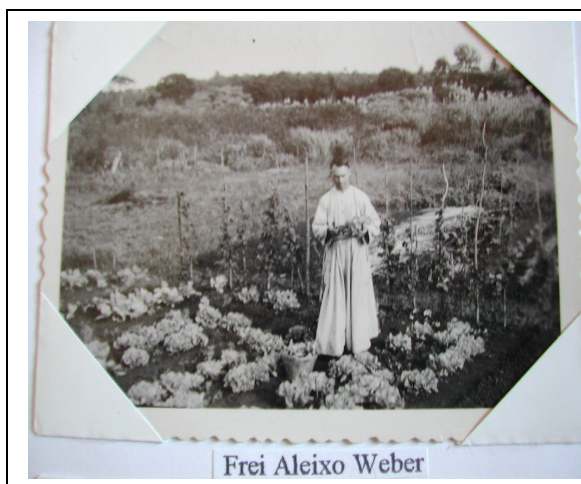
A fraternidade dos franciscanos enfatizou a imagem de São Francisco, no início de colonização do antigo sul do Mato Grosso, ligada à natureza, com o cultivo de hortaliças. Do cuidado com os jardins, encontraremos registros fotográficos e escritos



No centro do convento, a presença de um jardim interno feito nos anos 50, que permanece até nossos dias, demonstrando o cuidado e a atenção para com as folhagens que fortalecem a identidade com o Santo relacionado como amante da natureza.

**24 - Jardim interno do convento, anos 50 do séc. XX**  
**Fonte: acervo fotográfico da paróquia.**

Segundo Le Goff (2001), as Ordens foram grandes agricultoras no século XIII.



Observamos também o empenho na produção de hortaliças. Sabemos que a agricultura foi estimulada pelos imigrantes, como os alemães, pois, a base da alimentação do sertanejo era a carne e não as verduras.

**25. A horta feita pelos freis na paróquia**  
**Fonte: acervo fotográfico da paróquia.**

### **2.1.2. Sagração do território da Paróquia São Francisco de Assis e a disputa com outras religiões no campo do sagrado**

Observamos anteriormente que no sul do antigo Mato Grosso, principalmente em Campo Grande, no bairro Cascudo, onde haviam erigido a nova paróquia, os franciscanos ainda eram pouco conhecidos, bem como o Santo, inclusive no texto a seguir, foi registrado que muitos não sabiam das atividades desenvolvidas pela paróquia, tiveram, então, que realizar um trabalho intenso, com o objetivo de salvar as almas, e produzirem identidades com a comunidade. Utilizaram imagens nos vitrais, nas estátuas e também realizaram festas e procissões. Observamos no livro Tombo passagens registradas sobre essas comemorações:

(...) a festa do ínclito padroeiro da paróquia São Francisco de Assis foi dignamente preparada por uma novena durante a qual o Rmo. Vigário Frei

Eucário falou sobre a vida e virtudes do santo padroeiro. (...) houve exibição de um filme sobre a vida do santo padroeiro. No dia 04 de outubro cantou-se a missa solene (assistida pelo capelão e ex-capelão militares Pe. Antonio e Pe. Hipólito) e celebrou-se à noite, o tradicional trânsito comemorando-se a santa morte de São Francisco. O orador sacro do dia era o confrade Frei Otaviano, vigário de Rio Brilhante. Em três noites houve quermesse e leilão, para ajudar a construção da matriz.

O dia principal da festa, 7 de outubro, viu numerosas comunhões, 2 dúzias de primeiras comunhões, missa solene. Reunião fraternal da Ordem Terceira, e a histórica primeira procissão neste Bairro do Cascudo, com a imagem de São Francisco carregada por congregados marianos. Chamou-se assim a atenção de muitos que não sabiam que neste bairro existe igreja paroquial com serviço regular (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1951, p. 4).

A festa foi descrita com momentos sacros e profanos, investindo na presença do Santo, como figura central das festividades, sua vida e virtudes, foram publicadas por meio de teatro, filme, oratórias e missa solene cantada.

As representações sobre São Francisco são enfatizadas tradicionalmente por suas *virtudes* em vida, pelo trânsito e da *santa morte*. O trânsito do Santo representa suas últimas horas, onde reproduz sua identidade com os momentos finais da vida de Jesus Cristo, quando da partilha do pão com os apóstolos, retratado anteriormente no Capítulo I. Dessa forma, nesse momento os franciscanos buscam tecer laços identitários com Jesus Cristo Crucificado, trazendo à tona sentimentos de solidariedade dos fiéis com o sofrimento, carisma e fé de São Francisco, mostrando sua conversão à Igreja.

As procissões no bairro foram muito importantes para marcar as representações franciscanas e a própria Igreja Católica, no território da paróquia, sempre revestida de um caráter simbólico, através do andor, das crianças que se vestem de anjos e as mulheres de branco significando a pureza e santidade, além dos frades, das freiras franciscanas e da imagem do próprio Santo padroeiro, produzindo identidades e socialização entre todos da comunidade.



A histórica primeira procissão confere e delimita os espaços geográficos da nova paróquia, legitimando-o e consagrando.



## **26. Procissão na Paróquia São Francisco de Assis nos anos 50**

**Fonte: acervo fotográfico da paróquia**

A diversidade religiosa estava em crescimento, como observamos nos apontamentos da Paróquia São Francisco, que contabilizou uma população de 2.500 habitantes, em 1959. No mês de maio, do mesmo ano, foram realizadas as “Santas Missões” com procissões homenageando a Nossa Senhora e com a participação de aproximadamente 800 crianças presentes.

Nas tardes após a procissão, outras atividades reuniam o povo, para visitação a Jesus sacramentado, bênção dos objetos religiosos, bênção da saúde, das casas, das criancinhas e conferências para as moças, senhoras e viúvas, sendo que quatro conferências eram só para os homens e rapazes, segundo os franciscanos, sempre bem freqüentadas.



## **Francisco de Assis nos anos 50**

**Fonte: acervo fotográfico da paróquia**

## **27. Procissão na Paróquia São**

Segundo Farias, nas procissões, o ritual com o andor com a imagem do santo padroeiro, carregado por congregados marianos, leigos religiosos, dão a essas pessoas dignidade e uma importância que as eleva da situação de povo para posições superiores, “subvertendo mesmo que momentaneamente as estruturas da sociedade” (FARIAS, 2002, p.186).

Vários foram os párocos<sup>57</sup> na Igreja São Francisco no período em estudo (1950 a 1987), alguns ficaram um tempo bem curto, sendo substituídos por outros. Os que permaneceram mais tempo e foram importantes no processo de renovação católica na paróquia foram: Frei Eucário Schmitt (24-08-1953 a 1957); Frei Teodardo Leitz (1963 a 1969); Frei Miguel Löfler (1971-1980) e (1984-1986) e Frei Jorge Elsing (1982-1984) e (1986-1988). Várias fontes exaltam as ações desses freis, como poderemos observar ao longo do texto.

Frei Eucário Schmitt foi fundador e, por 14 anos, o superior da Missão Franciscana de Mato Grosso (1938 - 1943 e 1949-1958). Sua morte, vocação, estudos e dedicação à vida missionária foram enaltecidos nos escritos franciscanos (ELSING, 1988, p.108). O frei iniciou seus trabalhos como pároco na Igreja São Francisco de Assis, nos anos 50, do século XX, marcando um período de produção das obras necessárias para o estabelecimento da instituição no antigo Mato Grosso.

O desenvolvimento da região nos anos 50 vai aos poucos modificando o cenário das cidades e da Missão, substituindo as viagens de desobriga pelo sertão, realizadas anteriormente nos lombos dos cavalos e mulas, pelos veículos automotivos. Começa, assim, a época motorizada (1957), utilizando inicialmente uma motocicleta e, mais tarde, um automóvel Ford modelo A, para o serviço da paróquia.



**28. Frei Engelbert e frei Cipriano com o automóvel**  
**Fonte: acervo da paróquia São Francisco de Assis/anos 50**

O automóvel foi “oferecido pela paróquia natal para facilitar o trabalho nas capelas e escolas” (LIVRO CRÔNICAS DA MISSÃO FRANCISCANA N<sup>o</sup> 1, 1957, p.54).

O período de desenvolvimento e intensas edificações denominado por Frei Serafim Prein, de “*a febre da ação*”, onde se investiram em edificações, passou a dar sinais de que isto só, não era suficiente para a continuidade da Missão Franciscana, pois,

<sup>57</sup> Frei Eucário Schmitt (24-08-1953 a 1957); Frei Otaviano Hirst (de 1954 a 1955) e (1969 a 1971); Frei Patricio Salmon (1957-1958); Frei Servácio Schulte (1958); Frei Reinaldo Schäfer (1958 a 1963); Frei Teodardo Leitz (1963 a 1969); Frei Miguel Löfler (1971 a 1980) e (1984-1986); Frei José Cornélio Angélico (1980-1982); e Frei Jorge Elsing (1982-1984) e (1986-1988). De 1964 a 1970 não há nada registrado no Livro Tombo da Igreja, tivemos que buscar outras fontes como o Livro Tombo da Arquidiocese de Campo Grande, Livro Crônicas da Missão Franciscana e livros de registros e memória franciscana.

apesar de toda a estrutura que passaram a desfrutar no final dos anos 50, careciam de elementos essenciais, tanto para a sobrevivência e união da comunidade franciscana, como na relação com seus paroquianos. Frei Serafim chamou a atenção para a necessidade de uma mudança de postura da missão: “andamos às vezes tão ocupados e preocupados com nossos empreendimentos e construções, que não nos resta tempo para nada, nem para oração, nem para a digna administração dos sacramentos e da catequese” (KNOB, 1988, p.100).

Dessa forma, após um período de intensas edificações, os franciscanos, começaram a se preocuparem menos com as estruturas físicas e mais com a própria comunidade tanto interna, com relação à fraternidade, como a externa com seus paroquianos, nas comunidades pertencentes à paróquia São Francisco de Assis. Várias ações começam a ser desenvolvidas neste sentido, como o incentivo à catequese nas escolas no bairro.

Assim, podemos observar um grande esforço da Igreja e comunidade paroquial, em especial, da nova paróquia de São Francisco de Assis, em concentrar suas ações com as obras de construção do patrimônio físico, procurando consolidar e a religião católica e a missão franciscana, no antigo sul do Mato Grosso. O discurso nacionalista sobre o desenvolvimento e progresso do País serviu como base para essa ação. O período de intensa ação marcado pelas nas edificações, serviu para perpetuação das tradições nas representações franciscanas, não só pela imponência da construção colonial da igreja-colonial, mas a tradição enfatizada na escolha identitária mística do Santo São Francisco de Assis, marcado com Jesus Cristo Crucificado pelos estigmas da paixão.

Através das imagens, como a arquitetura Colonial, dos vitrais, das estátuas no altar, dos filmes sobre o Santo e dos discursos, foi se realizando a catequização franciscana dos adultos e, também, das crianças, para edificar o Santo e a Missão Franciscana na paróquia. Talvez o lema que se insere melhor no início dessa relação seja “ver para crer”. A comunidade nesse princípio, participou timidamente das ações na paróquia, sua presença contida era estimulada apenas nas festas, nas procissões, na missa rezada ainda em latim, recebendo os sacramentos ministrados pelos freis.

Durante o período de intensas edificações, as tradições da Missão Franciscana foram passando por renovações motivadas não só por necessidades internas dos franciscanos, mas para atender as diretivas da Igreja Católica que ainda no período entre 50 e 60, e ao longo dos próximos anos seguintes sentiu necessidades de renovação frente à

disputa do mercado religioso, atendendo as questões emergentes do contexto da modernidade.

Observaremos melhor essas novas questões no próximo tópico deste trabalho.

## **2.2 Renovando as representações franciscanas: o Santo bom e pai dos pobres, nos anos 60 do século XX**

No Brasil, o final dos anos 50 e os primeiros anos da década de 60 foram marcados não só pelas idéias desenvolvimentistas e nacionalistas, para modernização do País, mas, principalmente, pela organização e mobilização social dos movimentos de esquerda. Houve uma intensa participação da sociedade estudantil, dos intelectuais artistas, dos funcionários públicos e militares, das camadas médias urbanas e do operariado, que lutaram pelas reformas, almejando conquistar o seu espaço na sociedade. A situação, porém, gerou muitos conflitos, agravando-se a crise institucional.

A ala progressista da Igreja participou, promovendo a defesa das reformas - urbana, agrária, empresarial, educacional dentre outras. Organizou-se por meio do movimento Ação Católica, com a Ação Católica Operária/ACO, Juventude Universitária Católica/ JUC, Juventude Operária Católica/JOC. Promoveu o envolvimento dos leigos, por meio das Comunidades de Base, considerada como movimento fundamental para promover a participação leiga.

No entanto, após a renúncia de Jânio Quadros<sup>58</sup>, a maioria da hierarquia da Igreja Católica retrocedeu nas suas posições, momento em que ocorreu a organização e a mobilização social a favor de uma atuação política transformadora, mostrando-se conservadora e reacionária, contrariando o Governo João Goulart (1962-1964).

Em 1964, em meio a tensões sociais e pressão externa, o presidente Goulart discursou na Central do Brasil para 150 mil pessoas, anunciou reformas que correspondiam as reivindicações populares e dos setores da esquerda brasileira. A opinião pública e

---

<sup>58</sup> O Governo de Jânio Quadros assumiu o cargo, em janeiro de 1961, herdou de Juscelino Kubitschek um país em acelerado processo de concentração de renda e inflação. Adotou uma política econômica ditada pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), restringiu o crédito e congelou os salários. Com isso, obteve novos empréstimos, mas desagradou ao movimento popular e aos empresários, não conseguindo diminuir a inflação. Pressões norte-americanas e da UDN provocaram freqüentes atritos entre o Presidente e o Congresso Nacional. Jânio Quadros enviou uma carta ao Congresso, renunciando à presidência no dia 25 de agosto de 1961. O Congresso aprovou uma emenda (Emenda N<sup>o</sup> 4) à Constituição que instituiu o regime parlamentarista, Jango assumiu a presidência, porém com poderes limitados.

opositores mobilizaram-se contra a política desenvolvida pelo governo, alegando que Jango queria implantar o comunismo no Brasil.

O estopim da crise política motivado pelo atrito ocorrido entre o governo e as forças armadas levou as tropas armadas da 4ª Região Militar, sediadas em Minas Gerais, a movimentar-se em direção ao Rio de Janeiro, em 31 de março de 1964. Goulart reconheceu a impossibilidade de oposição ao movimento militar, exilando-se do país. O Congresso Nacional consumou o golpe declarando vacância da Presidência, enquanto isso os militares assumiram o poder, editando o primeiro ato institucional, dando amplos poderes para o general Castelo Branco<sup>59</sup> nomeado presidente da República (PAES, p.43, 1997).

A Igreja Católica que vinha se manifestando anti-comunista e desde os anos 40, realizava espetáculos dessa natureza, demonstrando a efetiva participação dos cristãos em grandes passeatas. Perante o Governo Goulart, a Igreja receosa de que o movimento das massas caminhasse para uma solução socialista ou comunista<sup>60</sup>, mudou repentinamente de posição, passou a apoiar o Golpe de Estado.

Embora a Instituição Católica tenha se mostrado, até aquele momento, a favor das reformas, acreditava, porém, que elas deveriam ser realizadas para as *massas* e não por *elas*, principalmente, os setores católicos conservadores preocupados com a mobilização popular, que parecia estar sem o controle estatal, situação que representava um eminente perigo de revolução manipulada pelo comunismo. Essa estratégia podia ser observada, também em outros seguimentos do laicado, que aproveitaram a crise entre Estado e militares, articularam o golpe militar em 1964.

---

<sup>59</sup> O governo militar inicia-se com o general Castelo Branco (1964 a 1967). O 2º governo foi o do marechal Arthur da Costa e Silva (1967-1969); o 3º general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974); o 4º general Ernesto Geisel (1974-1979); e 5º general João Figueiredo (1979-1985).

<sup>60</sup> O anti-comunismo católico discriminava não apenas o Partido Comunista do Brasil/PCB, como as outras organizações vinculadas ou não que realizavam movimentos de lutas sociais, no período. O combate ao comunismo fazia parte de uma geopolítica internacional, iniciada pela Guerra Fria, formando dois blocos, um capitalista, liderados pelos Estados Unidos e outro soviético, acirrando a perseguição aos militantes comunistas ou de esquerda na Europa e América (FARIAS, 2002, p. 56).

A ditadura militar<sup>61</sup> a frente do poder, realizou a chamada “operação limpeza”, perseguindo e caçando líderes políticos e setores considerados vinculados ao governo de Goulart. O governo utilizou-se de estratégias de repressão militar com o Ato Institucional nº 1, que instaurou Inquéritos Policiais Militares, realizou repressões em massa à população, com exílios, prisões arbitrárias, presos políticos, sumiços, torturas e assassinatos (FARIAS, 2002, p. 78).

A ditadura militar abusou da intervenção e do controle estatal nos movimentos políticos, sociais e culturais. Por meio das diretrizes da *Doutrina de Segurança Nacional*<sup>62</sup>, realizou acordos internacionais do Ministério da Educação e Cultura, com os Estados Unidos, reorientou as bases educacionais. O Congresso foi fechado, suprimiu-se as eleições para governadores.

No início da Ditadura Militar, Igreja e Estado procuraram manter um clima de boas relações, evitando conflitos. A Igreja fechou os olhos às atrocidades realizadas pelo governo militar à população, justificando a ação repressiva como necessária para por fim as desordens no país. Só mais tarde, quando a repressão militar atingiu níveis alarmantes de violência contra seus líderes e leigos católicos e eclesiásticos, situação agravada pela falta das reformas de base prometidas e não concretizadas, que a Igreja mudou de atitude.

A mudança de atitude da Igreja também foi resultante das novas diretrizes mundiais de apostolado paroquial, impostas pelo Concílio Vaticano II<sup>63</sup> (1962), e da Conferência de Medellín (1968), que clamava pela renovação católica. A Conferência

---

<sup>61</sup> No período de Ditadura Militar no Brasil, estiveram a frente no poder, Castelo Branco (1964 -1967); Costa e Silva (1967- 1969) decreta o Ato Institucional Número 5 ( AI-5 ) foi considerado o mais duro dos governos militares, aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do habeas-corpus e aumentou a repressão militar e policial, foi substituído por uma junta militar (31/8/1969-30/10/1969), formada pelos ministros Aurélio de Lira Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha) e Márcio de Sousa e Melo (Aeronáutica).

Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) idealizou o *milagre brasileiro* para o desenvolvimento industrial e crescimento nacional, utilizando-se de forma indiscriminada do capital multinacional, aumentando a dívida externa e a concentração de rendas, provocando recessão, falências e *arrocho* na política salarial. Seu sucessor, Ernesto Geisel (1974 -1979), iniciou um lento processo de redemocratização no país. Com João Baptista Figueiredo (1979 - 1985) o Brasil apresentou vários problemas, como inflação e recessão, porém, possibilitou maior abertura política com a Lei da Anistia e o restabelecimento do pluripartidarismo no país. Em 1984, com o movimento das Diretas Já, o Colégio Eleitoral escolheu o deputado Tancredo Neves, para Presidência da República, que acabou falecendo, antes de assumir, ficando em seu lugar o vice-presidente José Sarney. Em 1988, é aprovada uma nova constituição para o Brasil, restabelecendo definitivamente a democracia no país.

<sup>62</sup> A Doutrina de Segurança Nacional foi uma ideologia pautada na bipolaridade mundial (socialismo X capitalismo), veiculada pela guerra fria, na concepção da nação homogênea. Negava as diferenças, onde a oposição, conflitos, greves e manifestações de massa eram compreendidos como subversão e estratégia de avanço do comunismo internacional no terceiro mundo (PAES, 1977).

<sup>63</sup> Concílio Vaticano II. Convocado pelo Papa João XXIII, em 1962, renovou a Igreja Católica em vários domínios, como na liturgia, na catequese, possibilitando a participação dos leigos.

Nacional dos Bispos do Brasil / CNBB defendeu os padres presos por subversão, em Volta Redonda, posicionados contra a Lei de Segurança Nacional.

As dificuldades de relacionamento entre as duas instituições se avolumaram, aumentando as divisões internas no catolicismo, diante do contexto histórico da época, formando dois grupos - os conservadores e os progressistas, estes buscavam a reforma católica e estavam engajados nas lutas sociais.

As reformulações e adaptações nas tradições católicas promovidas pelo Concílio Vaticano II (1962) possibilitaram uma relação de proximidade entre a Igreja e o mundo e, em especial, na América Latina. Na fase final do Concílio Vaticano II (1965), foi elaborado pela CNBB o Plano de Pastoral de Conjunto – PPC (1966-1974), priorizava os projetos de reflexão e formação, por meio dos institutos de formação das pastorais catequética, vocacional e litúrgica. O Plano propôs os seguintes objetivos: uma maior comunhão de vida em Cristo através da *unidade visível* (o corpo católico sob a liderança do Pontífice e bispo); formação de grupos fortalecidos de ações missionárias, a partir da reflexão doutrinária e teológica, com enfrentamento dos desafios da modernidade; promoção da ação litúrgica reformada, realizando a relação entre esta e o sentido da vida; possibilidade da ação ecumênica, com expansão do cristianismo e inculcando no povo a idéia de serem “*fermento na massa*”, na construção visível no mundo (FARIAS, 2002, p. 245).

As renovações no catolicismo tornaram-se urgentes, considerando que havia no Brasil, uma nova consciência sobre o catolicismo liderando em números de adeptos, no entanto, poucos desses eram participantes ativos nas paróquias e muitos passaram a se interessar em participar de outras religiões, o que gerou uma crise na fé, fortalecida, também, pela expansão do racionalismo e de outras ideologias profanas. A situação mostrava que a Igreja perdia espaço no campo do sagrado, por desenvolver uma ação catequética missionária tradicionalista, aquém das expectativas modernas. Era necessário produzir um novo modelo católico descentralizando o poder, a favor de uma nova relação da paróquia com os fiéis, fortalecendo as diferentes comunidades lideradas pelos bispos (FARIAS, 2002, p. 242).

A Igreja Católica, nos anos 60, pretendia se tornar mais evangélica e ecumênica, mais próxima dos pobres, promovendo o diálogo e colaborando na promoção da paz e da cooperação internacional, a favor do desenvolvimento dos povos, principalmente, os marginalizados pelo sistema capitalista.

No contexto do Concílio, particularmente na América Latina foi realizado pela Igreja Católica um esforço para implantar a “Igreja Povo de Deus”, reafirmada a idéia pelos bispos na II Conferencia Latino Americana (1978), em Puebla.

Para tanto, investiram na crítica à violência institucionalizada, nas reformas para o desenvolvimento, no intuito de possibilitar a promoção humana, com projetos de alfabetização, saúde, no ensino e na organização popular e na idéia da igreja - comunidade do povo de Deus a serviço dos homens, a opção preferencial pelos pobres.

Conscientes de que o desenvolvimento por si só não produzia melhoria na qualidade de vida da população em geral, pois propiciava o acúmulo de capital de alguns em detrimento da pobreza da grande maioria da população do mundo. Mudou-se, então, de prática e discurso, denunciaram as injustiças sociais e promoveram a organização e consciência do povo para os processos de mudança e de libertação, surge então, a “Teologia da Libertação” (BOFF, 1981).

Podemos considerar a Teologia da Libertação como um movimento cunhado a partir do contexto histórico sócio político e cultural dos anos 60 e 70, na América Latina, que propunha levar o cristão a compreender que a fé deveria ser vivida, por meio de ações que viabilizassem a prática libertadora das diversas circunstâncias às quais o povo estava submetido, marginalizados pela miséria.

A Igreja Católica lança a Encíclica Papal *Populorum Progressio* de Paulo VI (1967), pregava a solidariedade universal para o desenvolvimento das nações, sem opressão e injustiças sociais, orientava para o engajamento católico, para as reformas tão necessárias e urgentes. As orientações fizeram parte da oitava Assembléia Geral da CNBB, quando os bispos produziram um documento para os fiéis e outro para o clero.

Entre as orientações, destacamos as propostas de reformas, a superação da dicotomia capitalismo/comunismo, a integração latino-americana, a justiça e a paz, superação do assistencialismo pela promoção humana, a educação de base e o laicado adulto colaborou na tarefa de desenvolvimento baseado nos valores do cristianismo (FARIAS, 2002, p. 111).

A reforma católica também realizou modificações nos rituais, possibilitou mais espaço aos setores subalternos católicos, promoveu a presença e a participação dos leigos fiéis nas pastorais, na liturgia e administração de alguns sacramentos.

Mais tarde, nos anos 80, o papa João Paulo II, em documento, criticou e retificou alguns aspectos da atuação de teólogos e clérigos progressistas com relação à Teologia da Libertação, considerando que a Igreja Católica embora assumisse o compromisso com os



pobres e excluídos, preocupava-se com o excesso de politização e aproximação do documento com o marxismo. Dessa forma novos rumos foram tomados pela religião católica.

### **2.2.1. Renovando as práticas tradicionalistas católicas: formando a família paroquial**

As primeiras iniciativas da renovação católica, no antigo sul de Mato Grosso, iniciam-se timidamente em 1962, quando o Bispo Diocesano de Campo Grande, D. Antonio Barbosa, incentiva a renovação na região através do traçado das linhas mestras do movimento social, sob orientação, do Vaticano, delineando três momentos de ação:

Instrução, ação apostólica no meio caracterizado pela palavra e pelo exemplo; a assistência social pela qual organizaram uma rede de auxílios materiais para levar às populações mais necessitadas e a insistência na importância da ação dos leigos sempre, e especialmente nesses momentos (LIVRO TOMBO ADCG/1962, p.173).

Segundo os franciscanos, a maioria do povo da região era pobre e sofredor, simples e carente, vindos das fazendas em busca de oportunidades na cidade, possuía muita ignorância e indiferença religiosa, havia, então, necessidade de investir em ações, como a assistência social e catequética. Sabe-se que, na realidade, já naquela época, havia uma disputa pelos fiéis, dessa forma a Igreja católica precisou, com urgência, investir em ações de combate a outras religiões como o espiritismo.

Em Campo Grande, o campo religioso mostrava que os católicos mantinham a liderança com 49. 686 fiéis, ou seja, 87 % da população. Crescia, porém, o número de budistas com 657 adeptos, de espíritas com 2. 948 adeptos e, ainda 1.849 que se declaravam sem religião (CAMPO GRANDE - 100 ANOS DE CONSTRUÇÃO, 1999, p. 47).

O espiritismo foi muito combatido pela Igreja Católica, em Campo Grande. Nesse sentido, muitas ações foram desenvolvidas com o auxílio dos franciscanos, ainda no final dos anos 50, por exemplo, a visita do Frei Boaventura Klopenburg OFM, membro do Secretariado Nacional da Fé, aclamado como “ardoroso filho de São Francisco”, que esteve em Campo Grande, por três dias desenvolvendo um programa de conferências “instruindo e alertando os católicos sobre a perniciosa doutrina espírita”.

Houve uma missa festiva na Praça do Relógio, celebrada pelo Bispo Diocesano, em encerramento à semana anti-espírita, em Campo Grande, juntamente com o Frei

Boaventura e um “grande número de fiéis, ali concentrados, os quais fizeram sua profissão de fé e seu juramento anti-espírita. Cerca de cinco mil pessoas compareceram ao solene e público espetáculo da fé” (LIVRO TOMBO DA ADCG, 1958, p.20).

A disputa no campo do sagrado foi um dos elementos que provocou a aceleração das reformas no catolicismo. Em 1963, foram dados passos mais efetivos em prol das ações reformistas com o intuito de propiciar um envolvimento maior dos fiéis na Igreja. Os Bispos de Dourados, Corumbá e Campo Grande reuniram-se em um curso, na chácara D. Vicente, para discutir o Plano de Emergência (CNBB)<sup>64</sup>, decidiram que na Diocese de Campo Grande a renovação paroquial seria iniciada com um plano mínimo atingindo, inicialmente, duas paróquias, a paróquia São José, de Campo Grande e outra em Três Lagoas.

A paróquia São José, em Campo Grande, foi considerada a igreja matriz da cidade, porém, provisória enquanto não se reconstruísse a igreja Santo Antonio, portanto todas as grandes comemorações, festividades e também inovações eram realizadas e acompanhadas diretamente pelo bispo nessa paróquia.

A decisão de iniciar efetivamente o processo de renovação, apenas em duas paróquias, mostra certa resistência dos bispos e do clérigo às inovações e à persistência das tradições católicas já estabelecidas, embora, em Campo Grande, o Bispo Diocesano tenha deixado registrada a sua vontade em prol da renovação, dizendo que “não só permite, mas deseja que em todas as paróquias, se inicie o movimento renovador da liturgia que promova maior compreensão e participação dos fiéis no santo sacrifício da missa e dos sacramentos” (LIVRO TOMBO DA ADCG, 1963, p. 225).

Houve, então, uma orientação para que as paróquias desenvolvessem a Pastoral de Conjunto, utilizando os modos do Movimento para um Mundo Melhor (MMM), com um “movimento de pregação e doutrinação sobre o corpo místico” (LIVRO TOMBO DA ADCG, 1963, p. 226). Algumas medidas mais gerais também foram executadas nas paróquias, no sentido de possibilitar uma maior participação dos leigos nas atividades desenvolvidas, atendendo as orientações da Igreja Católica.

---

<sup>64</sup> O Plano de Emergência elaborado pela CNBB (1962), segundo Farias (2002, p. 230-231) continha cinco objetivos básicos: a) a renovação dos educandários católicos para uma vivência mais familiar; b) a renovação do ministério sacerdotal; c) reformulação no campo social e econômico, onde a Igreja promoveria ações sociais de caráter promocional como os programas de alfabetização e reforma agrária; d) renovação paroquial pretendendo transformá-la em uma comunidade de fé, de culto e de caridade; e) renovação diocesana pela articulação de todas as forças católicas presentes nas dioceses, sob o plano pastoral de conjunto dirigido pelos bispos.

Segundo Frei José Ariovaldo da Silva, OFM (2005), as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II propõe uma retomada aos elementos “eucarísticos” da Sagrada Liturgia que foram perdidos ao longo do tempo. Há um retorno à valorização central da Eucaristia, como celebração do mistério pascal (memorial da morte e ressurreição do Senhor Jesus), assim, Cristo passa a apresentar-se em toda a celebração na assembléia comunitária, na palavra, no sacerdote e sob as espécies de pão e vinho, principal fonte de inspiração teológica da Liturgia da Palavra e da Liturgia eucarística e de espiritualidade cristã.

Frei José Ariovaldo chama a atenção para a importância dos leigos que, no período de renovação, passam a fazer parte ativamente dos verdadeiros “ministérios litúrgicos”, participam, assim, em todos os momentos da liturgia (acólitos, leitores, músicos, instrumentistas, sacristão, comentarista, acolhida etc.).

Ao longo dos anos, à medida que houve mais participação popular nos rituais católicos, foi se multiplicando e ampliando as formas de ser da Igreja, a celebração que antes possuía um modelo ritual único, rezada em latim, foi adquirindo formas múltiplas permeadas pelas relações interculturais brasileiras, possibilitando variações lingüísticas gestuais e musicais adequadas à celebração eucarística nas regiões.

As variações e renovações litúrgicas nem sempre foram bem recebidas pela Igreja Católica, como se observa nas palavras de Frei José Ariovaldo, onde os problemas encontrados em alguns cultos que teriam se tornado exagerados, apresentando muitos “adornos”, “entulhos” e instrumentos musicais estridentes abafando as vozes do povo e comprometendo a visão da essência na celebração da Eucaristia, não abrindo espaço para o Senhor se manifestar, precisamente na suavidade, na calma e no silêncio. Ao mesmo tempo em que a Igreja precisou usar de todos os artifícios sócio-culturais, incentivar o povo à participação, aceitando as renovações e certas variações no ritual católico, também constrói representações impondo limites “espirituais” as inovações e exageros que contrariam as tradições inventadas.

A Igreja busca, na diversidade dos rituais católicos produzidos pelas interculturalidade brasileira, a formação da unidade. Boff comenta que nenhuma comunidade subsiste sem um mínimo de instituição que lhe confere *unidade, coerência e identidade*. Alerta que:

a instituição caracteriza-se pela duração, estabilidade e pela regra do jogo que ela estabelece entre os membros e por isso corre o risco de perder o ritmo da história, de bastar-se a si mesma, de olvidar-se de sua funcionalidade, de gerar passividade, monotonia, mecanização e alienação. Sobrepe-se à comunidade a quem deveria servir; a verdade é substituída pela certeza intra-sistêmica; cria os

cismas ao cortar os movimentos que não se deixam enquadrar dentro das malhas da instituição (BOFF, 1981, p. 93).

O autor comenta, ainda, que, embora a Igreja tenha produzido um discurso participativo, a sua relação com a comunidade sempre foi difícil. A instituição católica tornou-se um reduto do conservadorismo anti-evangélico, produzindo uma cisão entre o que prega – a Igreja - Povo – de Deus e o que se apresenta a Igreja - Hierárquica, “entre o que pensa, diz e não faz e a outra que deve pensar, não pode dizer, mas que faz” (BOFF, 1981, p. 94).

As primeiras renovações na Paróquia São Francisco de Assis começaram a ser realizadas em 1964, na celebração eucarística e participação dos leigos na liturgia, instituídas pela iniciativa do Frei Teodardo Leitz O.F.M., assim, a missa que era rezada em latim, passa a ser em língua portuguesa, o mesmo idioma dos fiéis, conforme as deliberações do Bispo Diocesano para com os párocos. Segundo Frei Teodardo, pretendia:

(...) um melhoramento para os fiéis, mas também um novo ônus, ao celebrante, normalmente sendo o mesmo estrangeiro, além do que esforço físico-celebração em voz alta, compassada, é bem maior do que uma missa simplesmente em latim (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1964, P. 29).

Nota-se, que os comentários sobre as renovações realizadas pelos franciscanos possuem, desde o início, um tom de desagravo, pois as inovações produziram transtorno e dificuldades na vida tão organizada tradicionalmente dos párocos, ao mesmo tempo, também, levantam-se os benefícios destas para a própria vida franciscana e da comunidade. Considerando, logicamente, que as renovações eram determinações das novas diretivas da Igreja Católica, eram necessidades impostas pelo contexto na modernidade.

Na paróquia São Francisco, Frei Teodardo Leitz preocupou-se em constituir uma comunidade participativa, propôs, então, a construção do salão paroquial na Igreja, com intuito de possibilitar a “formação da Família Paroquial”, pois, segundo ele: “o convento não dispunha de instalações para a vida social da paróquia”.

A estrutura do salão paroquial foi planejada para conter uma biblioteca, um espaço reservado para reuniões na entrada e “instalações para ação social franciscana no fundo de baixo do palco. Desta maneira a paróquia será provida das instalações necessárias para o seu movimento social e cultural, cuja falta faz sentir agudamente” (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1964, p. 30).

Como se observa à ação não reside mais nas edificações, nas construções, visando o conforto e à visualização da Missão Franciscana preocupada com o desenvolvimento, enquanto as construções ainda são realizadas, estão mais em função do trabalho com a comunidade, a ênfase passa a ser dada nas formas de promover a participação do povo na paróquia. Assim, novas representações franciscanas são chamadas para fortalecer a própria instituição e, para tanto, necessitavam da formação da família paroquial. Lefebvre escreve sobre o poder que as representações possuíam a se articularem conforme os diferentes contextos:

Sin embargo, la concatenación de los signos y significaciones no basta para explicar el discurso. En él intervienen otros elementos que hacen el sentido, a saber, los valores y normas admitidas en tal o cual sociedad, incorporados en palabras claves, símbolos, imágenes fuertes, en suma en representaciones (LEFEBVRE, 1978, p. 47).

Dessa forma, valores e normas foram reformulados pela Igreja, produzindo representações para atender o novo contexto e permitir a entrada de leigos em lugares sagrados, onde antes somente o clérigo atuava, as relações passam a ser construídas não só com a partilha de tarefas e, responsabilidades, mas também de poder.

A igreja católica viveu, no momento de renovação católica, uma ambigüidade entre a resistência à tradição dos grupos católicos e domínio do pároco no interior da igreja, e a vontade e necessidade de romper com o isolamento paroquial, criticados pela postura individualista e egoísta (FARIAS, 2002, p. 234).

O processo de renovação, muitas vezes, ao invés de dar voz e vez aos leigos acabou fortalecendo a ação dos grupos mais tradicionais. Pelos documentos da paróquia, observa-se a presença das Irmãs Franciscanas ministrando catequese e nas associações religiosas estavam à frente da organização da festa de São Francisco, entre elas, (...) as Filhas de Maria, A Ordem III, o Apostolado da Oração, os Congregados Marianos se incubiram, durante a festa toda do serviço do bar, (...) a renda mínima será aplicada na construção do salão paroquial (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1964, p. 29).

A catequese era realizada na paróquia São Francisco pelas irmãs franciscanas, por professores e pelo vigário, nas escolas, era estimulada pelo do ensino religioso<sup>65</sup>. As aulas de catequese foram ministradas no bairro, no Patronato São Francisco, na escola 26 de Agosto, na escola da Indústria, na escola Nicolau Fragelli e em mais 7 escolas rurais,

---

<sup>65</sup> Uma das mais importantes mudanças realizadas pela Igreja (décadas de 40 e 50) foi a reforma do catecismo e da educação religiosa.

contabilizando um número bem expressivo de 1.600 crianças atendidas na paróquia (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1964, p. 26).



As três primeiras irmãs franciscanas que vieram para Campo Grande: Irmã Feliciano Beto, Irmã Amália Crsitofclini e Irmã Carolini Istringari

**29. Irmã Feliciano Beto, Amália Crsitofclini e Carolini Istringari**

**Fonte: KNOB, 1988, p. 351**

As irmãs franciscanas vieram para o antigo sul de Mato Grosso em função da catequese. A pastoral catequética católica foi uma das ações dos franciscanos, exaltada por Dom Vitório<sup>66</sup>, em Campo Grande, principalmente depois da instalação do seminário e Igreja São Francisco de Assis. Segundo Dom Vitório a população da região era muito pobre e necessitava de uma ação social, assim, os franciscanos, para promover a dignidade dos moradores:

(...) distribuíram alimentos e remédios aos necessitados, (...) sentiram-se chamados à educação do povo e criaram uma escola paróquia, contando para isso, com a ajuda das Irmãs Catequistas Franciscanas” (CAMPO GRANDE - 100 ANOS DE CONSTRUÇÃO. 1999. p. 386-387).

Observa-se no discurso do Bispo Dom Vitório que há uma ênfase ao trabalho dos freis franciscanos e das irmãs, voltado não só para catequese, priorizada anteriormente, mas também para a ação social com a distribuição de alimentos e remédios aos necessitados, embora o discurso renovado fizesse parte do contexto, onde as representações aproximam a Igreja aos pobres.

Na paróquia São Francisco, houve uma organização comunitária contando para isto com a ajuda inicial das irmãs franciscanas e mais tarde dos leigos:

A Ação Social Franciscana continuou a sua assistência aos pobres e necessitados. Das mil e poucas famílias, então existentes na paróquia S. Francisco, mais de 300 procuravam leite em pó e outros víveres que a Ação Social Franciscanos distribuía semanalmente. Esses mantimentos vinham dos Estados Unidos e a Ação Social pagava o frete de Santos a Campo Grande. (...) Mais tarde esse atendimento ficou aos cuidados dos Vicentinos (KNOB, 1988, p. 352).

<sup>66</sup> Dom Vitório Pavanello Arcebispo de Campo Grande, 2006.

Nesse novo contexto, os franciscanos retornam as representações espelhando-se em São Francisco de Assis, como “o bom e o pai dos pobres” pelas ações assistencialistas e paternalistas realizadas. Discurso que, de certa forma, pretende se articular com o contexto de renovação (anos 60 e 70), após o Concílio Vaticano II, quando a Igreja passa a pregar a aproximação com os pobres.

### **2.2.2. O Franciscanismo bebe na fonte, produz representações e identificações: o Santo como o bom e o pai dos pobres**

No processo de renovação católica, Leonardo Boff (1981) nos fala sobre a inserção da Igreja com a cultura popular, assumindo o projeto político popular e a democracia participativa em face das opressões históricas, criando-se uma consciência de libertação, traz à tona o Santo franciscano.

A expressão desse cristianismo popular e libertário em favor dos pobres, dos expropriados e excluídos, encontra-se na leitura popular da Bíblia e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), utopia que BOFF identifica com a utopia dos primeiros franciscanos, no século XVI e com São Francisco, no século XIII, pois seu propósito era ressignificar para toda Igreja o evangelho como fonte de vida e permanente criação de solidariedade e ternura para com os pobres e bem aventurança para todas as pessoas e todos os seus estados de vida:

Não se confronta com a Igreja do poder imperial de Inocêncio III, longe do poder do dinheiro, do poder titular feudal, do poder das ordens sacras e do poder do aparato político. Praticar a missão dentro do espírito do evangelho, é mais movimento que organização, é mais carisma que poder (BOFF, 1981, p. 88).

Na América Latina, no período de renovação, São Francisco de Assis tornou-se o patrono que fez a opção pelos pobres. Transformou-se num arquétipo da alma popular, pois, segundo Boff (1981), nunca alguém na história da Igreja tomou tão a sério a solidariedade, a identificação com os pobres e com Cristo pobre, produzindo a fraternidade universal para com todas as criaturas da natureza (ecologia-social).

Nessa mudança de paradigmas, o discurso a respeito do cuidado com os pobres, traz de volta à cena, principalmente como exemplo a ser almejado, do Santo protetor São Francisco de Assis.

Nos ideais de pobreza, o Santo franciscano passa a ser o *Pai dos pobres*, produzindo representações da relação do *pobre* equiparado ao *bom*, assim, os franciscanos, no antigo sul de Mato Grosso, buscaram estes exemplos no franciscanismo a fim de reforçar o caráter identitário entre a Missão Franciscana, o Santo, e o povo (comunidade mais pobre da paróquia São Francisco). Encontramos em fotografias e registros nos livros de memória dos franciscanos passagens que mostram a mudança nas representações, antes voltadas para as edificações. No momento de renovação católica novas diretivas pós Concílio Vaticano II tendem a um novo discurso. Como se pode ver nos registros, como o livro de memória produzido pelo frei Knob (1988).



Na imagem ao lado, observamos o Frei Osvaldo Braun, O.F.M., visitando uma família no sertão, no trabalho missionário realizado na Chapada dos Guimarães em 1964.

**30. Frei Osvaldo Braun O.F.M.**

Fonte: KNOB, 1988, p. 266.

Segundo Knob (1988, p.266), em 1969 o Frei Osvaldo Braun foi apelidado pelo povo de: o “*Bom*” e o “*Pai dos Pobres*”, pelo trabalho prestado ao povo, como atender aos doentes, batizar, pregar o culto da palavra e servir aos outros, voltam à tona, nos discursos das representações franciscanas, a ênfase às boas qualidades franciscanas, como aqueles que realizavam a missão de assistir e ajudar aos pobres do sertão, como o Santo, pai dos pobres.

Os discursos aparecem, porém, permeados de contradições. Podemos exemplificar tal situação, ao observarmos o trabalho promocional proposto nas pastorais sociais em prol de diminuir as desigualdades:

A pastoral social com sua característica promocional e não meramente assistencial conscientizando o homem do campo e ao mesmo tempo empenhando-se na causa da justiça social, através da pregação de reformas inadiáveis, numa região em que há acúmulo de bens nas mãos de poucos, preferindo, entretanto o caminho do diálogo ao do confronto traduz verdadeiramente a imagem de uma Igreja que evangeliza para libertar o homem do seu pecado pessoal e social, causa de injustiças, opressões e marginalizações (INFORMATIVO DIOCESANO N<sup>o</sup> 13, JAN. 87).



Na prática, porém percebemos que não houve um envolvimento mais efetivo na pastoral social, tanto com caráter promocional, ou mais ainda, com a proposta de aproximação e “opção pelos pobres”, proposto a partir da “teologia da libertação”<sup>67</sup>,

A constatação dessa realidade serviu de crítica aos próprios franciscanos, como podemos observar nas palavras do Frei Elsing (1988), demonstrando a preocupação com a renovação das identidades franciscanas transformadas no tempo à medida que passaram a atender muito mais a elite do antigo sul de Mato Grosso, distanciando dos pobres:

A “opção pelos pobres” da Igreja latino-americana leva-nos para um questionamento profundo a respeito do lugar social atual da nossa presença franciscana no Mato Grosso. Antigamente a concreta presença entre os pobres era uma das características da nossa Missão, mas as condições sociais, entretanto mudaram. Depois de uma vida missionária entre os pobres do sertão estamos agora mais a serviço de uma camada da população socialmente mais elevada. Onde fica nossa criatividade franciscana? Nós deveríamos ser os primeiros a estar prontos para uma mudança de lugar social, na disponibilidade não tanto de viver “para” os pobres, mas na prontidão de querer repartir a vida “com” eles, com os isolados, os que estão sozinhos, os infelizes, os doentes, os prejudicados pela sociedade e os empobrecidos (ELSING, 1988, p. 191).

Embora os franciscanos tenham participado no processo histórico de renovação católica, promovendo a participação dos leigos e organizando nas suas paróquias as comunidades de base, incentivando as pastorais do imigrante, da juventude e da família, não apresentam em suas fontes históricas, um trabalho efetivo propondo a real transformação social conforme a Teologia da Libertação, onde o grande desafio não estava em viver “com” os pobres ou “para” os pobres, de forma assistencialista ou paternalista, mas, trabalhar na formação e transformação da comunidade, propiciando a participação ativa nas ações para a transformação social, proposta esta, que estaria conectada com o novo ideal de “igreja dos pobres”.

O cenário religioso da América Latina passava, no período, por transformações, clérigos e fiéis da Igreja Católica tinham assumido um discurso a favor das lutas sociais, aliaram-se aos pobres e sua luta libertária contra os vilões da opressão social, ou seja, contra o dinheiro, a mercadoria e o capital. Esse movimento foi identificado como a “Teologia da Libertação”, que pretendia a “Igreja dos Pobres”, termo mais significativo,

---

<sup>67</sup> A Teologia da Libertação foi um movimento que se espalhou principalmente pela América Latina nos anos 60 e 70, servindo como orientação para as Comunidades Eclesiais de Base, pretendia a superação do processo de exclusão do povo marginalizado no processo econômico e político norteado pelo capitalismo imposto pelos EUA e Europa. Sua influência diminuiu após o crescimento do Movimento de Renovação Carismática e a crítica realizada pelo Vaticano, pelo excesso de politização do movimento e aproximação com o Marxismo. Os teólogos que mais se destacaram foram o peruano Gustavo Gutierrez, o americano Cornell West e o brasileiro Leonardo Boff.

objetivando a formação de uma rede social, que desejava ir além dos limites da Igreja como instituição.

A Teologia da Libertação não pode ser considerada um discurso social e/ou político. Ela nasceu da reflexão espiritual das idéias, consagradas mais tarde, na Conferência de Puebla (1979), ou seja, da “opção preferencial pelos pobres” considerados agentes de sua própria libertação e, portanto, sujeitos da própria história. Postura bem diferente do pensamento tradicionalista da Igreja, cuja ação com relação aos pobres tomara o rumo, muitas vezes, da caridade para com os pobres.

O relativo sucesso, expansão e fortalecimento do cristianismo da libertação foi graças à doutrina coerente de reconhecer a dignidade humana dos pobres imputando-lhes uma missão histórica e religiosa, embora tenha influenciado apenas uma minoria de igrejas na América Latina, sendo que outras configuraram-se mais conservadoras ou moderadas.

Segundo Michael Löwy (2000), vários elementos contribuíram para a renovação católica, aproximando-a dos pobres, alguns internamente, não somente devido à concorrência religiosa, mas, também, pelo crescente movimento político de esquerda, falta de vocações sacerdotais, crise financeira na Instituição e aparecimento de novas correntes teológicas e formas de cristianismo social (os padres operários e a economia humanista de padre Lebret). Além disso, também foi essencial a contribuição da filosofia moderna e das ciências sociais, legitimadas e sistematizadas pelo pontificado de João XXIII (1958-1963) e o Concílio Vaticano II (1962-1965).

Outros elementos externos à Igreja também foram determinantes para justificar a emergência da nova “Igreja dos Pobres”. Michael Löwy cita as determinações sócio-culturais e políticas que se desenvolveram da periferia em direção ao centro da instituição, como:

(...) a industrialização do continente sob a hegemonia do capital multinacional que promoveu ainda maior dependência, aprofundou as divisões sociais, estimulou o êxodo rural e o crescimento urbano com a concentração da classe trabalhadora; e a Revolução Cubana, em 1959, abrindo um novo período histórico para os povos latino-americanos caracterizado pela intensificação das lutas sociais, o aparecimento de movimentos guerrilheiros, a sucessão de golpes militares e uma crise de legitimidade do sistema político. (...) Simbolicamente, diz o autor, pode-se dizer que a corrente cristã radical nasceu em janeiro de 1959, quando Fidel Castro, Che Guevara e seus camaradas entraram marchando em Havana, enquanto em Roma, João XXIII publicava a primeira convocação para o Concílio Ecumênico (LÖWY, 2000, 244).

Dessa forma, o processo de renovação em prol do cristianismo da libertação foi promovido por um conjunto de forças ora do centro eclesial ora da periferia, como os participantes da Juventude Operária Católica e dos movimentos educacionais de base.

Também foram importantes nesse processo de construção de uma nova proposta católica, os grupos de especialistas (economistas, sociólogos, advogados) que trabalhavam para os bispos nas conferências episcopais, bem como ordens religiosas com pensamento de vanguarda como alguns dominicanos e franciscanos, as quais gozavam de certa autonomia com relação à Igreja, participavam das pastorais e criaram comunidade de base nos anos 70.

A opção preferencial e solidária pelos pobres, realizada pela Igreja Latino-Americana, segundo Leonardo Boff (1986), motivada pela contestação da realidade sofrida pelos pobres e a vontade de libertá-los para participação e geração de vida, não podia ser reduzida a soluções tradicionais da fé, como o paternalismo e o assistencialismo, precisava ir além das reformas sociais, caminhando em direção de uma sociedade mais circular e igualitária.

Os pobres não deveriam ser considerados objeto de piedade ou caridade, mas agentes de sua própria emancipação, rejeitando a ideologia do desenvolvimento, que pode ser considerado muito desigual, pois não propiciava a todos o acesso à ciência, à técnica e às riquezas naturais, dessa forma, os benefícios do desenvolvimento são sempre os países mais ricos do primeiro mundo, aliadas às classes ricas e dominantes dos países do terceiro mundo à custa da exploração das classes trabalhadoras que ficam à margem de usufruir com qualidade da produção partilhada por toda a sociedade.

Observamos, no entanto, que a Missão Franciscana no antigo sul do Mato Grosso, não demonstrou ter se engajado nesse processo histórico renovador católico. O discurso contraditório da Paróquia São Francisco produziu representações franciscanas inspiradas no Santo, como o bom e o pai dos pobres, mas ao mesmo tempo apresentou-se pela falta de carisma e vivência para com os mesmos pobres.

As renovações católicas ficaram muito mais em relação aos rituais e ao padre, no sentido de abandonar no cotidiano algumas práticas, reservando alguns símbolos sagrados apenas para os rituais, como o uso da batina, da clausura, simplificação da liturgia, valorizando também, a religiosidade popular. Houve também uma mudança no atendimento e formação da comunidade e nos rituais, tratando de favorecer a participação dos leigos nas ações da paróquia, o que possibilitou a organização das pastorais:

(...) os franciscanos procuraram se adaptar ao Plano de Pastoral de Conjunto, surgido no Brasil, a partir de 1969. As linhas intensificaram as pastorais, com o trabalho catequético, pastoral familiar e da juventude, os cursilhos, os movimentos de jovens e o serviço pastoral dos padres, deixarão de se restringir aos atendimentos tradicionais (KNOB, 1988, p.117).

A revalorização dos signos, do vivido popular e da participação do leigo nas pastorais e movimentos podem ser considerados uma estratégia da Igreja para promover a aproximação do povo; as transformações nas relações sociais podem ser consideradas, um recurso para mascarar a continuidade das velhas tradições.

A Igreja necessitaria de re-criar, de re-formar, pois o cristianismo se tornou cada vez mais dispensável como ideologia da sociedade moderna, “ele não é mais chamado como outrora na história, a servir de fator integrador das forças sociais e de totem legitimador dos poderes afluentes” (BOFF, 1981, p. 107).

### **2.3. As representações Franciscanas, formando comunidades, nos anos 70 e 80 do século XX**

Na América Latina, apesar dos conflitos políticos e de ditaduras, viveu-se um momento glorioso na vida eclesiástica, no sentido de que a Igreja parecia estar adequada à consciência histórica dos novos tempos, saindo em defesa dos direitos humanos.

No Brasil, os 21 anos de Ditadura Militar (1964 - 1985) foram marcados pelos conflitos acirrados entre Igreja e Estado. A Igreja Católica repensou seu lugar social, religioso e político, assumindo-se como uma das instituições brasileiras parceira dos projetos de redemocratização do país.

A Igreja do Brasil, por meio da CNBB denunciou as atrocidades cometidas pela ditadura militar, procurou defender os direitos humanos, tornou um espaço de relativa liberdade de organização e ação social. Após o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1974), foram incrementadas as pastorais católicas, fundamentadas em três elementos básicos: os organismos de colegialidade episcopal (principalmente a CNBB), a participação ativa dos leigos das bases populares às Comunidades Eclesiais de Base (as CEBs), os novos organismos de serviços (as Pastorais), embora cada um tenha tido a sua autonomia, articulavam-se, criavam um espaço católico renovador.

Nos anos 70 a 80, as CEBs tiveram participação ativa decisiva nos movimentos populares implementados, bem como na Comissão da Pastoral da Terra (CPT) e no Conselho Indigenista Missionário (CIMI), além das pastorais operárias e da juventude.

As CEBs eram formadas por pequenos grupos de cristãos, que se reuniam na própria comunidade para rezar, e refletir sobre os problemas de trabalho, educação, saúde, direitos, realizando uma ligação profunda entre a fé (o evangelho) e a vida concreta.

Esse envolvimento nas comunidades, ocorreu em um contexto amplo, perpassando os limites regionais e temporais. As CEBs não teriam um êxito tão grande se houvesse ocorrido ao mesmo tempo uma reorganização pastoral na Igreja do Brasil, em decorrência do processo de renovação internacional, promovido pelo Concílio Vaticano II (1962 -1965) e sua aplicação na América Latina, na II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino Americano, em Medellín (CELAM)<sup>68</sup> em 1968, afirmando, como já vimos, anteriormente, no nosso texto, *a opção preferencial pelos pobres*.

A Igreja, no Brasil, reproduzia e refletia o modelo católico europeu, com apenas algumas adaptações das decisões no centro da catolicidade. Essa situação passou por transformações com a conferência de Medellín, que propiciou um encontro latino-americano com características próprias, marcou um novo tempo de libertação, promoveu um valor para a grande massa latina do nosso continente formados na sua maioria por pobres, camponeses e minorias étnicas.

No CELAM, a Igreja latino-americana forjou os eixos da Teologia da Libertação, que tomou força nos anos 70 e 80, e desde aquela época vem defendendo uma igreja vinculada à luta contra as injustiças sociais a partir das comunidades eclesiais de base. O evento foi um grande impulso a favor dos movimentos políticos relevantes às lutas contras as ditaduras. No Brasil, vários movimentos políticos sociais foram organizados como dos *Sem Terra* e do *Partido dos Trabalhadores*, considerados frutos das comunidades de base.

As relações sociais afetivas e prestativas, na comunidade, tinham como base a *Teologia da Libertação*, constituídas a partir de certos elementos agrupadores, como a ausência de autoridade discriminada e de hierarquia de função. Nesses grupos fundiam-se novas identidades sociais, nutrindo-se do sentimento de exclusão e de injustiças, valorizando a participação para alcançar um espaço democrático para o pensamento e ação.

Inicialmente, tais movimentos articularam-se ao redor da Igreja Católica, que disseminou um discurso comunitário, anti-institucionalista. Posteriormente, os segmentos considerados de esquerda realinharam-se a partir das associações locais produzindo suas representações em outros espaços, como os sindicatos, as fábricas, as comunidades rurais e outros.

---

<sup>68</sup> A primeira conferência foi no Rio de Janeiro (1955), quando foi criado o Conselho Episcopal Latino – Americano – CELAM.

Durante os anos 70, as CEBs não eram engajadas em partidos políticos, na época havia apenas dois partidos permitidos, pela a ARENA (partido da situação) e o PMDB. A situação mudou em 1979, quando ocorreu uma maior abertura política, quando o Governo permitiu a existência legal de outros partidos. A partir disso, um grupo reunido de intelectuais católicos e dirigentes de esquerda decidiram fundar o Partido dos Trabalhadores (PT). Nascido de operários e de movimentos populares, pretendendo a participação plena dos trabalhadores. Dessa forma, membros da CEBs ingressaram na política, candidatam-se a cargos políticos, participaram mais ativamente nas decisões políticas brasileiras.

Em 1979, no Seminário Palafoxiano de Puebla de Los Angeles, na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano<sup>69</sup>, presidida pelo Papa João Paulo II, a Igreja volta a afirmar que o compromisso do cristão é de *servir* os irmãos "mais pequeninos", os pobres, os necessitados e os marginalizados.

A Igreja retomou alguns princípios anteriores, os quais podem ser observados no discurso. Voltou a afirmar alguns pontos, ressignificou outros, justificando uma unidade sólida entre os sacerdotes, os religiosos e os fiéis leigos. Promoveu uma evangelização que exigiu uma comunhão de metas e de ações com os Bispos e uma colaboração dócil e confiante com os pastores.

As representações entram novamente no jogo, produzindo novas relações entre a Igreja, os movimentos católicos e o Estado. Os documentos anteriormente escritos pela Igreja são ressignificados. A Conferência de Puebla confirmou a vontade da 'Igreja Povo de Deus', promovendo uma *libertação integral e profunda anunciada por Jesus Cristo, com perdão e reconciliação*. O Papa, porém, repreendeu as interpretações errôneas e ambíguas dos documentos anteriores (Concílio Vaticano II e CELAM), por parte de alguns setores do clero e religiosos que, na práxis dos movimentos sociais, tornaram-se simpáticos à *violência guerrilheira e ao compromisso político*, o que, provocou em muitos países rupturas e lacerações e o enfraquecimento eclesial. Reforçando a idéia de que a Igreja deseja a *libertação*, pelo caminho do Evangelho, porém, esta não deve ser reduzida "às simples dimensões econômico, política ou cultural; não se alimenta de ideologias; e que é fiel à Palavra de Deus e à tradição da Igreja" (cf. III, 6).

---

<sup>69</sup> TRUJILLO, A. L. *A 25 anos de distância da III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Puebla*. Disponível em <[www.vatican.va/.../pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_20040212\\_trujillo-puebla\\_po.html](http://www.vatican.va/.../pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20040212_trujillo-puebla_po.html)> Acesso em: 05 mai 2006.

Segundo H. Lefebvre, as representações podem ser renovadas ou substituídas no texto institucional, produzindo um novo entendimento para a sociedade, que podem se constituir em novas representações,

Hay una segunda metaforización cuando la palabra, que se vuelve “concepto” en el sentido corriente (el perro, el gato, el árbol, etcétera), se carga de representaciones diversas a las que sustituye resumiéndolas. Las operaciones meta tienen un alcance reductor, ya que simplifican lo inmediato (sensorial-emocional) y sin embargo conjuntivo (pues unen lo semejante con lo semejante, lo análogo con lo análogo o supuestamente tal).  
(...) Las palabras (nomina y verba), con sus significaciones y su concatenación, resultan de ese doble proceso de sustitución y representación (LEFEBVRE, 1978, p. 47)

Os grupos sociais podem ser envolvidos e sensibilizados pelas palavras, proferidas em um novo discurso, que, embora pareçam retomar os mesmos referenciais temáticos, são reformuladas, criando novos sentidos.

O papa João Paulo II, nos anos 80, interveio no processo social, passando a controlar mais as atividades, os currículos nos seminários, diminui também o poder de algumas dioceses, como a de São Paulo - comandada na época pelo cardeal-arcebispo dom Paulo Evaristo Arns, afinado com os propósitos da Teologia da Libertação, que a Santa Sé pretendeu refrear.

A Igreja encontrou-se dividida entre os que apoiavam e os que criticavam a Teologia da Libertação, em 1984, produziu o documento "Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação", assinado pelo Papa João Paulo II, posicionou-se contrário à mesma, acusando-a de heresia pela utilização de conceitos marxistas. Houve contestação e defesa por parte de teólogos latino-americanos, o possibilitou a recuperação de alguns temas e despiu-a de caráter revolucionário. A partir desse, foram produzidos outros documentos que, de certa forma, ampliaram o conceito de pobreza, incluindo não só as vítimas do sistema econômico, mas também os oprimidos devido a sua cultura ou origem étnica – índios e negros.

No entanto, a ofensiva neoconservadora da Igreja Católica conduziu à centralização cada vez mais autoritária do poder e à marginalização ou exclusão de clérigos e teólogos de suas ordens religiosas, nomeando bispos e párocos conservadores, dividindo dioceses e encorajando novas correntes como a Renovação Carismática Católica que enfatizou a religiosidade emocional, sem maior compromisso com o social.

### **2.3.1. Diocese de Campo Grande e paróquias união em prol do discurso renovador**

A Diocese de Campo Grande, nos anos 70, estava preocupada em fortalecer o discurso das renovações a partir da participação e organização das comunidades nas paróquias. O bispo diocesano, D. Antonio Barbosa, no momento de renovação na diocese de Campo Grande, contou com o apoio de uma equipe sob a responsabilidade do Pe. Ubajara Paz de Figueiredo, que promoveu treinamentos com os leigos e, principalmente, com os jovens, com cursos de criatividade comunitária, preparando-os para exercerem lideranças nas organizações comunitárias e sociais, principalmente nas pastorais, que estavam surgindo e necessitavam ser solidificadas nas paróquias.

D. Antonio, seguindo as instruções da Igreja, pelo Plano de Pastoral de Conjunto, propôs três prioridades principais assentadas na Unidade Visível, na Pastoral Familiar e nas Comunidades Eclesiais de Base. Essas orientações foram motivadas nas *Assembléias Diocesanas*, iniciadas em 1972. No primeiro encontro com o bispo, vigários, religiosos e leigos foi firmado o compromisso com a *Unidade Visível*, promovendo o inter-relacionamento e a co-responsabilidade, a originalidade e o cultivo de pessoas e grupos.

Deveriam ser elaborados e executados projetos no âmbito regional, diocesano e paroquial, com assembléias, comissões de presbíteros e coordenadores diocesanos da pastoral, do apostolado leigo, do dízimo, as campanhas da fraternidade, a catequese e o ensino religioso, vocações e outras ações. Havia uma necessidade de promover uma grande mobilização, envolvendo a todos, os clérigos e leigos unidos para atingir as metas estabelecidas pela Igreja.

Nas paróquias, a motivação deveria ser realizada na pastoral familiar, envolvendo a família, onde os pais foram considerados os primeiros agentes catequizadores. Além disso, seria estimulado, nas Comunidades Eclesiais de Base, a formação de líderes e a descentralização dos serviços eclesiais básicos, elaboração e execução do plano para a comunidade e a diversificação dos Ministérios.

Na segunda Assembléia Diocesana em 1974, foram mantidas as prioridades anteriores para o biênio (75 / 76) e aprovadas novas normas pastorais para a administração dos sacramentos, onde os fiéis passaram a serem preparados pelas equipes. Alguns fiéis demonstram uma resistência às inovações, como por exemplo, a grande polêmica na época, ocorrida com a autorização de D. Antônio, permitindo que a hóstia fosse colocada nas



mãos, antes de levada à boca, problema contornado, apesar das reclamações dos fiéis, que acharam um desrespeito (ATA DA REUNIÃO DO PRESBITÉRIO 1<sup>o</sup>. 05. 75 – ADCG).

Na diversificação dos ministérios, algumas paróquias foram confiadas às irmãs e aos diáconos ordenados. Dom Antônio implanta o projeto Diáspora, realizado no período de férias, onde padres, irmãos, leigos, irmãs, seminaristas são formados, para evangelizarem em Campo Grande e interior, como verdadeiros missionários.

Na Terceira Assembléia Diocesana (1976), foram aprovadas as normas para as festas populares aos santos e para os dízimos. Só poderiam participar da comissão de festas os católicos que tivessem vida matrimonial regular e fossem residentes da paróquia. O lucro da festa metade seria para paróquia e a outra parte seria para fins religiosos repartidos entre a diocese, sacerdotes, pobres e obras sociais.

Com o intuito de atingir seus propósitos anteriormente expostos, a Igreja encontra na família um importante espaço congregador de suas ideologias. A Igreja Católica manifestou a necessidade de trabalhar intensivamente com a pastoral familiar, considerando-a como um eixo renovador da sociedade, utilizando o discurso de que a família aliada à Igreja promoveria o enfrentamento e resolveria problemas sociais graves como o divórcio, o aborto e também o flagelo da pobreza, com o nascimento de crianças sem o mínimo de condições para sobreviver.

As festas tradicionais são novamente incentivadas, tendo como eixo motivador o Santo padroeiro e as datas religiosas que deveriam ocorrer nas paróquias, observando, porém, que a idéia não estava em difundir o santo padroeiro ou outras entidades da Igreja, pois o objetivo maior estava na oportunidade de arrecadar recursos para as ações católicas.

Nesse novo contexto participativo renovador, os leigos são chamados para auxiliar ativamente os párocos nos ministérios, tais como: Ministério da Comunhão Eucarística, Ministério da Saúde, Ministério da Palavra e do Culto, Ministério da Administração Econômica, Ministério da Catequese, Ministério da Coordenação Pastoral e outros (C. F. CARTILHA DO JUBILEU, 1978, p. 38 -39).

### **2.3.2. Produzindo laços comunitários na fraternidade e paróquia São Francisco de Assis a partir das relações de identidades e alteridades**

A Missão Franciscana enfrentou, desde os anos 60 do século XX, uma crise nas vocações, um envelhecimento no quadro dos freis e dificuldades de ordem financeira em algumas paróquias, para tanto, foram necessários tomar algumas medidas, para poder dar continuidade ao seu trabalho. A pressão resolveu concentrar paróquias e melhorar o relacionamento entre as províncias no país.

A Missão Franciscana da Primeira Ordem de São Francisco no Estado de Mato Grosso em 1967, passou a ser chamada de *Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora*. A sede da Custódia está localizada na Igreja Conventual de São Francisco de Assis em Campo Grande, lugar que, desde o princípio, tornou-se centro de referência, promoveu encontros entre as províncias brasileiras e estrangeiras, procurou renovar a identidade da fraternidade fundada pelo santo padroeiro. História e memória referendada ao longo dos capítulos anteriores desta dissertação.

Entre 1971 a 1988, os franciscanos organizam-se com o objetivo de consolidar a Custódia em uma entidade franciscana autônoma da Província Brasileira. A primeira medida foi unir esforços entre as duas províncias franciscanas a do Rio Grande do Sul e a de São Paulo, com a Ordem Franciscana do antigo Mato Grosso, pois era preciso criar a unidade dos grupos de frades e os novos seminaristas de procedências diferentes. Muitos dos freis que vieram da Alemanha haviam falecidos, outros retornados ao local de origem.

Para um estreitamento maior entre as comunidades distantes e possibilitar o entendimento mútuo, a Assembléia Custodial de 1971 concentrou forças nos três centros regionais: Campo Grande, Dourados e Rondonópolis, no sentido de estimular a oração, o trabalho e a espiritualidade franciscana, faltava, no entanto, material atualizado sobre o franciscanismo.

As reflexões sobre temas de cunho franciscano e cultivo da vida fraterna passaram a ser realizadas mensalmente, segundo os freis, “a vida franciscana de nossa Custódia se cristalizou em grande parte nas reuniões das Regionais<sup>70</sup> da nossa Missão Franciscana”, que eram realizadas na sede do convento São Francisco em Campo Grande (KNOB, 1988, p.145).

---

<sup>70</sup> Em 1982, O Conselho da Custódia constituiu 5 Regionais: Cuiabá, Rondonópolis, Dourados, Campo Grande e a comunidade dos Estudantes da Residência Monte Alverne.

Foi criado, também, nos anos 70, o serviço de informação bimensal com o Boletim de Comunicação, além da melhoria no sistema de telefonia e serviços postais entre os frades das províncias do Rio Grande do Sul, de São Paulo e do antigo sul de Mato Grosso.

Nos anos 80, há uma preocupação especial com a formação da juventude franciscana, procurou-se cultivar entre os irmãos a identidade franciscana, criando um clima provincial com características típicas, para a integração dos frades das três províncias na vida fraterna e nos serviços, para isto, intensificaram-se os encontros e estudos na Custódia, localizada no convento São Francisco, em Campo Grande.

Dos 46 confrades da Missão Franciscana, 23 eram brasileiros. O último frade chegou da Alemanha, em 1971. Como, não era mais possível contar com a ajuda, do estrangeiro, a Missão passou a depender somente das vocações brasileiras. Na época, desejavam muito a independência da Província-mãe da Alemanha para formar uma entidade autônoma e para isto, utilizaram-se de justificativas vindas da própria Igreja, no pós Concílio Vaticano II, que proclamou a necessidade de se formar novas identidades a partir da diversidade da formação cultural da América Latina.

Referindo-se à Juventude Franciscana, Pe. Custódio Frei Jorge<sup>71</sup> (1984) emitiu alguns comentários importantes para nossa reflexão a respeito da formação de grupos compostos por jovens freis, agora vindos de diferentes regiões do País e do mundo, havendo necessidade de produzir e fortalecer uma nova identidade franciscana:

(...) franciscanos de origens diferentes se encontram na Custódia para o mesmo trabalho missionário. A variedade pode significar uma riqueza e uma chance de vida para mútua complementação. Mas variedade pode também significar uma fraqueza, perigo de fragmentação e de se perder em insignificantes particularidades. A variedade significa para nós uma grande tarefa, de descobrir o estilo de vida franciscana comum para o Mato Grosso e de estruturar a unidade do pensar, do sentir, do querer, que nos deve caracterizar como seguidores de São Francisco no Mato Grosso (ELSING, 1988, p.163).

Por razões históricas, desgastes e fracasso de alguns confrades e indiferença dos mesmos em relação à comunidade, Elsing (1988) afirma que a missão franciscana chegou a “um subdesenvolvimento do fraternismo” e, conseqüentemente a uma “fraqueza na vida comunitária”. Essa consciência deveria provocar nos irmãos não só uma reflexão, mas uma ação, a fim de que se procedesse a “fundação renovadora de nossa Missão na fraternidade”. O religioso, justifica a ação, dizendo que ser comunidade é aceitar os outros como são, ter

---

<sup>71</sup> Carta de informações à Província – mãe de Fulda in Comunicações, 1984, n 1, p. 9.

solidariedade com todos os membros, orgulho de pertencer a um grupo unido por um mesmo ideal, prontidão ao diálogo e compartilhar a amizade fraterna e a confiança.

Alguns elementos que foram sendo minimizados dentro da comunidade franciscana do Mato Grosso precisavam ser revitalizados, segundo Elsing (1988) no intuito de cultivar as relações esvaziadas, reforçando a importância da vivência em comunidade, buscando exemplo em São Francisco de Assis, “o evangelho vivido por São Francisco é hoje tão atual como há 750 anos atrás. Ele precisa apenas de representantes que tenham a fé e que dêem o exemplo de viver com alegria e entusiasmo os valores da vida fraterna de modo simples”, concluiu (Elsing, 1988, p. 185). Na visita à Custódia de Mato Grosso, o do Pe. Provincial de Fulda Frei Silvestre Neichel, deixou a seguinte mensagem:

(...) E estou firmemente convicto de que se os confrades no Mato Grosso conseguirem: viver sua unidade na fraternidade, repartir fraternamente todos os dons espirituais e materiais, formar a juventude da Ordem no Espírito do Evangelho, de S. Francisco e do “sentire cum Ecclesia” e sua pastoral for expressão de seu amor aos pequenos, pobres e fracos, então não tenho medo pelo futuro da nova entidade franciscana (CF. COMUNICAÇÕES, 1987, n.1, p.1-2).

O Ministro Geral, na preparação às comemorações do 8º Centenário da Fundação da Ordem Franciscana, em 2006, realizou uma retrospectiva da Missão Franciscana no Brasil. Solicitou às fraternidades que retomassem a leitura da carta que integra a Declaração do Capítulo Geral de Madri (1973), intitulada “A Vocação da Ordem hoje”<sup>72</sup>.

Alguns pontos da carta mostram como as representações franciscanas são renovadas sempre para atender as necessidades da Ordem, em função de novos contextos. Nela são enfatizados três movimentos principais para renovação da fraternidade: *centrar-se, concentrar-se e descentrar-se*. Esses pontos são reconhecidos como fundamentais tanto para o ano de 2000, quanto para década de 70, quando foi elaborada e retomada como exemplo, com a finalidade segundo a fraternidade, de uma constante “refundação” da missão.

O documento afirma que existe uma necessidade de questionar a vida da fraternidade e da missão, convida-os ao essencial, que é viver o *carisma*, “(...) vivendo na Igreja o Evangelho segundo a forma observada e proposta por São Francisco” (CCGG 1 §1), porém, recriando-a através dos tempos “à luz dos desafios da vida franciscana”. Evitando-se dessa forma a fragmentação e a dispersão, que outrora sabe-se terem vivido.

<sup>72</sup> CARBALLO, J.R. *A graça das Origens*. Roma dez.2004. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br-especial>> Acesso em: 10 mai 2006.

Havendo a necessidade urgente de resignificar a “(..) experiência de fé e da nossa espiritualidade, para nutrir, mediante a oferta libertadora do Evangelho, considerando o mundo dividido, desigual e faminto de sentido, como no seu tempo fizeram Francisco e Clara de Assis” (Sdp 2).

O caráter identitário dos Frades Menores e reforçado pelos franciscanos, devendo ser erguido sob os pilares de uma vida radicalmente evangélica como propôs São Francisco. Por fim, retomam a história de São Francisco, como aquele que ficou conhecido como o promotor do diálogo intercultural, que ultrapassou barreiras geográficas e culturais, para levar o evangelho a todas as partes do mundo, conclamando à necessidade da fraternidade de centrar-se na sua identidade como Frades menores, ou seja:

(...) Descentrar-se a fim de ir para o mundo, nosso claustro, e nele testemunhar e proclamar que só o Senhor é onipotente (cf. Ord 9). Conscientes de que não fomos chamados a viver para nós mesmos, mas para os outros; que nossas Fraternidades não são para si mesmas, mas para tornar conhecido o Reino de Deus (cf. CCGG 83 §3, 2006).

Nos discursos franciscanos, aparecem a busca das origens no Santo Padroeiro, São Francisco de Assis, procurando a identificação com as suas ações, possibilitar a transmissão de valores e práticas de uma geração à outra.

Modelos como os santos, possuem ideais transcendentais, nos quais os outros se reconhecem, como o caso de São Francisco de Assis, que idealizou viver o evangelho não só na teoria como na prática.

Dessa forma, os franciscanos discursam sobre a necessidade de viver o carisma, concentrar a missão retomando os princípios e valores vindos do Santo franciscano, que criou a Ordem dos Irmãos Menores, por meio de laços fraternos, necessitam, também, de descentrar-se para o mundo, como uma missão ao encontro do povo, do mais humilde e necessitado, como fazia Francisco, o que o tornou reconhecido como o promotor do diálogo intercultural entre os povos, e dessa forma produzir novas representações.

O Provincial Frei Carballo, ao finalizar a “Carta” aconselha todas as fraternidades franciscanas, para que realizem as obras, não fiquem somente às sombras do santo padroeiro:

(...) como não queremos nem podemos contentar-nos em proclamar as obras de nossos antepassados, pois, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito as obras, e nós, proclamando-as, queiramos receber a glória e a honra (Ad 6), mas vivamente desejamos inspirar-nos nelas para cumprir a parte que nos toca em nossa história (cf. Sdp 3, 2006).

Esse documento escrito nos anos 70, retomado nos dias de hoje, como exemplo de retomada na direção das fraternidades franciscanas, serviu, ao longo do tempo, como respaldo para as representações franciscanas, fortalecendo elementos presentes nos discursos imagéticos, orais e escritos.

Esses elementos podem ser observados nas palavras do Frei Erivan Messias da Silva, proferidas na paróquia São Francisco, no ano de 2003, procurando ampliar e fortalecer o vínculo do Santo com os fiéis na reflexão litúrgica. Falou aos fiéis sobre o caráter dos franciscanos, segundo discurso oral do Frei: aqueles que deixam de pensar em si mesmo, na sua família, despojando-se de bens materiais, dedicando-se aos pobres, à Ordem Franciscana, inspirada no Evangelho e nos Escritos de São Francisco.

O Frei Erivan continua o discurso exaltando, ainda, outras qualidades renovadas do Santo: como ecologista e como promotor da paz, pois atravessou fronteira, levou a palavra do cristianismo a todos os povos, promoveu o diálogo multicultural e, por fim, ainda foi lembrado na sua consagração, pelos estigmas recebidos.

Ressaltando-lhe, no final, a importância do resgate da riqueza do *carisma franciscano*, através do seguinte questionamento: Será que é possível, ainda hoje, depois de mais de oitocentos anos, vivenciar plenamente os ideais do carisma franciscano? Acrescenta que isso só é possível a partir da mudança interior, através da realização de ações concretas.

A necessidade do Carisma franciscano é descrito pelas Irmãs Catequistas Franciscanas, no antigo Mato Grosso<sup>73</sup>, como vivenciar o evangelho, encarnando “o espírito e as obras de fé, de esperança e de amor de São Francisco de Assis”, vivendo o “meu Deus e meu tudo” (NEOTTI, 1971, p. 25). Essa frase foi utilizada em diferentes momentos, tornando-se um slogan dos franciscanos, observa-se, inclusive, na imagem nº 18, no Capítulo 2, a presença da frase no altar ao lado de Jesus Cristo Crucificado e São Francisco de Assis.

As representações franciscanas são apropriadas, renovadas e perpetuadas não só para criar laços entre os freis nas fraternidades, mas é um discurso que chama o povo para a formação e identificação do indivíduo com o ideal franciscano - mito/santo, com o intuito de fortalecer as comunidades, chamando-as para participação e ação coletiva efetiva nas atividades da Igreja.

---

<sup>73</sup> As Irmãs Catequistas Franciscanas vieram trabalhar, em 1947, no antigo Mato Grosso, como missionárias, convidadas pelos franciscanos. (NEOTTI, 1971).

Na Paróquia São Francisco de Assis, em 1971, Frei Miguel Löfler assumiu o serviço pastoral, como animador e coordenador paroquial. Foi, também, pároco entre os anos de 1971 a 1984, pôde contar em 1974, com a ajuda do Frei Salvador como coadjutor nos serviços pastorais da Paróquia. O serviço pastoral dos padres franciscanos, Knob (1988), diz que já não se restringia aos atendimentos tradicionais, como na celebração de Missas e na administração dos outros sacramentos:

Hoje em dia se pede do sacerdote o dom de informação e de animação através de sua presença constante em novas formas de vivência religiosa mais intensivas, que atinjam profundamente as pessoas e tenham capacidade de criar pouco a pouco um outro clima de vivência comunitária na Igreja. São os cursilhos, Assembléias Paroquiais, Encontro de Casais, dias de formação, retiros, encontros, cursos de preparação de batismo, crisma e casamento; programas de rádio e até televisão, todas essas atividades exigem do padre mais competência profissional, mais capacidade de concentração, mais dom de comunicação, mais desapego e disponibilidade pessoal e uma fé vivenciada e existencial. Esses trabalhos todos que exigem mais criatividade e autenticidade do sacerdote nos dão a grande esperança de que através dessa vivência religiosa mais intensa em muitas Famílias se preparem terreno para lideranças leigas e novos ministérios, mas também para vocações religiosas e sacerdotais (KNOB, 1988, p. 117).

Na segunda metade dos anos 70, os movimentos como as CEBs se organizam e ganham força na Paróquia São Francisco, conforme relato oral do Frei Miguel, alicerçadas nas necessidades sociais surgidas das carências físicas, educacionais e de saúde dos bairros dessas comunidades, foram, aos poucos, perdendo forças, passando por crises com a paróquia e entre as pessoas da própria comunidade, transformando-se, principalmente, a partir de 1979.

Novas representações são chamadas para amalgamar os movimentos nas comunidades, renovando signos a partir do santo padroeiro São Francisco de Assis, logicamente alicerçados nas idéias reformuladas da Igreja, como se pode observar nos movimentos construídos nas comunidades no bairro, nos anos 80.

A paróquia, nos anos 80, esteve alicerçada nos objetivos da Arquidiocese<sup>74</sup> de Campo Grande e no Plano Bienal (1979-1980), que propunha “intermificar a consciência

---

<sup>74</sup> A relação entre D. Antonio Barbosa e a Paróquia São Francisco de Assis sempre foi considerada muito boa, ele visitava sempre os franciscanos e as comunidades, lembrava nos relatos que os religiosos franciscanos *são um grande bem na Igreja Diocesana*.

O Informativo Diocesano em 1987, declarou a saída de D. Antonio e a ascensão, na Arquidiocese de Campo Grande, do Bispo Dom Vitório, que realiza uma vistoria em todas as paróquias da região, inclusive na Paróquia São Francisco. Realizou muitas críticas ao trabalho pastoral desenvolvido, observando entre outros, o problema da falta de interesse dos pais pela catequese, pela pastoral do dízimo e pelo interesse pela boa imprensa e programas na rádio e tv. Era preciso fazer despertar nos fiéis o senso crítico para avaliar melhor os programas. Foi solicitado ao Frei Donato elaborar uma experiência pastoral de preparação para o batismo, visitas às mães gestantes, *preparando para o* nascimento físico e espiritual também uma atenção especial aos agentes leigos para as diversas ações pastorais, visitando as famílias em suas casas.

de Igreja Particular em vista de maior comunhão e Participação” (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1980, p. 33).

A fraternidade era formada naquele período, por oito frades, todos participavam em várias pastorais, contavam, porém, com a participação ativa dos leigos na comunidade paroquial no desenvolvimento dos projetos sociais voltados para alfabetização, utilizando para isso os meios de comunicação como a Radio Educação Rural.

A preocupação social da paróquia não foi além dessas iniciativas, como já abordamos anteriormente. O trabalho com os pobres, realizado pelos leigos nas pastorais, resumia-se ao assistencialismo, não pretendiam trabalhar nos moldes pregados pela Teologia da Libertação, principalmente, após a retomada pelo Papa João Paulo II, motivando o discurso mais espiritualista nas comunidades.

Frei Elsing deixa claro a postura dos franciscanos de Mato Grosso do Sul, perante os movimentos sociais, reafirmando que as transformações sociais deveriam ser realizadas pelo ensino e formação. Critica a postura dos jornalistas no exterior, dizendo que eles propagavam uma imagem unilateral do Brasil, mostraram apenas a pobreza e miséria dos países do terceiro mundo:

(...) descreve-se como se todo o enorme país fosse apenas uma região de miséria, que fosse escravizado por uns poucos ricos. Exorta-se direta ou indiretamente para uma revolução. A certa revolução exigida destruiria muita coisa boa e poria novamente em jogo aquela liberdade que em 1964, no último momento foi salva pelos militares de tornar-se presa do comunismo. (...) inúmeros esforços por parte da Igreja e Estado, na ajuda para o desenvolvimento, que pretendem, pelo ensino e pela formação, retirar o povo de sua persistente indigência e levá-lo à responsabilidade e a realizações que despertem a concorrência (ELSING, 1988, p.94).

Dessa forma, mesmo as ações realizadas nas CEBs da paróquia, não encontramos índices de um trabalho de caráter mais participativo e transformador.

É visível nos relatos do livro Tombo, a dinamização da pastoral paroquial por meio da formação de comunidades urbanas, suburbanas e rurais, que ao todo eram vinte e três. Para colaborar com o vigário e com os demais agentes centrais, foi criado o conselho paroquial nas pessoas de Otto Graminga da Silveira, Wilmar Lamberti, Rosalva Dantas Motta e outros.

Na paróquia, foram intensificadas as campanhas eclesiais: da Fraternidade, por meio das novenas em família, possui sempre um objetivo diocesano, revertido numa coleta a bem dos pobres. A catequese já não era mais ministrada somente por irmãs ou padres, o registro no livro Tombo, da paróquia, mostra um intenso trabalho dinamizado por um



grupo de catequistas formado pelas pessoas da comunidade, coordenados pela irmã Rosa Cândido do Couto, catequista franciscana.

A catequese escolar era ministrada em várias escolas: José Fragelli, Nelson de Souza Pinheiro, 26 de Agosto, Patronato São Francisco, Aguão, Fazenda Mato Grosso e outras. Existe, ainda, a catequese crismal, chamada de Neocatecumenato Crismal, desenvolvido no mês de julho, aproveitando as férias escolares. Era preparada por uma equipe de leigos, coordenada pelo vigário paroquial. Segundo relato foram 110 crismandos (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS 1980, p. 33).

Os movimentos sociais na paróquia foram organizados basicamente divididos em quatro, em primeiro lugar estão a Ordem Franciscana Secular, Legião de Maria, Vicentinos e Equipes dos Pobres; depois os Alcoólatras Anônimos, ALANON, Neuróticos Anônimos, Movimento de Recuperação dos Viciados, funcionando no salão paroquial, em terceiro lugar o Movimento Familiar Cristão, que congregavam os casais em busca de ajuda; e por último foi citado, especificadamente, a catequese crismal, ou seja, o Neocatecumenato, como um *movimento de espiritualidade bíblica na Paróquia*. (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1980, p.34).

Observa-se nos relatos paroquiais um incentivo, inclusive financeiro, ao Neocatecumenato, que se fortalecia como um movimento cristão desenvolvido, praticamente, só com os leigos, e contava com o apoio incondicional do pároco Frei Miguel. Constituíam-se na paróquia como uma força significativa de agregar pessoas da comunidade em torno da renovação da catequese e *conversão* de adultos.

A comunidade Neocatecumenal retomou os princípios e rituais fundados na Igreja, na Antiguidade, e, principalmente, nas palavras do Evangelho, bebendo em São Francisco de Assis, e reforçando os documentos eclesiais, em função do trabalho com os pobres e excluídos da sociedade. Movimento nascido no final dos anos 70, perdurou até nossos dias na Paróquia São Francisco, será retomado no último capítulo onde estudaremos as relações sociais nas comunidades.

Desta forma, pode-se observar que, no conflito entre a modernização e a tradição, as representações franciscanas passam a ser peças-chave dessa construção. A memória franciscana edificada na vida e obra do santo é revigorada e renovada, com o movimento Neocatecumenato, no contexto da modernidade, para continuar vivificando a Instituição Católica.

Nos anos 80, foram relatadas divergências entre algumas comunidades e a Igreja, discutidas a partir da visita de Dom Vitorino, problemas com os movimentos Carismáticos,

Neocatecumenais e outros. Ocorre uma retomada nos projetos, nas ações e principalmente nas relações entre as pessoas das comunidades, por meio dos movimentos mais espiritualizados do que preocupados com ações em prol das transformações sociais na realidade brasileira.

As narrativas escritas e imagéticas representam o Santo padroeiro, construído conforme a biografia autorizada pelos primeiros franciscanos do século XIII. Foram sendo ressignificadas, conforme as necessidades impostas pelo contexto histórico vivido, ao longo dos séculos como se observa ao longo dos três capítulos.

Dessa forma, ao longo da presença missionária franciscana, no antigo sul de Mato Grosso, o Santo foi sendo resignificado pelas representações franciscanas, possibilitando a vinda da missão e a formação da identidade dos franciscanos como heróis desbravadores, civilizadores e missionários dos sertões mato-grossenses nos anos 30. Mais tarde, São Francisco marcado pelos estigmas da paixão, identificado com Jesus Cristo Crucificado, promoveu as tradições religiosas, edificando a Igreja-conventual nos anos 50. Nos anos 70 e 80, foi estabelecida a ecologia social no meio ambiente e a ressignificação do carisma, fortalecendo identidades e o respeito às alteridades tanto na fraternidade franciscana como nas comunidades da paróquia São Francisco de Assis no novo estado do Mato Grosso do Sul.

No Capítulo 3, estaremos aprofundando as discussões relativas às identidades e alteridades, permeadas pelas representações franciscanas, na reorganização dos movimentos nas comunidades, da Paróquia São Francisco de Assis, renovando as tradições, para atender às novas diretrizes eclesiais.

### **3. A FRATERNIDADE FRANCISCANA E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE: ressignificando as representações, plantando o carisma entre identidades e alteridades.**

*Como a aranha cujo mundo inteiro está enfeixado na teia que ela tece a partir de seu próprio abdome, o único apoio com que estranhos que se encontram podem contar, deverá ser tecido do fio fino e solto de sua aparência, palavra e gestos.*  
Bauman

Neste capítulo, há uma reflexão sobre as relações sociais entre leigos e franciscanos, estabelecidas nas comunidades da paróquia São Francisco de Assis, permeadas pelas representações franciscanas e tecidas nas teias do embate entre a tradição e a renovação católica.

Entre os anos 50 e 80 do século XX, a Igreja Católica viveu um contexto histórico político social permeado de fatores, como, a industrialização e o desenvolvimento das cidades, o avanço e popularização das comunicações, o estímulo à imigração, os governos ditatoriais, e as crises econômicas e sociais, advindos do realinhamento ideológico provocado pela hegemonia do neoliberalismo e a crise do socialismo e dos efeitos desagregadores e acentuadores da exclusão social, produzidos pelas políticas de mercado, cujas questões já abordamos, anteriormente.

Essas questões provocaram, na relação entre Igreja sociedade e Estado, mudanças acentuadas com a luta pela redemocratização e o processo de transição à democracia dos anos 80, com a presença das igrejas. Estas se fizeram presentes por meio dos movimentos religiosos no espaço público, envolvidos com questões de cidadania e combate à exclusão e à pobreza visíveis na forma dos movimentos participativos dos leigos nas igrejas populares, em experiências de engajamento social e político, nas comunidades de base, na teologia da libertação e nos movimentos ecumênicos.

Movimentos que ganharam forma nos anos 60, quando as paróquias em todo o país, se organizam, para promover uma renovação nos rituais católicos. A grande preocupação estava em favorecer a participação dos leigos nos movimentos da Igreja, produzindo um novo perfil de atendimento.

Nos anos 70, há os movimentos comunitários são estruturados em quantidade e variedade nas comunidades da paróquia e bairros de Campo Grande, como o bairro São

Francisco, contemplado com os movimentos de Educação de Base e as propostas das Comunidades Eclesiais de Base.

No entanto, essas comunidades já começam a sofrer as crises da renovação, no embate das identidades e alteridades sócio-políticas e culturais, entre as pessoas do próprio movimento e, inclusive, com a Igreja, nesse momento são intensificadas e até produzidas novas organizações comunitárias, no final dos anos de 70 e nos anos 80, perpetuando-se a partir da permanência de tradições e reformulações nas representações franciscanas.

As questões pertinentes ao contexto da modernidade propiciaram novas necessidades no campo das religiões, dessa forma a Igreja teve que repensar suas tradições e inovar sem, no entanto, abrir mão de características consideradas fundamentais e sagradas. No processo de renovação católica, a América Latina vivenciou e provocou debates e reflexões, que propiciaram certos avanços, idéias e valores elaborados nos concílios e nos encontros e relatados em documentos considerados marcos históricos da renovação católica, como por exemplo, o Concílio Vaticano II(1962-1965), a Conferência Episcopal de Medellín (1968), a II Conferência Latino Americana (1978), em Puebla, e o Plano da Pastoral de Conjunto /PPC (1966-1974).

Desses documentos, já se apontaram diversos aspectos considerados avanços e renovações nas questões religiosas católicas como, por exemplo, as inovações nos rituais sagrados, agora realizados na língua oficial do Brasil, sendo permitidas variações culturais, como arranjos musicais, objetos, encenações, também se observam as reformas no altar e a constante presença do Santo padroeiro na paróquia São Francisco de Assis.

Em cada bairro, foi plantada uma igreja e em cada paróquia vários movimentos<sup>75</sup> católicos congregando crianças, jovens e adultos, em torno das ações desenvolvidas pelos clérigos e leigos cristãos. E como não só de pão vive o homem, nas relações sociais vão se estabelecendo as identidades e as alteridades, formando redes humanas, onde as representações tomam lugar de destaque, perpetuando tradições e renovações, que são institucionalizadas, tornando-se verdades na memória, produzindo no imaginário o cenário da comunhão fraterna.

As representações nascem e são resignificadas nas relações sociais, para atender as necessidades da instituição, ou do grupo que partilha de determinadas intenções, não são gratuitas ou em vão, embora possam passar por “verdades absolutas”. Devem ser refletidas e desveladas, só assim se chega ao conhecimento. Dessa forma, imagens, registros escritos

---

<sup>75</sup> Os movimentos sociais podem ser concebidos como desagregação e violência social, mas também podem ser compreendidos como desaguadouros de demandas sociais da população não institucionalizados ou dos excluídos da sociedade.

e discursos orais, podem estar carregados de representações, como no caso da religião e da política, que manipulam os fiéis ou dominados, para que realizem sacrifícios em nome de promessas divinas, mas que, na verdade, só promovem os poderosos e as instituições. Sobre isto Lefebvre nos diz:

La tragedia política retiene las conspiraciones del poder, liberadas de los rituales mágicos y religiosos. Recupera sulado sacrificial: la amenaza infligida a los poderosos por los que están bajo su dominación. Muestra a la vez delirio del poder y sus razones. Coloca em el centro de la acción dramática el poder con lo que supone e implica (LEFEBVRE, 1978, p. 85).

Líderes religiosos podem adquirir poderes divinos que homens comuns não podem ter, julgam-se poderosos e agem como senhores da razão decidindo o que convém aos seus súditos. Embora a Igreja tenha aberto suas portas para os leigos entrarem, as cadeiras estão marcadas e a voz e a vez ainda é da Instituição.

Por outro lado, os grupos podem ser fortalecidos pela vontade e necessidade da comunidade, por estarem, de certa forma, amalgamados como pessoas que partilham de identidades e de desejo de fusão, ou seja, desejos de estarem juntos, partilhando idéias e ações que acabam por tornarem-se praticamente independentes da presença de um clérigo ou até da Instituição Católica, intermediando e tomando as decisões. Assim, o poder que estava centrado nas mãos da Igreja é partilhado ou permutado com o leigo. Algumas Comunidades de Base, embora continuem caracterizadas pela religiosidade, vivem de certa forma à margem da Igreja, desenvolvendo atividades com a comunidade.

Esse capítulo, mostra como se formaram as relações sociais entre os leigos, nas comunidades, e os franciscanos, na paróquia São Francisco de Assis, refletindo como os movimentos comunitários na paróquia vão se transformando e adaptando-se às novas diretrizes da Igreja, produzindo as renovações nas relações do grupo com a vivência da fé cristã, passando de uma linha mais social para uma mais espiritualista, permeadas pelas representações franciscanas.

Para tanto, o contato com duas comunidades da paróquia, foi importante, pois proporcionou reflexão sobre questões essenciais abordadas ao longo do texto.

O mundo predominantemente urbano, com grandes cidades, marcado pelo desenvolvimento dos anos 70 e 80, não se caracterizou por um conjunto organizado de vida humana qualitativa para todos, mas pareceu, muitas vezes, mais um aglomerado de gente.

As pessoas das cidades vivem cada vez mais a marginalização e a exclusão, em conseqüência da pobreza, produzida no sistema capitalista, que gerou má distribuição de

rendas, com a exploração de mão de obra da população, provocando riqueza para alguns, miséria para outros.

O mundo moderno ao mesmo tempo, possibilitou o desenvolvimento industrial e tecnológico, a comunicação, a quebra de alguns tabus e a renovação de tradições, também produziu uma sociedade *desencantada*, problemática e fragmentada, tornando-se um substrato importante para o campo das religiões.

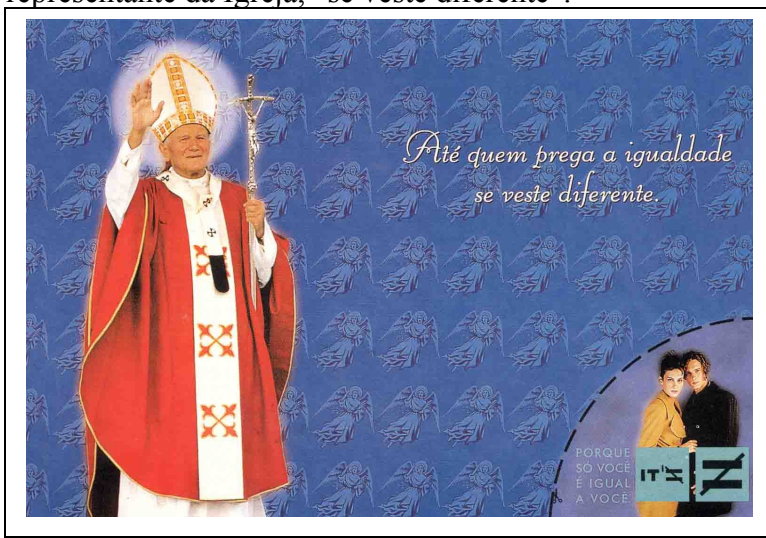
Nessa realidade complexa e difícil, as religiões são vistas como fornecedoras de soluções, como prestadoras de serviço, onde o trabalho missionário é justificado pela propagação da revelação de Deus e na promoção de serviços de cunho social. O problema é que no mundo da fé, à luz do evangelho, as pessoas têm multiplicidade de opções de construções religiosas.

O caminho proposto por muitas Igrejas cristãs, na sua relação com o mundo moderno, acentua dimensões da modernidade, confundindo com aquilo que ela tem de pior, transformando as práticas pastorais em estratégias de consumo. Assim a fé cristã passa a ser encarada como um produto superficial a ser vendido no mercado.

A proposta salvadora de Jesus Cristo, na modernidade, fala de modo atraente e contagiante a um cliente, dessa forma a instituição necessita investir nas estratégias de marketing, utilizando como recursos a imagem, a comunicação e o discurso publicitário.

Assim, como a publicidade de produtos faz analogias com a imagem do papa, como por exemplo, o “papa é pop”, como falam os versos da música popular brasileira dos anos 80, dos *Engenheiros do Hawaii*<sup>76</sup>, e observa-se em cartazes de publicidades de roupas de marca (fig. N<sup>o</sup> 31), cujo slogan, provoca o público, com as palavras: “Até quem prega a igualdade se veste diferente”.

Pois, afinal de contas, o que não é produto na sociedade de consumo? As identidades são reconstruídas a todo o momento, bombardeadas pelas informações e influenciadas pela mídia que produz o modo de ser, a partir dos ídolos, como o próprio Papa que, embora pregue o discurso da igualdade entre os povos, também como representante da Igreja, “se veste diferente”.



rock dos anos 80. Disponível em:

### **31. Imagem de João Paulo II, utilizado para publicidade de uma marca de roupas**

**Fonte: Anuário de publicidade 1987**

Os produtos religiosos também são carregados de representações que atraem e hipnotizam as multidões com promessas em nome de Deus, dos santos, dos valores, dando forma à ideia da família e outros mais. Lefebvre comenta o poder das representações produzidas pelas instituições de poder, com os recursos da propaganda:

Quando la propaganda realizada por la aparatos de Estado y la policía se identifica, cuando el sistema se perfecciona y puede adelantar-se a las eventuales críticas, el poder de las representaciones parece invencible. (...)

Si se las arregla bien, un poder político puede utilizar las representaciones admitidas, modificadas, desplazarlas y e ser preciso, remplazarlas. La historia de Latinoamérica da muestra de tal proceso de brutal desviación. Cómo se realiza y cómo se termina semejante estrategia global? Por medio de la identificación de un valor eminente - moral y si es posible religioso - y una dominación efectiva, un poder activo. En ese sentido, una sociedad consiste efectivamente en una jerarquía de juicios de realidad y de moralidad, en una arquitectura de representaciones y de valores que se realizan en la práctica (LEFEBVRE, 1978, p.79).

Assim, as representações dão sentido à realidade, produzem juízos de valor e moralidade, que se concretizam nas práticas de dominação cultural, política e/ou religiosa.

As comunidades religiosas são formadas por grupos que partilham identidades e alteridades.

Na modernidade a identidade pode ser considerada fantasiosamente, pelas pessoas como fixa e sólida. Na verdade, segundo Bauman (2001) ela é fluída, frágil e fragmentada, constantemente dilacerada nas relações sociais, nas vivências do cotidiano. No comércio de ilusões, principalmente através das mídias, são oferecidos produtos que propõem construir e solidificar as identidades, como a liberdade, porém só somos “livres” quando compactuamos com a forma de vida vendida pela sociedade de consumo. Então, produzimos identidades com os outros, estruturamos a sociedade, compartilhamos desejos, valores, expectativas, sonhos construídos pela ilusão da liberdade de escolhas.

A identidade social é elaborada a partir do discurso de elementos integradores como: democracia de base, livre organização, autogestão, direito à diversidade, respeito à individualidade e a identidade regional. A idéia é que há uma liberdade individual associada à liberdade coletiva, que se nutre do sentimento de exclusão e de injustiça e que está sempre em busca da defesa dos direitos sociais.

A comunidade é, hoje, a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio. (...) a comunidade é um bom argumento de venda (BAUMAN, 2001, p. 108).

A comunidade é um território vigiado de perto, onde as pessoas devem ter o cuidado de não realizar coisas que desagradem aos seus membros, correndo o risco de serem punidos. Os que não optam por fazer parte da comunidade são excluídos e até hostilizados. Na vida urbana, quando estranhos se encontram, devem seguir à risca com regras pré-estabelecidas pelo grupo, em nome da civilidade, isto é:

A atividade que protege as pessoas umas das outras, permitindo, contudo, que possam estar juntas. Usar uma máscara é a essência da civilidade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder. Do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. A civilidade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com nossos pés (SENNETT IN: BAUMAN, 2001. cap. 3, p. 112).

No processo de identificação, as pessoas no grupo, vão se estabelecendo teias de relações sociais: grupos, favorecendo um pertencer múltiplo. Os rituais como a religião, agem sobre os membros de um grupo que, imitando o outro, adquirem um desejo de fusão, uma empatia – um viver orgânico onde os indivíduos se fortalecem em conjunto pelo prazer de pertencer, fortalecendo o corpo social (MAFESSOLI, 1996, p. 310).

Dessa forma, vários elementos que fazem parte do processo formação da comunidade são institucionalizados como: o sentimento de pertencimento; a territorialidade (geografia e/ou simbólica); a permanência; o sentimento de comunidade; o caráter cooperativo, a emergência de um projeto comum e a existência de formas próprias para a comunicação.

O sentido de pertencimento pode ser considerado como uma característica básica para a constituição da comunidade. Entre os seus participantes é preciso esse sentimento de ligação, de participação, possibilitando o caráter cooperativo, as ações organizadas e os projetos comuns.



Os laços de pertencimento dos indivíduos não são estabelecidos através de suas raízes, eles são provocados pelo bombardeamento de informações dos meios de comunicação e interação entre pessoas com diferenças culturais, que necessitam de um elo simbólico para fortalecer a união entre eles e a idéia de permanência. Esses “elos” podem ser estabelecidos pela figura do santo padroeiro, por exemplo. A existência de um meio próprio de comunicação entre seus membros – como murais, boletins, jornais, cartas, telefone, rádio, televisão, ajudam na integração e na distribuição de informações para todos, reproduzindo idéias, valores e sentimentos que devem ser compartilhados por todos.

A religião em um país de imigrantes, provenientes de diferentes culturas, como o Brasil, em especial o antigo sul de Mato Grosso, pode produzir a idéia de proteção da identidade e de acolhimento. Para possibilitar a convivência e a união entre aos leigos nas comunidades católicas constituídas pelas alteridades sócio-culturais, tornou-se consenso na Igreja, a necessidade de uma nova compreensão da liturgia, como ato representativo das diferentes culturas existentes em nosso país. Contemplando as expressões litúrgicas e hinológicas, adaptando os templos religiosos, em espaços de adoração mística cristã, incentivou-se o uso de símbolos litúrgicos com diferentes objetos, flores e cores, que respondiam às diversas necessidades e realidades da igreja no contexto da modernidade.

A Igreja Católica transformou suas relações com a sociedade, produziu novas formas de conceber os movimentos formados pelas comunidades cristãs, firmou a identidade católica na Teologia da Libertação e nas Comunidades Eclesiais de Base / CEBs.

No final dos anos 70, o país, urbanizado, e fragmentado socialmente começou a viver o processo de redemocratização, período conhecido como a *Era da Participação*, pois a sociedade civil ganhou mais autonomia participativa, distanciando-se, aos poucos, da dependência do Estado e engajou-se em movimentos fundamentados na Teologia da Libertação. Propôs uma leitura histórica da morte e ressurreição de Cristo, numa retomada da tradição messiânica de origem judaica, desenvolveu uma visão social das promessas cristãs de salvação.

A Igreja Católica, por meio das Comunidades Eclesiais de Base/ CEBs produziu um discurso mobilizador e unificador, utilizando-se da categoria “pobre”, sedimentou a unidade entre os excluídos do desenvolvimento, usando um discurso fundado em um projeto de sociedade democrática, constituído pelo povo, principalmente, os “desprovidos do ter, do poder e do saber”. Discurso que passa a evocar a representação da pobreza, na imagem da Sagrada Família, por meio da figura de Maria, José e do Menino Jesus, pobres

e desamparados, produziram identidades com a família dos pobres do reino do Senhor Jesus. Esse modelo, encontra sua expressão máxima na periferia das cidades. As CEBs, que se constituíam em pequenos grupos articulados e solidários, com o envolvimento do trabalho de agentes pastorais, animadores de comunidade, padres e membros de ordens religiosas, tiveram início em 1965, no Brasil, pelo Plano de Pastoral de Conjunto no Episcopado Católico<sup>77</sup>.

Para o povo que se encontrava à margem da sociedade de consumo, essa forma participativa nas CEBs, significou a oportunidade de reconstrução de suas identidades e sociabilidade, constituindo-se, novamente, em cidadãos que vivem a solidariedade comunitária, organizados para enfrentar o sistema capitalista, transformando a sua própria realidade, com consciência de seus direitos.

Após o engajamento da Igreja mais progressista na luta pela redemocratização, os movimentos ligados às CEBs começam a dividir espaço com outras propostas religiosas. Uma delas foi a Renovação Carismática Católica (RCC), movimento que nasceu nos EUA e chegou ao Brasil em fins dos anos de 1960, que, embora tenha se originado nas camadas médias da sociedade, foi absorvido pela massa, popularizando o catolicismo.

O outro movimento é o Neocatecumenato, surgido em 1964, na Europa, chegou ao antigo sul de Mato Grosso, no final dos anos 70. Esses dois últimos movimentos o RCC e Neocatecumenato, são, de certa forma, diferentes das CEBs, pois surgiram da linha mais tradicional e espiritualista.

### **3.1. Fraternidade e Comunidades - construindo novas relações sociais, impostas pelo contexto da modernização da cidade.**

A realidade social urbana da paróquia São Francisco de Assis, ao longo dos anos 70 e 80, sofreu transformações significativas. As comunidades <sup>78</sup> pertencentes à paróquia cresceram em número de pessoas e encontravam-se em sua grande maioria, localizada em bairros da periferia de Campo Grande, isto é, na zona urbana da cidade, apenas algumas na zona rural.

---

<sup>77</sup> No I Encontro Nacional de CEBs (1975), em Vitória (ES), contabilizaram-se 50.000 delas em todo o país. Cinco anos mais tarde, o número de CEBs passou a ser 80.000.

<sup>78</sup> Na Paróquia São Francisco de Assis, ao longo dos anos 70 e 80, foram se multiplicando a ponto de formarem 23 comunidades, dentre elas: São João Batista, Santa Clara de Assis, São José Operário, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Palomeras, Santo André, Patronato São Francisco, Nossa Senhora de Nazaré, Monte Alverne, Santa Rita, Santo André, Santa Izabel da Hungria, Santíssimo Sacramento, Comunidade Rural Cristo Rei, Conjunto José Abraão, assentamento Conquista e Santa Inês e a Matriz.

Os membros das comunidades partilhavam dos benefícios e problemas de pertencer a uma cidade que havia crescido consideravelmente. Nos anos 70<sup>79</sup>, a cidade já despontava como importante “capital econômica”<sup>80</sup>, no Estado, concentrando algumas fábricas e um intenso comércio.

O desenvolvimento urbano acelerado fez surgir bairros, muitas vezes, sem planejamento urbano adequado, instalaram-se depois, hospitais, escolas, bancos, abrem-se avenidas asfaltadas, ligando a cidade de um extremo ao outro.

As Avenidas Afonso Pena e Mato Grosso, tornaram-se cartões postais da cidade, uniram o Parque dos poderes - centro político-administrativo do Estado, aos bairros da cidade. “São mais de quinhentas mil almas, vindas de todos os cantos, na busca do propalado eldorado modelo que sonharam os divisionistas” (COSTA, IN: 100 ANOS DE CAMPO GRANDE, 1999, p. 81).

Nos anos 80, o núcleo central da cidade de Campo Grande começa a perder espaço para a vida nos bairros, motivado pelo comércio local, estrutura física como escolas, hospitais e associações comunitárias da periferia. Alguns bairros tornaram-se maiores que alguns municípios do interior do Estado. Por outro lado, são construídos os shoppings, que de certa forma vão substituindo os antigos pontos de encontro nas praças públicas centrais, por estes espaços fechados, que fornecem produtos, serviços e lazer em um mesmo local, considerados seguros, onde as pessoas parecem pertencer a uma mesma comunidade, mesmo sem conhecerem umas as outras.

Nos bairros são construídos templos das mais diversas religiões, competem com os espaços de lazer da modernidade e umas com as outras em busca dos fiéis. As comunidades nas paróquias católicas nos bairros tem que inovar para permanecerem no mercado do sagrado. A Igreja Católica recomenda que as paróquias se transformem em comunidades de fé, vivas, dotadas de espírito familiar, renovando a vida religiosa como uma comunidade próxima de Cristo (ELSING, 1988, p.41).

Na paróquia São Francisco de Assis, a relação com a comunidade de leigos, no início dos anos 70, não era mais a mesma. O atendimento que havia se concentrado mais

---

<sup>79</sup> Em 1977, o governo federal assina a Lei Constitucional nº 31 criou o Estado de Mato Grosso do Sul, tornando Campo Grande, a sua capital. e Harry Amorin Costa, seu primeiro governador.

<sup>80</sup> Neste período foi criada a Universidade Estadual (1972), hoje Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, atraindo mais jovens para estudar na região sul do Estado. Campo Grande contava com quinze instituições culturais, como a Casa de Cultura (1970) que pertencia a Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso e era formada pelo Museu Regional do Índio, pelo Cine - Teatro Dom Bosco e pela Biblioteca Central; a Associação Artística de Campo Grande; a Academia de Letras e o Museu Jose Antonio Pereira e o Centro Cultural José Otavio Guizzo (1984). Estes lugares foram considerados pontos de encontro para apreciar as apresentações culturais da cidade.

nas áreas urbanas, com a população crescente das colônias, nas cidades, produzem novas necessidades aos franciscanos. Segundo Knob, os franciscanos tiveram que se adaptar às novas linhas propostas pelo Plano de Pastoral Nacional de Conjunto, em especial, ao trabalho catequético, pastoral familiar e da juventude.

Na pastoral paroquial foi dada maior importância à evangelização e à preparação para os sacramentos, substituindo as antigas associações religiosas pelos movimentos pós-conciliares como o Movimento Familiar Cristão, os Cursilhos, a Legião de Maria, o Neocatecumenato, as Comunidades Eclesiais de Base e os Movimentos de Jovens (KNOB, 1988, p. 117).

Ocorre mudança na forma de atendimento dos sacerdotes franciscanos à comunidade, passam a promover um clima para uma maior participação, intensificando o trabalho com as famílias, enfatizando o carisma, as lideranças leigas, os ministérios e as vocações religiosas.

A nova pastoral, segundo Frei Jorge Elsing (1983, p.40)<sup>81</sup>, exigia dos missionários conhecimentos mais concretos da nova realidade, além de outra convivência comunitária, atualização em questões teológicas e mais sensibilidade na formação religiosa de uma sociedade culturalmente mais desenvolvida. Houve um esforço coletivo entre bispos, padres e freis para executar o “Plano para Colaboração Pastoral”, que propunha a “cura das almas” através da “unidade eclesial visível – ação missionária - catequese, ensino e reflexão teologia – liturgia – ecumenismo - povo de Deus como fermento do mundo”. Comenta que os grupos centrais de pastorais, formados por meio das Comunidades Eclesiais de Base, ou seja, “de fé, de amor, em círculos facilmente supervisionáveis” pela sua religiosidade, tornaram-se importantes como “elementos de renovação” na paróquia.

Observa-se no discurso católico que, embora as CEBs fossem importantes, por estarem colaborando no processo de evangelização em vários aspectos, como ação missionária, formação de grupos e lideranças católicas, fortalecimento da família cristã, ação social e outros, havia uma dificuldade grande da própria Igreja, nesse caso, a fraternidade franciscana, de lidar com comunidades participativas, e, por isso, deveriam torná-las facilmente supervisionáveis.

Devido às dificuldades de organização e atendimentos dessas comunidades por parte da fraternidade, a renovação pastoral, por meio das CEBs, deveria ser realizada nas

---

<sup>81</sup> ELSING, F J. *Aspectos Históricos da Custodia Franciscana do Mato Grosso*. In: Boletim de Comunicações, Ano XVIII, 1983, n<sup>o</sup> 1, p. 14 - 15.

paróquias de “caráter progressista urbano”, onde havia “estruturas sociais elevadas”, pois os relacionamentos sócio-humanos das famílias do interior eram, ainda, muito “fracos” e não possibilitavam “bases sólidas” para essas comunidades. Eram “grandes os empecilhos que devem ser superados”, nesse começo, tanto para os fiéis como para os sacerdotes que tinham pouca experiência “na cura das almas em grupos” (ELSING, 1988, p.170).

Nesse momento, as representações franciscanas tornam-se importantes aliadas dos freis para criar laços de identidades entre os mesmos e a comunidade, facilitando o trabalho missionário de fortalecimento dos grupos, das lideranças, congregando famílias, jovens e adultos, para o trabalho a ser desenvolvido na paróquia. O povo que era atendido pelos franciscanos nas comunidades que formavam a paróquia São Francisco de Assis, era, na sua maioria, chamados de “colonos”, estrangeiros, principalmente, europeus como os primeiros freis alemães que formaram a paróquia nos anos 50. Segundo os franciscanos, os colonos buscavam ascensão social, em Mato Grosso do Sul, tentavam dar aos filhos um pequeno capital, para começarem a vida.

O atendimento pastoral mudou por conta da imigração de pessoas vindas de várias partes do país e também de fora. Segundo os franciscanos:

Durante longos anos, os Franciscanos estiveram quase inteiramente a serviço do homem simples do sertão, gastando seu tempo e suas energias nas penosas viagens a cavalo nas imensas paróquias a eles confiadas. Essa situação mudou completamente, quando o Estado do Mato Grosso foi aberto à colonização. Houve grande crescimento da população, uma verdadeira explosão demográfica, através da rápida imigração de famílias do Nordeste, como também dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Muitos desses imigrantes trouxeram conhecimentos de agricultura, maquinaria, fertilizantes e, acima de tudo espírito do progresso que criou um clima de relacionamento social e convivência humano. Não é mais o sertanejo que caracteriza o mato-grossense de hoje, mas são as famílias de imigrantes, com suas experiências de vida, vontade de progredir e sede de aprender. Outra importante modificação na estrutura da população deu-se através da rápida formação de cidades e núcleos habitacionais maiores. Todas essas transformações na estrutura social da população tiveram naturalmente sua profunda repercussão na pastoral. Em lugar de uma pastoral extensiva dos primeiros tempos, que atendia o sertanejo do interior e que criou o tipo do padre missionário das desobrigas, precisava ser criada uma pastoral nova, mais intensiva, a serviço da crescente população nas colônias e cidades. Essa nova pastoral exigia dos missionários conhecimentos mais concretos da nova realidade, de outra mentalidade e de outras formas de convivência comunitária, maior interesse e atualização em questões teológicas, mais sensibilidade na formação religiosa de uma sociedade culturalmente mais desenvolvida (KNOB, 1988, p.116).

Observa-se ao longo do discurso franciscano a ênfase dada à importância do imigrante para o desenvolvimento sócio-cultural da região e também para a formação comunitária na paróquia, pois constroem identificações com eles, justificando a própria

presença no campo de missão. Elsing (1988) reforça as qualidades do colono dizendo que “conhece o valor da colaboração comunitária e quanto a religião tem melhor formação”, enfatiza o quanto é comprometido com a comunidade católica:

(...) Em uma colônia há três anos encontrei condições quase do tempo da igreja primitiva: reinava harmonia, e união entre esse grupo de pessoas; ajudavam-se mutuamente na construção das casas e em todos os empreendimentos. preparam com muito gosto o cemitério comunitário, e uma grande construção de madeira que servia como escola e capela (ELSING, 1988, p. 167).

Os discursos são permeados de representações, que exaltam no determinado contexto, qualidades de uma parcela da população chamados de “colonos”, que formavam e fortaleciam as comunidades na paróquia São Francisco de Assis, tornando-se importantes para a fraternidade, como exemplo de fé, participação e dedicação nas construções físicas (cemitérios, capelas).

Essa população é considerada elite, a quem a fraternidade passa a dar um atendimento mais próximo, em detrimento do resto da população.

### **3.1.1. Os primeiros movimentos na Paróquia Franciscana identidades e alteridades, conflitos e unidade nas CEBs**

As Comunidades Eclesiais de Base encontravam-se pulverizadas por todo o País, realizavam a evangelização e a promoção social. Esse projeto comunitário foi uma realização de leigos e fiéis junto à Igreja interferiu na periferia das cidades, organizou as comunidades carentes ou propiciou-lhes os serviços básicos, como educação, saúde, qualificação profissional e doutrina evangélica católica.

As CEBs, no antigo sul de Mato Grosso, foram implantadas em 1972, como prioridade do Plano da Diocese de Campo Grande<sup>82</sup>. Padre Ubajara foi o grande incentivador da formação das primeiras comunidades, segundo ele, “expõe o caminho da criatividade comunitária para a Implantação das Comunidades Eclesiais de Base. O Bispo aprova este caminho” (LIVRO TOMBO DA ADCC, 1972, p.10).

Antes de serem implantadas as CEBs, havia na Diocese de Campo Grande o Movimento de Educação de Base/ MEB, que se originou nos anos 60, das experiências

---

<sup>82</sup> Em Campo Grande, em 1998, aconteceu o Primeiro Grande Encontro de Cebes de Mato Grosso do Sul, com a participação de cerca de 500 animadores. O lema do encontro foi: A Caminhada das Cebes ontem, hoje e amanhã (CARTILHA DAS CEBs- ADCG- 1998).

com o ensino, realizado através do rádio. O movimento foi apoiado na região Centro – Oeste, pela CNBB, através do plano de movimento educativo de âmbito nacional e Governo Federal, via Ministério da Educação.

Em 1971, ocorreu um treinamento de formação de uma equipe em Campo Grande, que promoveu, principalmente, o *agrupamento, evangelização* e a *escolaridade*, atingindo em 1972, 9 municípios e 42 núcleos, com mais de 56 cursos profissionalizantes em funcionamento (CASTILHO, 1997, p. 190). A evangelização ocorreu na região sul do antigo Mato Grosso, através da Rádio Educação Rural/RER, diariamente, pelo bispo, com mensagens tiradas da vida real, e também nos grupos de jovens e de casais, com cursos bíblicos e catequese.

Para tanto, foi realizada a grupalização, um dos processos educativos iniciais que promoveu a formação de grupos comunitários, quando as pessoas da própria comunidade (os líderes) foram chamadas para coordenar a participação de todos nas ações desenvolvidas. Esses grupos deveriam agir no próprio ambiente, intervindo nas carências comunitárias, promovendo o desenvolvimento das mesmas, mais tarde, tornaram-se CEBs.

Consideram-se as CEBs, na sua formação inicial, na diocese de Campo Grande, comunidades da Igreja Católica, pois as pequenas comunidades nasciam nas famílias, nos bairros, formadas pelo povo, que buscava a construção da fraternidade, ajudando-se mutuamente, contemplando os 4 pilares básicos: fé, celebração, comunhão e missão. As pessoas que faziam parte dessas comunidades recebiam treinamento no Instituto Regional de Mato Grosso/IRPAMAT<sup>83</sup>, e em 1977, foi realizado o primeiro encontro de “animadores das CEBs”, os quais propunham um trabalho integrado através de um plano a ser desenvolvido em conjunto. Na diocese de Campo Grande, D. Antonio Barbosa, Pe. Ubajara e Pe. Fabiano realizaram os cursos para que os cristãos participassem das CEBs.

O desenvolvimento das CEBs caminhou lentamente, o auge de sua realização, em Mato Grosso do Sul, aconteceu nos anos 80 e início dos anos 90. Segundo Castilhos (1997), Dom Antonio esperava que essas comunidades renovassem a fé, conhecessem os direitos como cidadãos e tivessem a vivência de uma ação missionária de comunhão e participação comunitária. O método utilizado era o mesmo de outras regiões do país, ou seja, ver a realidade dos seus problemas, julgar à luz da palavra de Deus e agir a partir da reflexão para poder realizar as ações na própria vida.

---

<sup>83</sup> Era uma escola de formação catequética e pastoral construída (1971) com a ajuda financeira da Província Franciscana da Alemanha. Os franciscanos doaram o prédio, o terreno e colaboradores para auxiliar no funcionamento do instituto.

Nas cartilhas das CEBs, produzidas pela Diocese de Campo Grande, encontram-se as orientações de organização das comunidades nas periferias ou bairro da cidade. O método utilizado era desenvolvido, em partes, ao longo das reuniões dos grupos. O primeiro momento era o da oração, depois havia um espaço para partilhar experiências e refletir sobre a realidade e, logo após, eram discutidos os encaminhamentos para transformar aquela realidade.

Observa-se o seguinte relato de uma situação ocorrida nas CEBs, quando, pelo exemplo do *animador*, outros deveriam se identificar formando e fortalecendo o grupo, pelos mesmos ideais:

Catarina, uma mulher meiga e simples, é moradora de um bairro da periferia desta cidade. Em 1987, começou a participar de grupos; com a ajuda dos freis capuchinhos, procurou estudar e aprender o que são CEBs. Logo se tornou animadora, depois coordenadora da comunidade local, e em seguida passou à coordenação paroquial de CEBs. Participou do último encontro Intereclesial em São Luis do Maranhão. Voltou muito animada, “cheia de sonhos”. Já está na coordenação diocesana e regional. Neste início de ano foi eleita e indicada para a Equipe Ampliada Nacional (...) Com toda caminhada, continua sempre meiga, humilde, servindo a todos e cada dia mais dedicada ao projeto de Jesus Cristo. Na comunidade Rainha dos Apóstolos, da Paróquia S. Judas Tadeu. Ela continua animando o grupo, ainda tem tempo para as duas filhas adolescentes e o esposo (CARTILHA DAS CEBs - ADCC - 1998, p. 6).

O relato produz uma situação ambígua, pois Dona Catarina é descrita como uma pessoa simples, definindo que qualquer pessoa do povo pode formar o movimento na chamada base familiar, ao mesmo tempo, sua ação, só é possível pela presença missionária ativa do clero, no caso, os capuchinhos.

A pessoa envolvida em tais ações cristãs ganhava *status*, galgando degraus dentro da hierarquia católica, sem perder, porém, a essência popular e sem deixar de ser o que deveria “ser uma mãe e esposa dedicada, mas também serve, servindo a todos, e ao projeto de Jesus Cristo”.

Observa-se que, embora a Igreja permita o movimento renovador no seu interior, pela participação ativa e popular dos leigos, e dela se alimentem, promovendo a legitimação e permanência, os dois elementos, leigos e clero, convivem estruturados em uma relação institucionalizada tradicional, não podendo escapar de estruturas formais e de mecanismos de regulação e de poder da própria Igreja.

Essa reflexão se torna, ainda, mais importante, ao observar que a posição de Dona Catarina foi gerida no espaço religioso católico, como uma representante da mulher na sociedade, marcando a discussão sobre o “não lugar das mulheres” e sua busca de mobilidade no espaço do poder católico.



Segundo Marcos Antonio Torres<sup>84</sup>, ao longo da história da Igreja, as mulheres tiveram sempre uma presença marcante como teólogas, biblistas, filósofas, antropólogas entre outros. Porém, nos documentos pontifícios, como a carta intitulada *Mulieres Dignitatem*, escrita por João Paulo II, as mulheres são tratadas como “(...) santas mártires, de virgens, mães de família, que corajosamente deram testemunhos de sua fé e educando seus próprios filhos, o espírito do Evangelho, transmitiram a mesma fé e a Tradição da Igreja” (DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS, 1996, p. 9).

A posição da Igreja é de pregar um modelo patriarcal, por meio de um discurso sexista com relação à participação da mulher na esfera católica, desconsiderando que, em muitos casos, homens e mulheres questionam esta situação, onde em muitos casos a mulher, nas CEBs, esteja sempre presente em número maior e de forma mais ativa.

A Igreja pôs a mulher em uma posição que não lhe possibilita migrar do espaço que a ela foi destinado pela sociedade tradicional, ou seja, conforme o autor, estaria forjada a sua identidade a “um trabalho menos valorizado da esfera social, demonstrando assim os obstáculos que ela enfrenta para desfrutar de sua cidadania dentro do catolicismo” (REVISTA MAL - ESTAR E SUBJETIVIDADE, FORTALEZA Nº 1, 2005, p 151).

Esses modelos, nas relações sociais, dentro da comunidade, são reproduzidos como discursos renovados, promovendo, porém a transmissão de valores e práticas tradicionais de uma geração a outra, através de exemplos identitários a serem seguidos.

Dona Catarina, no contexto em que se faz a reflexão, foi considerada, pelo grupo das CEBs, segundo relato na cartilha, uma “animadora”, seria “como o eixo de um carro, ele fica escondido, mas faz a roda girar, como o carro à comunidade sem o Animador, não consegue caminhar”. Ela não trabalha sozinha, divide tudo em comunidade, mas é encarregada de criar um ambiente propício para o crescimento das pessoas, seu objetivo “é servir não mandar” (CARTILHA DAS CEBs - ADCC - 1998, p. 6).

Dessa forma, Dona Catarina é considerada uma peça fundamental na formação e fortalecimento do grupo das CEBs, no entanto, não se deve esquecer, conforme a cartilha, de suas *qualidades essenciais, de ser meiga, humilde e cumprindo com seus deveres de mãe e esposa (grifo nosso)*.

Pelas qualidades da animadora, ela deve, ser uma pessoa comprometida com o projeto de Jesus: justiça e igualdade, não aquele que impõe ordens, mas o líder que estimula a participação e convivência na comunidade. “O Animador é aquele que está

---

<sup>84</sup> TORRES, M. A. *Antagonismos entre o magistério católico e a conquista de mulheres católicas a partir da teoria do discurso..* Disponível em: <<http://www.unifor.br/notitia/file>> Acesso em: 22 mai 2006.

procurando aprender, participando de encontros de formação, lendo livros e documentos da Igreja” (CARTILHA DAS CEBs - ADCC - 1998, p. 7).

A formação dos animadores foi sempre uma preocupação das CEBs, pois, a partir dos líderes, outros se identificavam, formando e fortalecendo o grupo comunitário para ação transformadora. A idéia dos movimentos cristãos de base, produzidos pela relação entre a Igreja e as comunidades de leigos, espalharam-se no mundo todo, com a função de atingir as pessoas, estabelecendo comunidades participativas cristãs também no antigo sul de Mato grosso.

Nos discursos construídos nas cartilhas das CEBs, observa-se que, embora a presença ativa do leigo nas comunidades pareçam inovadoras, as idéias e valores embutidos nela, perpetuam tradições. A proposta desenvolvida não condiz com a idéia de comunidades como “motores de libertação” promovida em Puebla, percebe-se, também, que não atende à proposta da “Teologia da Libertação”.

Segundo Boff (1981, p. 209 a 216), para se apreender o fenômeno das comunidades eclesiais de base, faz-se necessário observá-la engendrada a partir de alguns pontos essenciais. Dentre eles, é necessário compreender que a CEBs não são apenas um meio de evangelização em meios populares, e sim uma maneira nova de ser Igreja, com características essenciais de comunidade e fraternidade. Elas são, porém, comunidades atuantes socialmente, um canal de mobilização e expressão popular, organiza trabalhos em conjunto que, às vezes, dão origem a movimentos populares autônomos contra a carestia, frentes populares partidárias, ou estabelecem articulação com os mesmos, os quais fornecem membros e lideranças, apoio e crítica. São trazidos para serem discutidas nas CEBs, todas as problemáticas que o povo sofre: desemprego, baixos salários, falta de serviços básicos, péssimas condições de trabalho e outros, agindo para formação libertária do povo e transformação da realidade.

Boff (1981) faz a reflexão sobre os problemas gerados pela Igreja nessa relação estabelecida nas CEBs. Uma das críticas é que, apesar de uma positiva descentralização da Igreja como comunidade, a hierarquia prevaleceu na maioria das relações do povo com a Igreja. Segundo o autor, esta postura deve, no entanto, ser repensada, dando a vez ao exercício da co-responsabilidade participada, pois os fiéis leigos são sensíveis a uma participação efetiva, onde se elaboram as decisões. Ainda pensando a respeito da Igreja, comunidade do povo de Deus, faz-se necessário, no nível da compreensão do povo, uma análise científica da realidade, ou seja:

(...) conhecer o que está atrás dos fenômenos. Exemplo: está aí uma favela e há pobreza. Científico é descobrir qual a causa objetiva que gera esta pobreza. Não é preguiça, nem falta de oportunidade, mas é uma forma de os homens distribuírem entre si o lucro do trabalho. (...) o pobre é um empobrecido, um subproduto da sociedade capitalista (BOFF, 1981, p. 226).

Dessa forma, era necessário realizar uma reflexão sobre o que gera a pobreza, levando a comunidade a entender os mecanismos da sociedade que possibilita cidadãos mais críticos, dando ao povo, através da espiritualidade, não o desespero, mas uma práxis que liberta. Através dessas questões levantadas, a Igreja, no contexto da modernidade, precisou lidar com temas novos e pertinentes à modernidade. Temas vindos das ciências, da ecologia, da antropologia e de muitos novos movimentos sociais mundiais.

As comunidades, às vezes, reprimidas e perseguidas contam com a valorização da religiosidade popular e com seus santos. As manifestações simbólicas são as romarias, as festas típicas e a criatividade litúrgica com ritos, encenando o Evangelho e introduzindo objetos da sua regionalidade nas celebrações religiosas.

Essa transformação da realidade, pretendia uma sociedade mais justa e igualitária. A comunhão fraterna deve ser uma proposta para todos, incluindo, inclusive, o meio ambiente. Esse discurso tornou-se frutífero no final dos anos 70, perdurou anos seguintes.

Percebe-se na análise das cartilhas utilizadas nos encontros das CEBs, em Mato Grosso do Sul, que a participação dos leigos não ocorre de forma democrática, há sempre um jogo de forças e de poder que promove a Igreja, como instituição superior ao leigo que, embora seja convidado a participar, já é relegado ao seu lugar, pré-determinado, como observa no caso de Dona Catarina. A proposta das cartilhas difere da proposta da Teologia da Libertação, pois não promove a consciência do indivíduo, para se tornar “sujeito e não simplesmente objeto da história” (BOFF, 1986, p. 153).

A idéia pregada pelas Comunidades Eclesiais de Base era de deslocar a vida religiosa da Igreja do centro para periferia, compartilhando com a vida do povo simples, mostrando uma nova forma de ser solidário, plantando a fraternidade universal. Exercer como no caso franciscano o carisma e a ecologia social.

Leonardo Boff foi um dos propagadores das três ecologias, produzindo a idéia da relação harmônica do ser humano com todo o universo, disse que:

(...) reconciliando consigo mesmo (ecologia mental), o ser humano pode, sem coerção, conviver com seus semelhantes (ecologia social), e também com todos os demais seres (ecologia ambiental), realmente como irmão e irmã” (BOFF, 1993, p. 78).

Estas palavras remetem ao Santo Franciscano que, principalmente, nos anos 80, foi reconhecido, não só na Paróquia São Francisco, como um símbolo da fraternidade universal, mas, também, reconhecido mundialmente, passando à Santo ecológico que pregava, já no século XIII, a ecologia social. Voltou à cena, para atender as necessidades de um novo contexto histórico, as representações franciscanas resignificadas na modernidade.

A preocupação com a ecologia, no ano de 1977, passa a ser também o centro das preocupações da Diocese de Campo Grande. D. Antonio Barbosa afirmou ser este um tema profundamente fraterno. Segundo Castilho, D. Antonio organizou uma equipe liderada pelo Pe. João Righi, para coordenar a campanha ecológica na diocese de Campo Grande.

Em cada paróquia um casal coordenaria a campanha, integrado com a equipe central. O objetivo da campanha era despertar na população uma consciência de preservação da ecologia sul - mato-grossense: poluição da miséria, da riqueza, do ar, dos recursos naturais (pantanal) saneamento básico, moradia, saúde, educação (CASTILHO, 1997, p. 246 - 247).

No relatório sobre a Custódia de Mato Grosso para Fulda, em 1985, Frei Elsing (1988, p. 191) levantou a situação vivida com relação proposta pela Igreja latino-americana, que propiciou um questionamento entre a fraternidade de que, antigamente, a “concreta presença franciscana entre os pobres era uma característica da Missão, mas que agora está mais a serviço da camada da sociedade mais elevada”. Conclui que estaria faltando “criatividade franciscana”, deveriam, então, ser os primeiros a estarem prontos para uma “mudança de lugar social, na prontidão de querer repartir a vida com os empobrecidos”.

Percebemos que as representações franciscanas chamadas pela fraternidade, para atuar neste momento comungam com o contexto implementado nos anos 60, que embora de forma renovada, vão perdurar ao longo dos anos 70 e 80. Fala-se da busca da fraternidade às suas origens, em São Francisco de Assis, apropriando-se do discurso realizado pela Igreja, no intuito de produzir representações de aproximação para com os pobres e despertando o carisma que, tornou-se a marca e o elo de ligação da fraternidade com a comunidade.

Na paróquia São Francisco de Assis, frei Miguel Löfler<sup>85</sup>, nos anos 70, desenvolvia um trabalho como pároco, procurou estruturar as comunidades e nos movimentos de base de duas formas básicas, ou seja, nas comunidades rurais, nas capelas ou escolas, como por exemplo, na Fazenda Mato Grosso, com atividades variadas, como as missas dominicais, as novenas, os círculos bíblicos, a catequese, e outros.

A outra forma de organização desses movimentos foi realizada na cidade, concentrando as atividades, na sua maioria, na matriz de São Francisco de Assis, e, também, à noite, com missas nas casas das pessoas da comunidade, dos diferentes bairros pertencentes à paróquia. As primeiras comunidades organizadas foram Cristo Rei, no Aguão, Nossa Senhora do Rosário, nas vilas Santo André, Santa Luzia e na comunidade chamada Casa das Máquinas, nas proximidades da rua 13 de junho. Tratava-se de uma colônia japonesa que possuía um salão com máquinas; estas eram utilizadas para descascar arroz, o salão, para celebrar missas e reuniões.

Com o intuito de compreender melhor as representações franciscanas renovadas para produzir as relações entre as comunidades da paróquia e a fraternidade dos franciscanos, procurou-se conhecer mais de perto duas comunidades, a primeira é a Nossa Senhora do Rosário, também chamada de São Benedito, onde encontramos uma comunidade de afro-descendentes que viveram a experiência das Comunidades Eclesiais de Base e os conflitos com os franciscanos pelo espaço do sagrado.

A segunda Comunidade é da Palomeras, onde se desenvolve o movimento Neocatecumenato, que possibilita reunir pessoas de diferentes comunidades da paróquia, congregadas pelos mesmos ideais.

---

<sup>85</sup> Frei Miguel Löfler foi pároco na Paróquia São Francisco de Assis, durante o período entre os anos 70 e 80. Muitos registros históricos foram perdidos ao longo do tempo, por isso as entrevistas foram realizadas com os membros leigos e cleros da paróquia, para complementar os dados da pesquisa. No livro Tombo da Paróquia, “os acontecimentos da História da Paróquia de São Francisco de Assis anos 1971-1984, estão na pasta de avisos no Arquivo Paroquial”. Também consta no Livro Tombo que “Frei Miguel deu um breve histórico dos Conselhos Paroquiais de (1978-1984) na 12ª Assembléia Paroquial no ano de 1984” Como ambos registros foram perdidos na paróquia, Frei Miguel tornou-se uma testemunha importante deste processo.

### **3.1.2. Os franciscanos e a comunidade Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito: a disputa pelo espaço do sagrado**

A comunidade São Benedito<sup>86</sup> era formada por moradores afro-descendentes, localizados próximos à matriz, no Bairro São Francisco. Quando os franciscanos se constituíram como paróquia no bairro, a comunidade São Bendito já estava assentada, com sua - capela, cujo nome é o mesmo de fundadora - Tia Eva - construída para homenagear o Santo negro, São Benedito.

Entende-se o que aconteceu na época, através de relato dos moradores da comunidade, bem como utilizando informações do Livro Tombo, da paróquia e contando com a contribuição do Frei Miguel, que viveu a realidade do período.

Todos são unânimes em afirmar que houve muitos atritos entre a Comunidade São Bendito e os franciscanos, ou seja, com a Matriz, o que resultou de ambas as partes, um afastamento por um longo tempo.

Segundo frei Donato, “(...) era uma comunidade de negros muito tradicionais, e isto os levou a não quererem entrar na pastoral da Igreja e da caminhada da diocese”, ficaram por 15 anos sem os atendimentos religiosos dos freis, até que parte da comunidade os procurou, novamente, solicitando serviços ao Frei Donato, em 1988 (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1988, p.49).

Nesse ínterim, foi construída a capela de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (1967), com auxílio do Padre Luciano e dos diocesanos. Como o seminário ficava ao lado, então, a capela era utilizada pela instituição, prestava serviços religiosos à comunidade que desejasse participar das atividades religiosas próxima a suas casas.

É interessante chamar a atenção para a formação da dupla identidade da Igreja construída. Em respeito aos fiéis da comunidade, permaneceu como padroeiro o santo já consagrado, São Benedito<sup>87</sup>, a Igreja, porém buscou novas relações no espaço do sagrado. Tenta se impor e construir novas identidades com a comunidade, mas rebatizando a igreja com mais um nome, o da Santa Nossa Senhora do Rosário<sup>88</sup>.

---

<sup>86</sup> A Comunidade conhecida por São Benedito ou Tia Eva foi formada pelos descendentes de Eva Maria de Jesus, conhecida por benzedeira, rezadeira e milagreira. A ex-escrava nascida em Goiás, veio para cá, em 1905, quando tinha 45 anos, com suas três filhas. Em 1912, constroem uma capelinha, para pagar a promessa feita a São Bendito, por ter sido curada de uma ferida na perna. Em 1919, substitui a antiga capelinha por uma de alvenaria, onde mais tarde foi enterrada. Nesse local vivem seus descendentes.

<sup>87</sup> São Benedito, descendente de escravos da Etiópia, nasceu na Itália, no século XVI. Tinha o apelido de mouro, pela sua cor de pele. Tornou-se monge dos irmãos eremitas de São Francisco de Assis. Dedicado aos pobres, era considerado iluminado, pois fazia muitas profecias.

<sup>88</sup> Nossa Senhora do Rosário, nome ao qual se identificou a virgem Maria, mãe de Jesus, ao aparecer em Fátima em 1917. Ficou conhecida como Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A igreja Nossa Senhora do Rosário e São Bendito ficou aos cuidados, por algum tempo, do Pe. Isidoro, diretor do seminário maior regional, junto com o grupo de seminaristas diocesanos, que se colocaram a serviço da paróquia (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1984, p.39).

A capela Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, esteve muito abandonada, em termos de registros por alguns anos. A partir de 2004, quando a dona Lia assumiu o dízimo, passou a registrar informações sobre os moradores e contribuintes. Segundo Frei Miguel, a comunidade era bem fechada e não permitia interferências, com receio, talvez de perder seus domínios.

Na comunidade, a versão que se encontra com respeito ao problema de relacionamento entre a matriz e a comunidade é um pouco diferente. Depois da entrevista com várias pessoas, a entrevistada, Dona Cida, relatou que o problema com os franciscanos, teria surgido, por uma questão de discordância com relação ao repasse do dízimo, para a matriz, em virtude do fato, os freis não realizaram mais missa na capelinha.

Em entrevista com o senhor Sergio Antonio da Silva, conhecido como Sr. Michel, descendente de Tia Eva, que é um dos líderes comunitários, comentou que, na época, os franciscanos, representados, pelo frei Miguel, que era o pároco, e a comunidade ficaram com as relações bem estremecidas por um longo tempo, a ponto de os freis não quererem rezar missa e outros sacramentos na comunidade.

O rompimento teria acontecido, segundo Sr. Michel, porque a comunidade realizava a festa de São Benedito na igreja Tia Eva, todos os anos e ao longo de muito tempo, quem administrava os recursos financeiros eram os franciscanos e a Diocese. A comunidade necessitava de benfeitorias, como o salão comunitário, a Igreja, no entanto, só construiria se os terrenos fossem pela comunidade doados, pois não poderiam construir benfeitorias em espaços particulares. Como a comunidade não quis doar os terrenos, decidiram não dar mais as rendas da festa de São Benedito para Igreja, esta por sua vez não ministrou mais os sacramentos no local, rompeu as relações com a comunidade.

O ocorrido na comunidade São Benedito foi uma disputa de poder no campo do sagrado, onde os franciscanos perderam “terreno” para a comunidade, distanciando-se dela. Houve, também, conflitos por conta da postura Hierárquica da Igreja e, de certa forma também foi contrária ao próprio discurso quanto à aceitação das alteridades, não conseguindo se relacionar com o outro, aceitando suas diferenças, neste caso, chegando a criticar a comunidade de muito tradicional em relação às suas identidades afro.

Na comunidade São Benedito, foi realizado um trabalho com as CEBs. Dona Cida, senhora ainda jovem, fez parte das Comunidades Eclesiais de Base há 20 anos atrás, no fim dos anos 80 e ao longo dos 90, na capela. Muito gentilmente, foi fornecendo algumas informações que nos foram muito úteis, para fechar melhor os dados coletados na paróquia São Francisco de Assis, principalmente sobre as CEBs e o relacionamento da comunidade com os franciscanos e Matriz.

A Senhora Cida foi coordenadora da Pastoral da Juventude, ou uma animadora do grupo de jovens que fazia parte da Comunidade Eclesial de Base da capela, ficando por mais de dois anos, porém, normalmente o animador ficava dois anos e preparava novas lideranças, esse, inclusive, foi um dos motivos pelo qual a CEB extinguiu-se, aproximadamente, em 1998, por falta de lideranças jovens.

O grupo de base foi composto por jovens de idade entre 14 a 25 anos, reuniam-se uma vez por semana, após a missa na capela. Na matriz, também, acontecia uma reunião a cada 15 dias, com todos os coordenadores das CEBs das comunidades pertencentes a paróquia, além disso, realizavam uma reunião mensal com os representantes das CEBs, na Diocese.

Havia certa integração entre as CEBs, a matriz, e a Diocese de Campo Grande, embora o relato tenha mostrado uma dificuldade de relacionamento entre a Matriz, principalmente entre os franciscanos e a Comunidade São Benedito, no período em que as CEBs foram formadas (metade dos anos 80 e ao longo de 90), isso já havia sido amenizado, mas, principalmente, porque a comunidade contava com a ajuda dos diocesanos do seminário.

Havia uma contradição entre o discurso de implementação das CEBs, na Igreja Católica, e a CEB instituída na Comunidade São Benedito, pois, a idéia era produzir uma aproximação da Igreja com os pobres, buscando aproximar-se da periferia, derrubando as barreiras para promover a real transformação da sociedade, promovendo a libertação e a ação. Percebemos novamente um distanciamento da Igreja para com essa proposta libertadora, porque havia uma enorme hierarquia entre a CEB da Comunidade São Benedito e os franciscanos, bem como para com a Diocese de Campo Grande.

A diocese de Campo Grande produzia as cartilhas, que seguiam orientações nacionais, a partir do livro de Jorge Boran, chamado *Juventude Grande Desafio*. Trabalhava-se com os jovens seguindo o método: *Ver, Julgar e Agir*<sup>89</sup>, segundo Dona Cida,

---

<sup>89</sup> O método ver, julgar e agir surgiu com o Movimento de Educação de Base / MEB aliado à filosofia de Paulo Freire, numa perspectiva de educação como ação libertadora em sintonia com os ideais da Igreja.



partindo sempre de problemáticas locais da comunidade, envolvendo também questões sobre o namoro, sexo, aborto e outros.

A cartilha trazia as instruções organizadas da seguinte forma: o primeiro momento era de oração, depois realizavam uma análise da conjuntura do país e da problemática local, logo após, realizavam a leitura do evangelho, buscando orientações e partilhando reflexões e encaminhamentos sobre o assunto.

Segundo Farias, o método “Ver-Julgar-Agir”, foi promovido pela Igreja Católica por todo o país. Havia nele elementos que permitiam:

(...) um desdobramento da pastoral social no meio operário Pois o VER era acompanhado da recomendação de que a observação inicial dos militantes deveria ocorrer sempre por meios de fatos concretos ocorridos no dia-a-dia. Procurava-se pro isso evitar um excesso de formalismo e doutrinação. De preferência os fatos deveriam ser aqueles que em primeiro momento poderiam ser desqualificados e ignorados como rotineiros ou comuns. O JULGAR tratava-se da formulação de um juízo de valor acerca do ocorrido à luz da doutrina e da moral católica, mas que frequentemente era contaminado por outras concepções sociais. Desse confronto entre o vivido e o concebido, projetava-se o AGIR, seguindo as orientações do evangelho e da doutrina social católica, bem como levando em conta as referências do meio social (FARIAS, 2002, p. 348).

Esse método agia nas comunidades de base, marcado por interferências e julgamentos morais católicos permeados de doutrinação social conservador. Assim orientavam e ditavam regras sociais e econômicas para comunidade, produzindo uma concepção de mundo e de homem marcados pelo pecado, produzindo a aversão ao próprio homem e ao mundo em que vive. Desta forma o caminho da conversão, da comunhão, e da solidariedade para com a comunidade, vivendo o exercício da vida espiritual, possibilitaria colher os louros das bênçãos de Cristo ainda na terra.

Na Comunidade Eclesial de Base formada na comunidade São Benedito, além do trabalho com os jovens promovendo a orientação sobre regras sociais, também realizavam algumas ações sociais, em conjunto, para beneficiar as famílias mais pobres da comunidade, arrecadando alimentos e fazendo cestas básicas para doar aos mais carentes, principalmente, na época da partilha de Natal. Era um trabalho mais voltado ao assistencialismo, sem a preocupação já discutida de estar mobilizando as pessoas para uma transformação da realidade.

Dona Cida informou disse que vários integrantes dos grupos de jovens das CEBs, inclusive ela mesma, mais tarde, engajaram-se em partidos políticos como o Partido dos Trabalhadores/PT, um dos integrantes dessa comunidade, citado por ela, foi o deputado Benhur Ferreira.

As Comunidades Eclesiais de Base, tanto nacionais como regionais, seguiam padrões estipulados pela Igreja, por meio de mecanismos como os agentes de pastoral, as cartilhas e os encontros nacionais, proporcionando certo controle e poder hierárquico da Igreja, sobre a formação de seus integrantes e as ações desenvolvidas nas comunidades.

Por outro lado, embora algumas comunidades Eclesiais de Base tenham se desfeito, ou se modificado, como a que existia na capela São Bendito, a força criada nos grupos por meio das relações de identidades e alteridades e a leitura crítica do contexto nacional, formaram espíritos de lideranças, cristãos participativos e militantes, não consumidores passivos e individualistas. Essa formação produziu, na juventude, necessidades de uma responsabilidade social maior, então, buscaram na política partidária, nos sindicatos, contribuir de diferentes formas para o processo de democratização e nas ações e decisões do país, nos anos 80. Dona Cida, por exemplo, lembra o quanto foi importante a participação dos jovens das comunidades de base, na manifestação das “Diretas já”, realizadas em 1984.

A Igreja, porém, tornou-se, aos poucos, temerosa com relação às atividades realizadas pelas CEBs. Temendo a perda de controle dos fiéis que participavam ativamente nas CEBs, produziu-se, em algumas paróquias, práticas conservadoras, individualistas, sem engajamento político e social. Deve-se considerar, também, que os rumos novos seguidos pelas CEBs, não mais tão engajados em movimentos sociais, também tenham motivado a busca desses jovens a outras formas mais políticas, de exercer sua participação e liderança.

As mudanças introduzidas eram renovadoras, porém, após algum tempo de experiências com as CEBs, a Igreja passou a argumentar que necessitava buscar novas identidades, pois "a Teologia da Libertação e suas células (as CEBs) representam uma doutrina política disfarçada de crença religiosa, com um significado anti-papal e anti-livre empresa, destinadas a debilitar a independência da sociedade frente ao controle estatal" (Santa Fé II). Por outro lado, os leigos também se apresentavam decepcionados, reclamando seus espaços. Argumentavam que a estrutura da Igreja apresentava-se muito piramidal, concentrando as decisões no clero e as ações missionárias ficavam restritas às congregações religiosas.

O contexto sócio-cultural provocou o surgimento de outras formas de expressão religiosa dentro da Igreja, assim, as CEBs tiveram que aprender a conviver e dialogar com os carismáticos, vicentinos, neocatecúmenos e outros. Foram se transformando mais em celebrações, onde as emoções são elevadas, mas tornaram-se apáticas nas ações sociais desmotivando muitos jovens a participar das mesmas.

Na Paróquia São Francisco, as CEBs, foram, aos poucos, sendo modificadas, na sua organização, pois as primeiras comunidades foram motivadas por necessidades comuns de resolver problemas, como a pobreza, a falta de água potável e outras questões de cunho social. A pastoral, para atingir pessoas e resolver problemas sociais, usava de psicologia, sociologia e outros motivos diferentes da intervenção de Deus.

Segundo o Frei Miguel, no início funcionou bem, por aproximadamente dois anos a comunidade se organizou com bons resultados, porém, surgiram as intrigas, brigas, ciúmes, motivados, muitas vezes, pela disputa de lideranças, diferenças de opiniões e vontades, e até por interferências de políticos, que aproveitavam da situação. O trabalho com as CEBs foi se tornando difícil. Naquele momento, conheceram o Neocatecumenato, introduzido em 1979, em uma das comunidades da paróquia. Hoje são 5 comunidades no caminho Neocatecumenal, e o que faz a diferença, conforme Frei Miguel, é a recuperação da espiritualidade no meio da comunidade.

### **3.1.3 Os franciscanos e a Comunidade Palomeras: renovando o caminho da conversão espiritual com velhas representações**

Nos anos 80, a Igreja viveu o pontificado de João Paulo II, anatematizando a Teologia da Libertação, dizia que adaptava conceitos marxistas à doutrina católica, posição que serviu de justificativa para criticar o engajamento político de padres e bispos. A Igreja tomou medidas drásticas, que provocaram fortes mudanças na constituição dos movimentos religiosos como as CEBs.

João Paulo II, em 1980, no Brasil, anunciou aos milhares de fiéis, que "A missão da Igreja não pode ser reduzida a aspectos sócio-políticos, mas consiste em anunciar o que Deus revelou sobre si mesmo e sobre o destino do homem". Assim, o processo de renovação nas diretrizes dos movimentos, nas comunidades católicas tomou novos rumos, deixando de lado a ação social mais política, passando a movimentos com características mais espiritualistas.

Nesse contexto, o Papa João Paulo II, cuja tendência "carismática" era, para muitos, bem próxima a do Caminho Neocatecumenal que, em seu papado, de certa forma, apropriou-se do Caminho, proporcionando o apoio necessário, inclusive a sua legitimação através de Estatutos, para que germinasse nas comunidades de base do mundo todo.

O Neocatecumenato foi reconhecido formalmente como instrumento providencial para a nova evangelização (30/8/1990), com Estatuto aprovado pelo Pontifício Conselho dos Leigos (29.6.2002) e guiando-se pelo diretório catequético Caminho Neocatecumenal. Orientações, para as Equipes de Catequistas (ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL. 2003, p.2).

As primeiras comunidades Neocatecumenais surgiram, entretanto, nos anos da primavera de João XXIII e Paulo VI, junto à eclosão das renovações católicas provocadas pelo Concílio Vaticano II. As primeiras comunidades, formaram-se em 1964, no subúrbio de Madri de Palomeras Altas, entre os mais pobres, ciganos e "sucateiros".

Observa-se que o Neocatecumenal cresceu ao longo dos anos, chegando aos anos 90, com cerca de um milhão de seguidores, em mais de cem nações, milhares de sacerdotes, com aproximadamente 15.000 comunidades, presentes em 800 dioceses e 5000 paróquias. Além de participar da formação de 35 seminários diocesanos missionários, em todo o mundo, mais de 400 famílias estão em missão pelo mundo, propagando o Caminho Neocatecumenal.

A importância de compreendermos melhor esse Caminho se deve ao fato de que foi introduzido nas comunidades da paróquia São Francisco de Assis, no contexto de renovação da Igreja Católica, crescendo na opção dos fiéis nos anos 80, na paróquia, mesmo que dividindo espaços com outras opções religiosas.

As representações franciscanas tecem relações com o Caminho Neocatecumenal, chamadas a fortalecer as identidades entre os franciscanos e a comunidade.

Houve um retorno à fonte, ou seja, ao padroeiro reformador São Francisco de Assis, por meio da proposta da vivência do carisma e do Evangelho. Ocorreu um retorno à ação social, em uma linha espiritualista franciscana, promovendo uma participação ativa nas relações entre o clero e os leigos na comunidade chamada de Palomeras, quando o Caminho foi desenvolvido.

Na Igreja antiga, para um homem se tornar cristão, deveria passar por uma formação chamada "catecumenato", originada da palavra "catequeo" que significa "faço ressoar" e "escuto" a Deus. Era uma catequese constituída de uma série de ensinamentos, um conjunto de práticas litúrgico-rituais (imposição das mãos, assinalações, exorcismos e outros) e, sobretudo um exercício (tirocínio) de vida cristã e práticas evangélicas, culminando na celebração dos mistérios cristãos fundamentais (batismo, eucaristia, crisma).

Os iniciadores foram: o pintor espanhol Francisco Argüello, conhecido por Kiko, e Carmen Hernández, que era química, mas, se preparava para marchar a países do Terceiro Mundo, em sua congregação religiosa.

Em Madrid, 1964, na favela chamada Palomeras, em uma barraca de latas e papelão, com catadores de lixo, Kiko e Carmen, reformularam a proposta antiga, produziram um exigente itinerário de formação católica, ao ritmo do ano litúrgico, proporcionando uma progressiva conversão moral e espiritual, diversas celebrações, a isto se chamou de Caminho Neocatecumenal: Palavra, Liturgia e Comunidade.

A primeira comunidade formada, chamada "koinonía", nasceu na precariedade daquele lugar com gente humilde como os "Quinquis" (catadores de lixo).

Aos poucos, foi se produzindo comunhão, começando a concretizar-se numa catequese, quer dizer um "kerigma" que é, segundo seus seguidores, o "anúncio da salvação trazido pelo Senhor".



O símbolo do Caminho Neocatecumenal apresenta alguns ícones como a pomba, significando a presença do Espírito Santo, a cruz e os degraus da escada simbolizando a caminhada com Jesus Cristo. Além disso, há as palavras - chave do Caminho que são a Liturgia, a Comunidade e a Evangelização.

### 32. Símbolo do Caminho Neocatecumenal

Fonte: <<http://www.montfort.org.br/index>>

A idéia do Caminho consiste em proporcionar uma iniciação e formação cristã pós-batistal, permanente, visando à constituição de pequenas comunidades (neocatecumenais) integradas às paróquias, inspirada na pedagogia catecumenal do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (RICA), divididas em três fases: pré-catecumenado (4 anos), catecumenado (vários anos) e eleição (cinquentena pascal).

Quando, em uma paróquia, o pároco desejar começar o Caminho, entra em contato com outras, onde existam as Comunidades Neocatecumenais, ou com o Centro Neocatecumenal diocesano.

Dessa forma, são enviados um grupo de leigos do Caminho e um sacerdote que realizam a formação das equipes de catequistas que, durante as missas dominicais,

convidam a todos os fiéis daquela paróquia para participar do Neocatecumenato. Segundo Kiko, os que estão no Caminho realizam as ações, como os apóstolos que, transformados pelo Espírito Santo depois do Pentecostes, recorriam às sinagogas em pequenos grupos anunciando a boa nova e chamando a gente à conversão.

O Neocatecumenato tem suas origens em uma fórmula antiga, o Catecumenato, mas com uma proposta diferenciada, em alguns pontos, dos outros movimentos, por isso, enfrentaram, algumas vezes, dificuldades para se estabelecer nas comunidades.

O relacionamento entre a comunidade Neocatecumenal Palomeras e os franciscanos, ou outros padres diocesanos nem sempre era fácil. Isso foi comentado, também em outros depoimentos e leituras realizadas em outras fontes. Inclusive, nas entrevistas do próprio Kiko, os problemas ou a aceitação do Caminho dependeram sempre da compreensão e do envolvimento de cada um com o Caminho. No caso da paróquia São Francisco de Assis, os mais envolvidos sempre foram o Frei Miguel e o Frei Jorge.

De acordo com o relato do Senhor José, Kiko, deixou-se influenciar com a história de São Francisco de Assis. Após ler os textos Fioretti, espelhou-se no santo, transformando a sua vida, passando a viver o Evangelho não só na palavra, mas na vida. Observa-se que a volta das representações franciscanas, através do movimento Neocatecumenal, pois suas origens provêm de São Francisco de Assis, talvez por conta disso, ganhou o apoio dos franciscanos e pôde determinar também o seu sucesso na paróquia.

O Caminho Neocatecumenal começou a ser trilhado na Paróquia São Francisco de Assis, no final dos anos 70, segundo Frei Miguel Löfller. A experiência já estava sendo realizada em Dourados, pelo Frei Jorge e o Bispo de Dourados. O Caminho, havia sido, novamente, re-introduzido por João Paulo II, nas Comunidades Eclesiais de Base, que não eram mais motivadas somente pelas problemáticas sociais, não precisando, porém, abrir mão disso.

Segundo frei Miguel, havia uma necessidade de renovar os reais ideais, recuperando as comunidades motivadas pela força da fé - o Kerigma, pois, as pessoas, na comunidade, envolviam-se com política e acabavam brigando umas com as outras.

No estatuto Neocatecumenal (2003, p.28), percebe-se que o anúncio do *Kérigma*, chama à conversão e à fé, no discurso o participante deve se reconhecer pecador, e acolher o perdão e o amor gratuito de Deus, assim, deve iniciar no Caminho para a própria transformação em Cristo, pela obra do Espírito Santo.

Assim, diz o frei que, com a presença do Espírito Santo, é que as pessoas conseguem dialogar os problemas da comunidade e as diferenças só poderiam ser resolvidas quando sua unidade está baseada na fé e na leitura do evangelho.

Aos poucos na caminhada os catecúmenos crescem na fé e começam a manifestar sinais da *Koinonia*, ou seja, o não julgar, a não resistência ao mal, o perdão e o amor ao inimigo. Começa a exercitar boas ações como o socorro aos necessitados, aos doentes, aos anciãos e aos que estão em missão (ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 2003, p.36).

Na comunidade, a conversão ou catequese de adultos, toma-se as representações católicas renovadas em um novo contexto. O neocatecúmeno considerado um pecador em potencial e, por isso, não consegue relacionar-se com os demais da comunidade e, para fazer parte da comunidade, ele tem que travar uma batalha espiritual consigo mesmo, matar o homem velho e tornar-se um homem novo. A conversão se dá como uma forma de adesão na luta contra o demônio: a busca de seguranças, o escândalo da cruz e a sedução dos ídolos do mundo, sustentado pela Palavra de Deus, pela Eucaristia e pela Comunidade (ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 2003, p.40).

As verdades da fé são, então, reveladas na comunidade Neocatecumenal também pela leitura do evangelho, seu método, porém, difere das Comunidades de Base, estruturado em 4 momentos vivenciais: nos atos dos apóstolos, na eucaristia; na doutrina apóstolos - na catequese; na oração assídua; e na vida fraterna (comunhão dos bens, partilha).

Há todo um exercício diário a ser realizado pelo neocatecúmeno, como a oração que começa o dia e a noturna, a meditação e a contemplação do Evangelho, a pregação de dois em dois nas casas, da Paróquia, o estudo sobre as etapas da história da salvação e das figuras bíblicas, além de outras ações, promovem a internalização do discurso Neocatecumenal, partilhado por todos na comunidade.

Frei Miguel foi um grande estimulador destes princípios na paróquia São Francisco, defendeu a idéia de que o “Espírito Santo é que une a comunidade, favorece a convivência de todos (inimigos, jovens, velhos), favorece o diálogo e o carisma, que é deixar sua individualidade o “eu” para partilhar com o outro”.

Segundo o Sr, José<sup>90</sup>, o Caminho entrou na paróquia no ano de 1979, com o Frei Miguel, pela experiência vivida em Dourados, como já mencionado anteriormente.

Em abril do mesmo ano, nasceu a primeira comunidade. O Sr. José era seminarista, morava no Convento dos franciscanos, mais tarde surgiram outras comunidades seguindo esse movimento.

As comunidades são formadas por pequenos grupos de mais ou menos 35 pessoas, a catequese dura aproximadamente 25 anos. Não é permitido aos participantes, passar de um grupo a outro, depois desse tempo viram “fermento na massa”, ou seja, é dada a eles a missão de viver o evangelho e, assim são enviados para catequizar em lugares bem carentes, na idéia de transformar as massas, como Kiko fez na favela de Palomeras e São Francisco de Assis fez no seu tempo.

O caminho sofreu algumas críticas por parte da Igreja e de alguns leigos, pois, celebravam a liturgia e a missa com um ritual diferenciado, principalmente, com relação às longas advertências realizadas no comentário das leituras, o uso das ressonâncias, a comunhão utilizando o pão e não a hóstia e outros simbolismos.

Ao mesmo tempo em que a Igreja comungou com os ideais do movimento Neocatecumenal, alinhando-se com a proposta espiritualista que promoveu os valores católicos, dispersando a ação crítica social sobre o contexto histórico, contraditoriamente, a Ela manifestou-se incomodada com os rituais e as especificidades do Caminho, talvez, os reais motivos, não sejam bem estes, porque o envolvimento nas pequenas comunidades, promovia os leigos de forma organizada e participativa, a ponto de poder apresentarem, a longo prazo, uma certa desestabilização na organização hierarquia católica.

Afinal de contas, foi um movimento que surgiu com Kiko, um leigo. O Caminho tomou corpo e ganhou a atenção do mundo todo, assim, a sua pessoa tornou-se entre os fiéis, um ídolo, e, muitas vezes, a Igreja critica lembrando que é preciso frear as “idolatrias”, na verdade, possibilitaria elevar o homem bem próximo ao sacerdote católico, representante da verdade divina.

---

<sup>90</sup> No contato com os participantes da Palomeras, como é chamada a comunidade que se reúne em torno do Caminho Neocatecumenal na Paróquia São Francisco de Assis, o Sr. José Alves de Almeida, é ministro de Eucaristia na matriz, foi catequista por 5 anos no Neocatecumenato, onde ainda participa ativamente. Considerado como uma das pessoas que mais contribuiu com a nossa pesquisa, sempre muito atencioso e prestativo, com ele foram mantidas longas conversas sobre o assunto, tentando compreender a dinâmica na comunidade. Foi um pouco complicado, pois envolve toda uma linguagem específica usada para denominar etapas e momentos, os quais possuem características específicas do Caminho, bem como o ritual de celebração litúrgica realizado pelo Caminho.



A Igreja, apesar de plantar o discurso da unidade, aceitando as diversidades culturais das diferentes comunidades, na prática, critica essas inovações, repreendendo os fiéis e os líderes desses movimentos, fazendo-os retornar às formas tradicionais católicas e a sua esfera na hierarquia católica.

As comunidades Neocatecumenais estão interligadas como uma rede, da base na paróquia à outras no país, em rede nacional com a sede em Brasília, até as suas origens na Espanha, coordenados por Kiko e Carmen. Seguem, assim, fielmente, o estatuto, às orientações, os mesmos rituais e cânticos do Caminho Neocatecumenal propostos por Kiko.

Embora, aparentemente, exista certa autonomia na formação e acompanhamento das comunidades Neocatecumenais, e muita ação participativa, também é bem rígida e hierárquica. Está estruturada em pequenas comunidades de 25 a 50 integrantes, interligadas por uma grande rede globalizada, comungam dos mesmos discursos, músicas, rituais, com seus deveres e ações.

A questão da hierarquia pode ser percebida tanto na própria comunidade entre os participantes neocatecúmenos, onde todos são chamados a participar, obedecendo, porém aos “dogmas e preceitos”, estabelecidos no Estatuto do Caminho Neocatecumenal (Art.24, 2003, p.45). Além do que, segundo o Estatuto, cabe ao Bispo e, em seqüência hierárquica, ao Pároco, como responsáveis pela iniciação, formação e pela vida cristã na Igreja particular a competência de “autorizar e vigiar” a realização do Caminho Neocatecumenal na Diocese e nas paróquias, respeitando a doutrina e a disciplina da Igreja. Resolvem em diálogo com a Equipe responsável pelo Caminho, eventuais questões relativas ao desenvolvimento do mesmo na comunidade (ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, Art. 26, 2003, p. 46).

O Caminho é considerado no Estatuto do Caminho Neocatecumenal (2003, p.42), “um instrumento a serviço dos Bispos para realizar o processo de educação permanente à fé solicitado pela Igreja” uma conversão permanente que dura toda uma vida, por isso compreende-se a longa duração de cada grupo de iniciados na comunidade, ou seja, em média 25 anos de Caminho Neocatecumenal, uma catequese de adultos, com tempo suficiente para converter e doutrinar os participantes.

Para isso, as representações são fortalecidas através dos recursos visuais, dos discursos orais e escritos e até nas músicas que produzem uma espiritualidade e reforçam partes importantes, como a liturgia, a confissão dos pecados, com o testemunho da palavra,

enaltecendo a conversão do pecador, e por fim a comunhão, como nos rituais que eram realizados na igreja primitiva.

O Caminho Neocatecumenato retomou alguns rituais da antiguidade, quando iniciou o Cristianismo, as simbologias são muito presentes, como se pode observar a seguir nas imagens. As comunidades do Caminho Neocatecumenal celebram a eucaristia no sábado à noite e não no domingo. Os membros comungam sentados ao redor de uma mesa eucarística, muito bem enfeitada, com arranjos de flores e, às vezes, também, com frutas, como observamos na fotografia abaixo.



**33- Sr. José de Almeida organizando a mesa para cerimônia**  
**Fonte: Acervo fotográfico do Sr. José de Almeida. Anos 80 -Comunidade Palomeras / Paróquia São Francisco de Assis.**

Consagram um grande pão redondo que é dividido entre os participantes e junto com o vinho que é servido em dois grandes cálices e todos bebem fazendo passar o cálice de mão em mão. Isto caracteriza a partilha, a união entre as pessoas e, de certa forma, cria *momentos mágicos*, que não encontramos em outra celebração católica, fora do Caminho.



**34. Na fotografia o pároco, consagra o pão (hóstia) que está na suas mãos.**

**Fonte: acervo pessoal do Sr. José Almeida – anos 80 na Palomeras.**

Todas as pessoas da comunidade são, de alguma forma, envolvidas no processo Neocatecumenal, pois são várias as atividades desenvolvidas, cada um tem as suas responsabilidades, desde aquele que faz o pão, o outro que prepara as leituras, enfeita a mesa, realiza as ressonâncias, outros cantam e tocam instrumentos musicais.



**35. Grupo da comunidade Palomeras responsável pelos cânticos**

**Fonte: Acervo fotográfico do Sr. José de Almeida. Anos 80.**

Nos rituais do Neocatecumenato há um diferencial, como se observa ao vivenciar com eles algumas experiências. Cada um tem compromissos dentro do grupo, a sua importância, como uma célula, dentro do corpo místico, isto cria na comunidade uma união, fortalece o grupo, pelas identidades compartilhadas.

Durante a liturgia da palavra, as leituras são introduzidas pelos catequistas da comunidade, que realizam uma reflexão sobre as mesmas, antes de serem lidas. Acontecem, também, as “ressonâncias”, pessoas que ouvem o Evangelho, compartilham com a comunidade aquilo que a Palavra lhes inspirou, ou as experiências que viveram, é a demonstração de fé e conversão do pecador.

Falar sobre seus problemas, suas experiências de vida e acreditar que o Espírito Santo possibilitou um novo caminho, produz um enriquecimento nas pessoas, pois se tornam especiais e valorizadas no grupo, são acolhidas, apesar das dificuldades que enfrentam no mundo, como se fosse um grupo de auto-ajuda. Dessa forma, sentem-se mais fortalecidas e, em consequência, também a comunidade.

Apesar dessa experiência de fortalecer as relações na comunidade e a auto-estima do neocatecúmeno, as ressonâncias transformam-se em representações que vivificam a conversão e tornam-se exemplo para os demais, da ação de Cristo na práxis.



**36. A Comunidade Palomeras em volta da mesa em momento de oração**  
Fonte: Acervo fotográfico do Sr. José de Almeida. Anos 80.

A palavra é proferida por todos, até pelas crianças que sentam na primeira fila, longe dos pais, em volta da mesa, têm, então, seu momento para dizerem o que compreenderam da leitura, é como se fosse uma reunião de catequese, e não uma missa.

Mas, o que mais toca as pessoas é o envolvimento e o compromisso de cada um com a coletividade. Durante a semana e no mês, eles desenvolvem outras atividades como a roda de experiências, que é uma reunião nas casas para partilhar as problemáticas pessoais. As simbologias dos rituais e a palavra durante a celebração eucarística renovam o agir e o pensar coletivo, pelas representações partilhadas, troca que fortalece as identidades, e o pertencer ao grupo e o Caminho Neocatecumenal.

Uma vez ao mês, são realizados a convivência e os retiros espirituais. Os mais experientes são convidados a saírem pelo mundo, de dois em dois, para levar aos povos a palavra do Evangelho. Os participantes são envolvidos em uma mística que favorece o partilhar de suas vidas, como se representassem uma *grande família cristã*. O modelo da Comunidade Neocatecumenal é a Sagrada Família de Nazaré. Assim, os neocatecúmenos são orientados a formarem pequenas comunidades dentro da comunidade, a entregarem-se “abandonados fielmente à paternidade de Deus, protegidos pela maternidade de Maria e da Igreja, e na fidelidade ao sucessor de Pedro e ao Bispo” (ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL 2003, p. 40).

No centro de todo o percurso neocatecumenal há uma síntese de pregação *kerigmática*, mudança de vida moral e litúrgica. A liturgia é um momento muito

importante na gestação da fé. Para o Neocatecumenato, segundo Kiko<sup>91</sup>, é por meio dela que as pessoas são tocadas pela “graça, deixando nascer um homem novo”. Também, considera importantíssima e frutuosa a participação nos sacramentos, pois se revelam como fontes cheias de sabedoria e os que dela participam são “consagrados e se santificam”.

Percebe-se que os sacramentos importantíssimos na vivência neocatecumenal também o eram para os franciscanos, principalmente para seu padroeiro, São Francisco de Assis, voltando à tona as representações franciscanas. São Francisco, citado no Estatuto Neocatecumenal várias vezes, serve como exemplo de conversão e vivência do homem novo, que recusou os bens terrenos, partilhando com os pobres, a espiritualidade, em nome de Cristo.

O problema é que junto a esse discurso renovador e carismático, encontra-se imbuída a tradição católica, permeada de representações, produzindo identidades com método do VER- JULGAR E AGIR aplicado nas Comunidade Eclesiais de Base, como se pode observar no exemplo abaixo.

Na análise da apostila, utilizada para catequese no Caminho, chamada de Shemá, foram encontradas passagens que desvelam um método capaz de provocar na comunidade atitudes radicais e tradicionais nas suas relações sociais e econômicas. No exemplo abaixo é evocado o dinheiro como o grande mal do mundo:

O Senhor está dizendo que, se tu dás o carro, e tens que ter carro e o dás, o vendes para os pobres, o Senhor vai te dar 100 carros mais. (...) Como por culpa do dinheiro estais escravos e não desfrutais dele, 99% das vossas discussões, na vida matrimonial são por causa do dinheiro, 90% das neuroses que existem no mundo são pelo dinheiro. (...) As guerras do mundo inteiro são feitas por causa do dinheiro (SHEMÁ, 1988, p45).

Assim, o discurso Neocatecumenal se apropriando das palavras do Evangelho: “Dá tudo o que tens e terás um tesouro no céu”, ressignificando-as conforme intenções que definem a terra como “uma passagem e a vida têm que ser vivida voltada para o céu, onde está a verdadeira casa”, o neocatecúmeno é catequizado para se despojar de seus bens, doando-os aos pobres e a comunidade católica a que pertence, sua família cristã (SHEMÁ, 1988, p. 43)

Frei Miguel, na paróquia São Francisco de Assis, comentou sobre o Caminho que leva as pessoas da comunidade a viver o evangelho e a partilhar, encontrando o carisma

---

<sup>91</sup>Entrevista Kiko Arguelho. Disponível em: < <http://www.br.geocities.com/pedagogoz/kikoarguello.htm>> Acesso em: 16 jun 2006.

que é, também, o caminho para reencontrar os ensinamentos de São Francisco que, como Jesus Cristo, soube viver o evangelho. De certa forma, há uma retomada do padroeiro na paróquia, quanto ao exemplo de vida fraterna e exemplo a ser seguido, por meio do Caminho Neocatecumenal desenvolvido nas comunidades da Paróquia.

Kiko, também reforça esta idéia, dizendo que falta para os que não compreendem essa nova forma de ser do Caminho, o carisma dessa forma, “quando a instituição não aceita, os carismas se calcificam e o povo geme. E quando o carisma não aceita, a instituição se converte em uma seita ou se separa, como sucedeu com Pedro de Valdo, nos tempos de *San Francisco*”. Termina suas considerações, avaliando que “instituições e carismas são co-essenciais na Igreja”.

O exemplo prático é dado para os catecúmenos através da história de vida e transformação à luz do Espírito Santo:

Recordo-me de uma moça de uma comunidade que quando falamos dos bens do primeiro escrutínio, ela (que era uma moça terrível, que tinha passado dos trinta e não se casara e tinha posto toda a sua paixão em comprar para si um bom apartamento em Madri, pensando que assim seria mais fácil casar-se) adquiriu um apartamento estupendo que ia pagando pouco-a-pouco com seu trabalho, e quando falamos na venda dos bens viu, muito claro, como tinha posto todo o seu tesouro naquele apartamento. E quando saiu dali, o vendeu. Depois, por uma série de circunstâncias, tive que falar com ela e me contava sua experiência, e é exatamente a parábola dos talentos. O que ela nem podia imaginar, sequer, era o encontro tão interessante que iria ter com um homem, que se chama Jesus de Nazaré, através desse acontecimento. Isto é fenomenal! Agora tem uma experiência que ninguém pode arrebatá-lhe; uma experiência de que para ela agora, Jesus Cristo é o centro de sua existência e tem um poder e uma força, porque deslocou toda a sua paixão; a energia sexual que tinha para agir a transferiu e a colocou em Jesus Cristo. É claríssimo! Agora tem um tesouro no céu. (SHEMÁ, 1988, p. 14).

Percebe-se em uma seqüência de interferências, o quanto a vida das pessoas vão sendo transformadas a partir das representações que produzem verdades católicas, impõem valores, julga, e age com autoridade moralista as relações sociais e econômicas ditando comportamentos para o corpo e para mente.

O movimento que parecia tão renovador, prega valores tradicionais católicos. Manipula a comunidade impondo regras de comportamento, como se fossem detentores da verdade e do poder, provido do Espírito Santo. Pregam uma concepção de mundo e de homem que se encontra oposto às coisas de Deus, devendo o neocatecúmeno fugir destas “tentações do demônio”. O partilhar das atividades na comunidade vem ao encontro do exercício espiritual tirando-o do pecado do mundo:

(...) deste modo vem-se ao encontro das exigências do homem contemporâneo valoriza-se o domingo, evitando a dispersão própria do final de semana, arranca-se os jovens das discotecas do sábado à noite e da droga, dá-se à família a

possibilidade de estar unida no domingo numa liturgia doméstica – momento privilegiado na transmissão da fé aos filhos mais formados de ajudar a animar as missas dominicais paroquiais; mas, sobretudo a intensidade da participação da pequena comunidade na santíssima Eucaristia estimula e sustenta a mudança moral e o surgir de numerosas vocações ao sacerdócio e a vida religiosa e missionária (ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL 2003, p.33).

Todo este aparato espiritual e manobras dos movimentos católicos tem servido e estimulado a presença marcante da Igreja Católica, frente a outras religiões, cumprido o seu papel missionário, catequizando fiéis, e a participação dos leigos nas atividades da igreja, possibilitando ainda novas vocações, como se percebe no discurso.

Os movimentos novos que surgiram como o Neocatecumenato e a Renovação Carismática Católica, produziram inserção no meio das comunidades, com propostas renovadas nas relações sociais nas comunidades, deslocando o eixo antes mais preocupado em transformar a realidade do país, com ações sociais e políticas, rituais mais espirituais e místicos.

Considera-se, porém, que esses movimentos, também, contêm representações, podendo levar a coletividade a uma subjetividade, que se transforma em uma onda espiritualista, a ponto de tornar nula a participação coletiva de forma crítica na sociedade.

Compreende-se que as Comunidades Eclesiais de Base sofreram um refluxo, devido a vários fatores, mas, principalmente, pela política do Vaticano de valorização de movimentos espiritualistas e solapar os movimentos com dimensão social e política. Assim, outros movimentos religiosos católicos, dentro das comunidades, foram sendo produzidos, movidos pela união da comunidade e que, embora partilhem alteridades, também comungam identidades em torno do sagrado, incentivados e permeados pela Igreja. Eles permanecem ou se renovam conforme as suas necessidades, impostas pelo contexto vivido.

O Neocatecumenato foi um dos movimentos que veio de certa forma substituir o método proposto pelas Comunidades Eclesiais de Base. As comunidades Neocatecumenais possuem outra estrutura, como foi observado ao longo do texto. É justamente isso que possibilitou o apoio da Igreja Católica, ou seja, desenvolvem-se em uma linha espiritualista, com uma formação catequética de adultos que, em pequenos grupos, com uma formação continuada por vinte e cinco anos, recebem toda a doutrina católica. É o que ocorre também na paróquia São Francisco de Assis, desde o final dos anos 70, onde os franciscanos se apropriam desse Caminho para resolver os impasses que ocorriam nas CEBs, renovando ao mesmo tempo, as representações franciscanas.

As relações entre as comunidades, a Igreja e os franciscanos viveram constantes transformações, apropriando-se no seu discurso de valores e temas pertinentes à sociedade na modernidade, parecendo estar em conformidade com os novos tempos, porém, na teoria e prática produziram representações por meio dos discursos imagéticos, orais e escritos, reproduzindo secularmente a autoridade moralista católica, podendo ser considerada como velhas tradições reinventadas, apenas com um verniz novo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

### O Santo Padroeiro Reformador: tradições e renovações nas comunidades

A pesquisa possibilitou refletir sobre as representações franciscanas, a partir do *thema*, vida e obra de São Francisco de Assis. Para compreender melhor a problemática, analisamos fontes diversas orais, escrita e imagética, percebemos documentos que revelaram ênfases e silêncios.

Na Paróquia São Francisco de Assis, as representações franciscanas foram chamadas a colaborar no processo renovação católica, consolidando a Missão Franciscana e a presença da Igreja Católica na disputa do campo do sagrado em Campo Grande no Mato Grosso do Sul.

As representações fortalecem um discurso teórico relativizado, são produzidas com intuito de criar laços de identidades e alteridades com as comunidades, legitimando a presença e eternizando, nesse caso, as memórias franciscanas no cenário sul-mato-grossense. Segundo Lefebvre (1978) as representações impedem a apropriação do real, sua revelação, porém, possibilita uma maior apropriação do conhecimento e o movimento da história.

Ao longo do período estudado (anos 50 a 80), as representações franciscanas foram ressignificadas, interligadas a partir do *thema*. Segundo Moscovici (2003, p.230), o *thema* sintetiza um arquétipo, produzindo histórias e fornecendo elementos para a formulação do desenvolvimento discursivo. Nesse caso, o *thema* é São Francisco de Assis, um dos santos mais populares do mundo, que marcou a Igreja e a história da sociedade do século XIII, época em que viveu.

Francisco foi jovem alegre e festeiro, um leigo que, após o fracasso nas Cruzadas, encontrou-se totalmente dilacerado espiritualmente e fisicamente, decepcionado com a cavalaria, converteu-se à Jesus Cristo Crucificado e, identificando-se com ele, viveu radicalmente a pobreza e o Evangelho, na teoria e na prática. Plantou a fraternidade e semeou o amor e o carisma para com todas as criaturas. Não pretendia transformar sua fraternidade em uma Ordem, mas, apesar de realizar duras críticas, terminou cedendo à Igreja, para não se tornar herege.

As representações franciscanas começam a ser tecidas nas contradições das biografias autorizadas ou não pela Igreja, as quais produziram diferentes narrativas sobre o Santo, exaltando-o ora como uma figura mística e religiosa, que teria recebido os estigmas

da paixão e o dom de conversar com pássaros e domesticar lobos selvagens; em outras biografias, ganha uma perspectiva psicológica, onde o Santo torna-se a figura do homem convertido e humilde, que optou por viver em extrema pobreza, vivendo e pregando o evangelho, reconstituindo a Igreja.

Desvelando algumas representações, percebe-se que a presença dos estigmas, por exemplo, foi negada pelo próprio Francisco, e por pessoas que conviveram próximo a ele, porém, ao longo dos tempos, a Igreja vem utilizando-a como uma *prova física da graça obtida de Jesus Cristo Crucificado*, afirmando como verdade o alegado milagre, assegurando lealdade, prestígio e apoio dos franciscanos na reforma da Igreja, além de proporcionar a Gregório IX, acabar com a rivalidade entre os franciscanos e dominicanos. Ainda hoje, a presença dos estigmas é considerada importante, para Igreja como forma mística de produzir a identidade de Jesus Cristo com o seu eleito, São Francisco de Assis, legitimando sua santidade e o poder da religião católica.

Outras representações franciscanas foram produzidas, como valores espirituais, relacionando pobreza e bondade. Além da relação fraterna de São Francisco com a natureza, estabelecendo a idéia do Santo com uma espécie de *Paraíso* onde o homem sem pecado, viveria em harmonia fraternal à imagem e semelhança do Deus Criador. São representações franciscanas produzidas que podem ser observadas, principalmente, nas fontes, imagéticas como os vitrais e as pinturas na Igreja conventual de São Francisco de Assis.

A regra escrita por São Francisco de Assis, sobre a vivência radical da pobreza, pode ser considerada uma das representações que provocou conflitos e desavenças, dividindo a Ordem em duas tendências inimigas: os *Conventuali* (Conventuais) que seguiram a Regra interpretada e completada por bulas papais, que atenuaram a prática da pobreza e os *Espirituais* ou *Fraticelli* (Fradezinhos) impregnados pelas idéias de Gioacchino da Fiore (Joaquim de Fiore), os quais foram considerados hereges, pela sua radicalidade com relação à pobreza, foram perseguidos e extintos pela Igreja. O franciscanismo dos primeiros tempos foi considerado tradicional e reacionário, por propor a vivência radical da pobreza, em pleno século das universidades e do florescer da economia, recusando a ciência, os livros e as moedas.

A Igreja e os Franciscanos ressignificam o discurso da pobreza, como carisma na contemporaneidade, para produzir identidades com as massas pobres e os excluídos que a sociedade rejeita, aproximando Igreja e os pobres, principalmente na vinda da missão (1938), no novo campo de ação no antigo Mato Grosso e nos anos 60, construir identidades

e alteridades com o povo do sertão, formando teias e representações a partir do mito São Francisco de Assis.

Os franciscanos tornaram-se heróis do sertão bravio, partindo das histórias dos primeiros missionários, exaltando a sua bravura enfrentando os perigos, a fome e pobreza. È o frei europeu criando identidades: o pobre no meio dos pobres, mas também alteridades o missionário europeu que enfrentou o isolamento social, a falta de cultura e civilidade do povo, para salvar as almas, ensinando as verdades da fé. Missão que contribuiu para o desenvolvimento e civilização da nação brasileira nos confins do antigo Mato Grosso.

A religião católica participou ativamente do projeto de nacionalização, desenvolvimento e modernização no país, principalmente, nas regiões como essa, marcada por práticas religiosas diversas e fortes contrastes culturais devido à presença marcante dos fronteiriços vindos do Paraguai e da Bolívia, bem como de outros países e regiões do Brasil, caracterizando-o como um caldeirão intercultural.

A Ordem Franciscana assumiu o novo campo de ação católico, no antigo Mato Grosso (1938), inicialmente, em duas casas religiosas, distantes uma da outra, mais de 1.000 quilômetros. Ao norte, na arquidiocese de Cuiabá, assumiram uma paróquia, no município de *Rosário Oeste* e outra ao sul, em *Entre Rios*. Inicialmente, o trabalho foi bem árduo, enfrentaram muitos problemas como a falta de recursos financeiros, a dispersão e o isolamento da fraternidade devido às distâncias e as diferenças culturais. Depois de algum tempo, optaram por desenvolver as atividades religiosas e um intenso trabalho de reconstituição de igrejas na região sul, concentrando-se em Campo Grande (1950), onde construíram a Igreja - Conventual de São Francisco de Assis, junto à nova paróquia, onde os franciscanos, bem como o padroeiro eram desconhecidos pela comunidade.

Observando e refletindo sobre diferentes fontes orais, escritas e imagéticas, produzidas naquele período, como a Igreja-conventual com seu estilo arquitetônico tradicional colonial, os vitrais que narram a vida do padroeiro, o uso do *Tau* que os jovens aprenderam a carregar no peito - a disposição do altar, das esculturas de Cristo e do Santo franciscano tecendo relações de identidade através dos estigmas, o acervo fotográfico da Missão, os livros de história e memória franciscanas nos revelaram representações franciscanas, ora para criar e perpetuar tradições, ora para renová-las, mas sempre com a intenção de produzir identidades e permanência no campo do sagrado.

O segundo momento da pesquisa (anos 60 à 80 do século XX) discorre sobre as representações franciscanas ressignificadas no processo de renovação católica, no contexto imposto pela modernidade. Era preciso produzir uma ação catequética menos tradicional,

descentralizando o poder, a favor de uma relação participativa para com os fiéis. No Brasil vive-se o período de ditadura militar (1964-1985), a Igreja entre alianças e rupturas com o Estado, aproxima-se das massas, percebendo que, embora liderasse em números de adeptos, não era expressiva a participação dos leigos na paróquia, além de crescer o interesse das massas com relação a outras religiões.

A Igreja Católica promoveu reorientações pastorais, iniciadas no Concílio Vaticano II (1962-1965) convocado por João XXIII, e na Conferência Episcopal de Medellín (1968), resultando na elaboração do Plano Pastoral de Conjunto pela CNBB (1965), que fomentou a unidade visível (o corpo católico sob a liderança do Pontífice e bispo), a participação ativa dos leigos, a ação litúrgica renovada e a formação das comunidades Eclesiais de Base/CEBs, a partir da família paroquial, em 1964, na paróquia São Francisco.

Na América Latina, formulou-se uma consciência católica de que o acúmulo do capital produzido com o lema do desenvolvimento causava miséria e exclusão de massas. A Igreja mudou de prática e discurso, na tentativa de implantar a “Igreja Povo de Deus”, denunciou as injustiças sociais e promoveu a organização e a consciência do povo para os processos de mudança e libertação, surgindo, então, a Teologia da Libertação.

Nesse momento, percebe-se, claramente, o quanto as representações franciscanas tornam-se importantes para Igreja, pois, segundo Boff (1981), o discurso católico dos anos 60, se aproximou da proposta utópica dos primeiros franciscanos e de São Francisco de Assis, pela sua identificação com os pobres e o Cristo pobre. O Santo torna-se o patrono e legítimo representante do cristianismo libertário em favor dos pobres, dos escravizados e dos excluídos, produzindo o carisma e a fraternidade universal para com todas as criaturas (ecologia - social).

Para os franciscanos, o discurso que aproximou a Igreja dos pobres foi essencial para identificação dos missionários com o povo. No antigo sul de Mato Grosso, renovam-se as representações franciscanas, a partir do Santo estigmatizado e reconstrutor de Igrejas (anos 50), traz a tona a identificação de São Francisco e os missionários com o carisma, como se observa na memória de Frei Osvaldo Braun, O. F. M, reconhecido como o “*Bom*” e o “*Pai dos Pobres*” (1964) na Chapada dos Guimarães.

No antigo sul de Mato Grosso, as renovações católicas, na diocese de Campo Grande, foram implementadas lentamente. As primeiras renovações em 1964, foram com relação à missa que passou a ser rezada em língua portuguesa e a preocupação da formação da família paroquial, como podemos observar na paróquia São Francisco de Assis. Em

1972, foram organizadas as primeiras CEBs, e realizado o treinamento no IRPAMAT (1977) promovendo o *agrupamento, evangelização e a escolaridade*.

Apesar do discurso participativo renovador, percebeu-se que houve uma resistência das tradições católicas, onde as inovações ficaram muito mais por conta dos rituais apresentando as variações culturais, apesar da conquista do espaço dos leigos nos ministérios e nas ações desenvolvidas na comunidade, a relação sempre foi difícil, houve uma resistência dos grupos religiosos tradicionais, além do domínio, isolamento e individualidade dos sacerdotes no interior das paróquias.

Leonardo Boff (1981, p. 94) criticou a Igreja, pois se apresenta hierárquica e contraditória entre o que pensa e o que faz, precisa, na realidade, possibilitar um exercício democrático participativo. Esse problema é presente na diocese de Campo Grande, com o caso de Dona Catarina descrito na pesquisa, na cartilha das CEBs. Essa senhora, apesar da participação ativa, no grupo comunitário, a Instituição esperava que ela cumprisse um papel social, obediente à hierarquia católica e definido pela sociedade tradicional patriarcal, como serva religiosa, sem perder, porém a sua essência popular e sem deixar de ser o que deveria, mãe e esposa dedicada. Ela jamais foi aceita como ativista em um movimento cristão e renovador social.

Segundo Boff (1981, p. 209-216), o movimento participativo através das CEBs, que se realizava a favor da libertação do povo oprimido, não era apenas um meio de evangelização popular, mas se caracterizava por meio da relação fraterna e comunitária, atuante contra as injustiças sociais e as problemáticas como a carestia, o desemprego e a falta de serviços básicos, articulados, muitas vezes, com líderes comunitários, agindo para formação libertária do povo e uma transformação da realidade. Movimento que pretendia através da espiritualidade e partilha comunitária, uma práxis libertadora.

Em algumas paróquias brasileira, foi possível a formação da consciência popular libertária e um maior engajamento da comunidade, possibilitando um vislumbrar da real transformação social, que teria sido imposta ao pobre na América Latina. No entanto, a própria Igreja Católica mudou de direção, impondo novos rumos para o trabalho a ser desenvolvido pelas comunidades católicas. Situação observada, em particular, na paróquia São Francisco de Assis, onde o movimento das comunidades foi renovado com a presença marcante dos movimentos cristãos como carismáticos, neocatecumenatos e outros.

A Igreja que havia se comprometido com o projeto político popular, em favor da consciência de libertação do povo face às opressões históricas, por meio das Comunidades Eclesiais de Base, mudou de posição. O Papa João Paulo II (1979), no Seminário de

Puebla, na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, afirmou o compromisso cristão com os pobres, reforçando a unidade entre sacerdotes e leigos, mas repreendeu interpretações errôneas e ambíguas dos documentos (Concílio Vaticano II e CELAM), que teriam levado alguns representantes do clero e leigos a se engajarem em movimentos políticos – sociais, reforçou a idéia da renovação e libertação dos pobres, através do caminho do Evangelho e da tradição católica.

Novas representações vão sendo produzidas ao longo dos anos 80. João Paulo II edita a "Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação", posicionando-se contrário ela conclama as paróquias a desenvolverem a pastoral familiar, produzindo o discurso de que a Igreja aliada à família promoveria o enfrentamento dos problemas sociais, como o flagelo da pobreza, o divórcio e o aborto. São muitos os movimentos cristãos que surgem no interior das comunidades católicas, como a Renovação Carismática, os Neocatecumenatos, o Movimento Familiar Cristão e outros de cunho mais espiritual e menos social.

Na Paróquia São Francisco de Assis, o pároco Frei Miguel Löfler (1979) implementa o Neocatecumenato que, de certa forma, promoveu um novo direcionamento às relações nas comunidades, em uma linha mais espiritualista, segundo o Frei, anteriormente as pessoas estavam mais preocupados em resolver as dificuldades locais como água encanada, luz, falta de emprego e outros, isto acarretava problemas nas relações comunitárias, como disputas internas pelo poder nos bairros, a pastoral usava de psicologia e sociologia. O trabalho com as CEBS havia se tornado muito difícil, optaram, então, pelo Caminho Neocatecumenal, com o aval de João Paulo II. Segundo frei Miguel, o diálogo e o carisma são favorecidos nessas comunidades, pela intervenção do Espírito Santo. Percebe-se que tanto nas Comunidades Eclesiais de Base como nas Comunidades Neocatecumenais, há a imposição de valores católicos que determinam comportamentos sociais e econômicos na vida de seus participantes, através de métodos muito parecidos.

O Caminho Neocatecumenal, implementado por um leigo – Kiko – que busca exemplo de vida em São Francisco de Assis e, portanto, traz à tona com um novo verniz, na paróquia franciscana, um discurso que comunga com as necessidades internas da própria fraternidade, que passava por um período de renovação e busca das próprias identidades, devido à nova formação caracterizada por diferenças culturais dos irmãos franciscanos. Dessa forma, as representações que fortalecem as identidades tanto com a comunidade, quanto com a própria fraternidade é o discurso que contempla representações de que o Espírito Santo une a comunidade, propõe um discurso que privilegia a

convivência de todos (inimigos, jovens, velhos), o diálogo e o carisma, ao deixar de lado a individualidade o “eu” para partilhar com o outro.

Nas relações comunitárias, ocorre um refluxo da vivência das dimensões social e política em detrimento de uma valorização dos movimentos espiritualistas.

As relações entre as comunidades, por meio do processo de identificação, criam um sentido para o viver orgânico entre os indivíduos, fornecendo um discurso que produz a partilha das mesmas idéias, valores, que reproduzem representações católicas, impedindo ver tanto a realidade para transformá-la, como perceber as falhas da própria instituição católica, fortalecendo e permitindo a perpetuação do poder divino, reformulando velhas tradições da Igreja. A vivência comunitária, busca renovar as relações identitárias com o Santo Padroeiro e a própria fraternidade que produz espelho, cujo reflexo deva ser a própria Igreja, não as subjetividades e realidades da comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos manuscritos:

LIVRO CRÔNICAS DA MISSÃO FRANCISCANA NO MATO GROSSO – 1963

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME I  
-1958-1964

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME II  
-1965-1966

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME III  
-1967

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME IV  
-1968

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME V  
-1969

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME VI  
-1970

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME VII-  
1971-1972

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME VIII  
-1973

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME IX  
-1974

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME X  
-1975

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME XI  
-1976-1977

LIVRO TOMBO DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE /ADCG VOLUME XII  
-1978

LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS Nº1 – 1950 - 2006 -  
IGREJA CONVENTUAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM CAMPO GRANDE-  
MS

II DIRETÓRIO DE PASTORAL 1992

VII PLANO DE PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE – 1992



INFORMATIVO DIOCESANO Nº 13, JAN./1987

COMUNICAÇÕES - CARTA DE INFORMAÇÕES À PROVÍNCIA-MÃE DE FULDA Nº1 -1984

COMUNIDADE FRANCISCANA/CF CARTILHA DO JUBILEU- 1978

ATA DA REUNIÃO DO PRESBITÉRIO /ADCG - Nº1 - 05.1975

A ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES, O CONSELHO PAROQUIAL DE PASTORAL E SUA COORDENAÇÃO - 2003

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA ORGANIZAÇÃO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS, CONFORME O CONSELHO PAROQUIAL DE PASTORAL -2006

ESTATUTO DO CAMINHO NEOCATECUMENAL, 2003

CARTILHA DA COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE – ADCG – 1998

APOSTILA DO CAMINHO NEOCATECUMENAL - SHEMA, 1988

O JORNAL O FRANCISCANO.-2003

DOCUMENTOS PONTIFÍCIAIS:

- CONCÍLIO VATICANO II (1962- 1965)

- CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MEDELLIN (1968)

- II CONFERÊNCIA LATINO AMERICANA EM PUEBLA (1978)

- PLANO DA PASTORAL DE CONJUNTO /PPC (1966-1974).

-----  
ABREU, Martha. *Religiosidade popular, problemas e história*. In LIMA, Lana (Org.). *História e Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2002.

ALBERIGO, G. (Coord.). *História do Concílio Vaticano II (1959-1965)*. Vol. 01: *o catolicismo rumo à nova era: o anúncio e a preparação do Vaticano II (Janeiro de 1959 a outubro de 1962)*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALVES. Márcio M. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Paulinas, 1983.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- BARROS, José D'Assunção Barros. *O campo da História: Especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira S. A, 1993.
- BAPTISTA, A. P.. *O Eterno ao Moderno: Arte Sacra no Brasil. Anos 1940-50*. Tese (Doutorado em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ). Rio de Janeiro. 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. RJ: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BEOZZO, José Oscar. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Segunda época. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BETTO, F. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BITTAR, M. *Geopolítica e separatismo na elevação de Campo Grande a capital*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder – ensaios de eclesiologia militante*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- \_\_\_\_\_. *E a igreja se fez povo- Eclesiogênese- A Igreja que nasce da fé do povo*. Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A teologia da libertação: balanço e perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996.
- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BORGES, F.T. de M. *Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso – 1870 a 1930*. 2 ed. São Paulo: Scortecci, 2001.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAMPO GRANDE - 100 ANOS DE CONSTRUÇÃO. 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- \_\_\_\_\_. MALERBA, Jurandir (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: São Paulo: Papirus, 2000.

CASTILHO, Maria Augusta de. *Um estudo sobre o 1º Bispado em Campo Grande – MS (1958-1978)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de história*. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes, 1972.

CORRÊA, Lúcia S. *História e Fronteira: o sul de Mato Grosso 1870- 1920*. Campo Grande: editora UCDB, 1999.

DURAND, Gilbert. Tradução do Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho. *L' Imaginaire essai sur les sciences et la philosophie de i' mage*. Paris: Hatier, 1994.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELSING, Frei Jorge. *Entre os Rios Paraguai e Paraná. Experiências e reflexões de um missionário franciscano no Mato Grosso*. Campo Grande/MT, 1988.

FARIAS, Damião Duque de. *Crise e renovação católica na cidade de São Paulo: impasses do progressismo e permanências do conservadorismo (1945/1975)*. 2002. 436 f. Tese (Doutorado em História Social) FFLCH /USP, São Paulo.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GALETTI, Lylia S. G. *Nos Confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*, 2000. 358. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo.

GARDIN, Cleonice. *Campo Grande entre o sagrado e o profano*. Campo Grande/MS: ED. UFMS, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Org). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HOLANDA, Sérgio B. de. *Monções*. 3 ed. Ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBSBAWM. Eric. *A era dos extremos, o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

IGREJA CATÓLICA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KNOB, O. F. M. *A Missão Franciscana do Mato Grosso do Sul*, São Paulo, SP: Edições Loyola, 1988.
- LEFEBVRE, H. *La presencia e la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Documento/Monumento*. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo : Ática, 1992. p. 12-28.
- LÖWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAFFESOLI, M. *No fundo das Aparências*. Tradução de Gurovitz, Bertha Halpern. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MARIN, J R. *O acontecer e “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. 2000. 566 f. Tese (Doutorado em História) – FCL/UNESP, Assis.
- \_\_\_\_\_. *História e historiografia da romanização: reflexões provisórias*. In *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUF SC. N.30, 2001.
- MAFESSOLI, Michel: *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MATTOSO, J. *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa: Ed. Estampa, 1988.
- NEOTTI, Irmã Lúcia. *Formas de vida das Irmãs Catequistas Franciscanas*. 1971.
- NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *História da vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo, SP: Cia das Letras, 1981.
- OLIVEIRA, C. M. S. *Discursos e Representações: uma análise dos sistemas simbólicos do poder através do Barroco na Paraíba*. In Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia, 4., 2004, Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <[www.naya.org.ar/congreso2004/ponencias/carlamarysoliveira.doc](http://www.naya.org.ar/congreso2004/ponencias/carlamarysoliveira.doc)>. Acesso em: 15 jan. 2006.
- PAES, M. H. S. *A década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 1997.
- PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

- PRIETO, S. S. *Y qué es la historia?* Madri: Siglo XXI de Espanha Editores, 1995.
- PROST, A. e VICENT, G. Tradução Denise Bottmann. *História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- QUEIROZ, Paulo R. Cimo. *Temores e esperanças: o antigo sul de Mato Grosso e o Estado nacional brasileiro*. In: Fórum de Pesquisa do Programa Associado de Pós-Graduação em História UEM/UEL.. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX): notas para discussão*. Dourados, 2004. 38p. Digitado.
- \_\_\_\_\_. *História e região: desafio teórico ou falso problema?* In: Semana de Estudos Históricos do CEUC/UFMS. I.. 1993, Corumbá.
- REVISTA MAL - ESTAR E SUBJETIVIDADE, Fortaleza nº 1, 2005, p 151.
- SPOTO, D. Tradução S. Duarte. *Francisco de Assis – O Santo Relutante*. 2003.
- \_\_\_\_\_. *Francisco, o Santo Relutante. Veja*, São Paulo, p. 104 – 108, 18 jun. 2003.
- SILVA O.F.M., J. A. da. *A reforma eucarística do Concílio Vaticano II vista dentro do contexto histórico geral da liturgia*. In: Seminário Nacional sobre a Eucaristia na vida da Igreja. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.cnbb.org.br/documento\\_geral/02areforma\\_eucaristica.doc](http://www.cnbb.org.br/documento_geral/02areforma_eucaristica.doc)> Acesso em: 16 mai. 2006.
- THEODORO, Janice. *América barroca: tema e variações*. São Paulo: EDUSP/ Nova Fronteira, 1992.
- VICENT, G e Prost, A. *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1992.
- VOLVELLE, M. *Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

Autorizo a reprodução deste trabalho  
Campo Grande, 15 de novembro de 2006.

ALINE CERUTTI PEREIRA